U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A Boa Nova
Ensaio de um projeto de intervenção numa antiga Fábrica de Conservas

Maria Valentim Morais Castro

M

2023

U.PORTO

Maria Valentim Morais Castro. *A Boa Nova*. Ensaio de um projeto de intervenção numa antiga Fábrica de Conservas

M.FAUP **2023**

***A Boa Nova*. Ensaio de um projeto de intervenção numa antiga Fábrica de Conservas**

Maria Valentim Castro

FACULDADE DE ARQUITETURA

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA

A Boa Nova
Ensaio de um projeto de intervenção numa antiga Fábrica de Conservas

Maria Valentim Morais Castro

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Orientação
Professor Doutor Luís Soares Carneiro

FAUP
2023

Nota prévia:

A presente dissertação segue um modo de leitura *double page*, acompanhando quase sempre o texto com ilustrações presentes na página oposta.

Algumas das imagens apresentadas foram redimensionadas, cortadas e/ou editadas pela autora e têm a respetiva legenda no índice iconográfico.

As citações transcritas que estejam numa língua que não a língua portuguesa foram traduzidas livremente pela autora de forma a não perturbar a leitura fluída e coerente.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Luís Soares Carneiro pelo acompanhamento e disponibilidade durante este percurso, e por me ter feito apaixonar pela Arquitetura quando tive o prazer de ser sua aluna.

À Câmara Municipal de Matosinhos, fundamentalmente à equipa do Arquivo Municipal, que sempre se mostrou disponível para aceder aos meus pedidos em virtude do desenvolvimento deste trabalho.

Ao Tiago Eusébio, que prontamente me ajudou a fotografar o edifício em estudo.

Aos meus pais, o meu porto de abrigo, que acreditaram sempre em mim e que apoiaram sempre as minhas decisões.

Aos meus avós, fonte inesgotável de amor, força e paciência, que são a minha maior inspiração.

À minha restante família e amigos, que são família também, pela presença assídua e atenta durante todo o meu percurso.

Ao Gonçalo, que foi sempre mais do que aquilo que eu podia pedir-lhe.

O meu muito obrigada.

ABSTRACT

The subject of this dissertation is an intervention in a pre-existing building, aiming to study, as well, the Industrial Architecture. The structure and narrative of this work is meant to be clear, organized and representative of the process and conception of the project.

Reaching from the general to the particular, in order to develop this intention and consolidate knowledge, the structure of the work has approached an historical context that culminates coherently in a practical exercise and intervention project.

The primary goal of this essay is this practical exercise that addresses the building of the ancient cannery *A Boa Nova*, currently in ruins, located at the southern area of Matosinhos, and its transformation and recreation into a cluster and communitary business center, with a green exterior area and relations between all its parts.

The preliminary program interpretes the needs of the population and the territory, attending the community needs and taking care of the preservation and appreciation of the patrimony, responding throughout an idea that is a timely, feasible, necessary project that becomes an asset to the territory.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo a elaboração de um projeto de requalificação de uma pré-existência, alicerçado no estudo da Arquitetura Industrial, que se desenrola segundo uma narrativa que se pretende clara, organizada e que espelhe o processo e pensamento projetual.

Partindo do geral para o particular, é realizada uma contextualização e problematização teórica de modo a concretizar, de forma coerente, um projeto de intervenção. Este processo de investigação divide-se, então, em duas partes, que se encontram em permanente diálogo.

O propósito final é um ensaio de projeto no edifício da antiga Fábrica de Conservas *A Boa Nova*, atualmente devoluta, na zona Sul do concelho de Matosinhos. É proposta a sua conversão num equipamento de usufruto coletivo, que funcionará como uma incubadora de pequenos negócios e *cluster* empresarial, com espaço verde anexo e relação entre as partes e ambientes que o integram.

O programa proposto advém da interpretação das necessidades da população e do território a intervir, atendendo às necessidades comunitárias e salvaguardando a valorização do património, de modo a elaborar um projeto oportuno, exequível, necessário, e que se torne uma mais valia para o território.

ÍNDICE

Agradecimentos
Abstract
Resumo
1. Nota Introdutória **10**

2. Circunstância - Objeto de Estudo **13**
2.1. Arquitetura Industrial Moderna - A influência internacional e o caso concreto de Portugal **15**
2.2. Património - Valores e Identidade **23**

3. Lugar **35**
3.1. Matosinhos - Cidade Industrial **37**
3.2. Matosinhos - Cidade Transformada **45**

4. *A Boa Nova* - Passado e Presente **53**
4.1. História **55**
4.2. Pré-Existência **57**
4.3. O Edifício - Estado atual **65**

5. *A Boa Nova* - Futuro **71**
5.1. Necessidades do território **73**
5.2. Programa - Definição e conceito **77**
5.3. Estratégia de Intervenção - Metodologia e intenções **89**
5.4. Projeto **93**

6.1. Notas Finais **125**
6.2. Referências bibliográficas **126**
6.3. Referências iconográficas **128**

7. Anexos **135**

1. NOTA INTRODUTÓRIA

O desenvolvimento desta dissertação surge como complemento a um percurso académico que pretende, no seu término, compreender a pertinência de intervir em edifícios devolutos, atribuindo-lhes novos usos, novas relações e um novo propósito, reforçando também a sua origem e memória. Esta é, na contemporaneidade, uma das prioridades inerentes ao trabalho de um arquiteto: conferir um maior valor a uma construção que se encontra degradada e que contribui para a descaracterização e desvalorização do território onde se insere.

A partir da escolha prévia do tema a abordar, a arquitetura industrial, o trabalho desenvolveu-se interpretando o valor desta matéria enquanto património e o entendimento das suas estruturas enquanto objetos arquitetónicos de exceção.

Esta excecionalidade justifica a multidisciplinaridade de interesses acerca da matéria: é apelativa para arquitetos, historiadores, arqueólogos, industriais e engenheiros, tornando-se também por isso uma área de trabalho rica e interessante em múltiplos níveis.

O interesse que surgiu pelas construções industriais deve-se ao facto de estas serem o contacto mais próximo com as comunidades que as criaram, desenvolvendo linguagens próprias e adotando soluções construtivas semelhantes com materiais específicos, dado que o papel do arquiteto neste edificado surgiu já numa época tardia. Em simultâneo, as grandes dimensões deste tipo de construção potencia um vasto leque de opções de reabilitação, quer ao nível de programa como de estratégia de intervenção.

A preocupação em valorizar e reabilitar o património industrial é uma atitude relativamente recente, do final do século XX, que surge como um movimento de defesa do mesmo face ao abandono e destruição de inúmeras fábricas no decorrer do século, dado que não eram consideradas suficientemente excecionais a nível arquitetónico para serem conservadas, ignorando qualquer impacto que possam ter tido na transformação urbana e social da área onde se implantavam.

O Património industrial é composto por vários ramos de produção, seja ela têxtil, alimentar, vidreira, cerâmica, metalúrgica, entre outras. No entanto, apesar da especificidade de cada uma dessas áreas de laboração, a importância dada ao seu edificado em desuso é idêntica.

Esboçada a natureza e contextualização do objecto de trabalho, a intervenção prática é proposta na Fábrica de Conservas *A Boa Nova,* inserida num dos principais centros exportadores da Indústria Conserveira a nível nacional: Matosinhos. A escolha do edifício deveu-se ao facto de este ser, para além de esteticamente apelativo, representativo da época industrial e do abandono de grandes e impactantes estruturas numa malha urbana consolidada e planeada, bem como da preservação da memória de uma comunidade cuja origem esteve associada à Indústria e está agora entregue ao abandono. A sua localização privilegiada, entre duas artérias importantes da cidade, a Avenida da República e a Avenida Menéres, foi também um dos motivos para a escolha deste edifício.

A estrutura do trabalho é proposta segundo uma narrativa em constante articulação entre todas as partes, que coloca questões acerca do passado, presente e futuro desta intervenção. Desde o ponto de partida advieram desafios e premissas que espelham, em suma, o processo projetual, desenvolvendo-se este em várias fases.

A pertinência de desenvolvimento deste tema é justificada pela necessidade de preservação da memória coletiva da comunidade, na figura de um edifício devoluto e abandonado, cuja intervenção contribuirá para a revitalização do território e criação de espaços e de programas que beneficiem os seus ocupantes e visitantes.

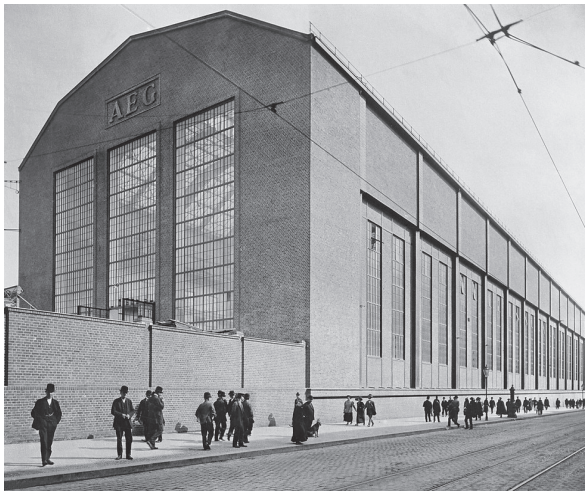
Foi relevante, desde o início da investigação, a compreensão do contexto social, económico e político do território a intervir, a sua evolução urbana e industrial e o impacto de grandes acontecimentos, nacionais e internacionais, no crescimento da cidade e da indústria. Simultaneamente, compreender a importância e o papel do arquiteto em todas as fases de conceção do projeto industrial, a influência do movimento moderno e das correntes industriais nessa conceção, e ainda os processos para intervir na ruína, associados a teorias do restauro defendidas no decorrer de décadas, que demonstram e salientam diversas posições sobre como atuar perante este tipo de edificado.

Por fim, atender às necessidades da população e do território na atualidade, propondo um programa coletivo, oportuno e compatível com a memória coletiva e com o Património Industrial, que se torne uma mais valia para a sociedade onde se insere.

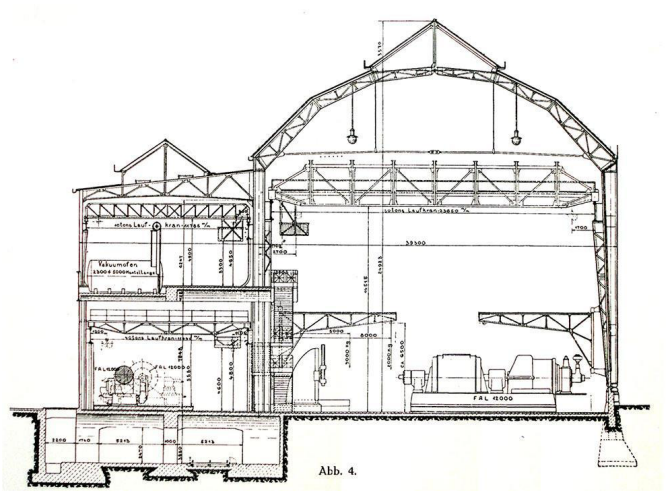


001 A Indústria Conserveira em Portugal

CIRCUNSTÂNCIA - OBJETO DE ESTUDO



002 Fábrica AEG, Berlim, 1908-1910, Peter Behrens



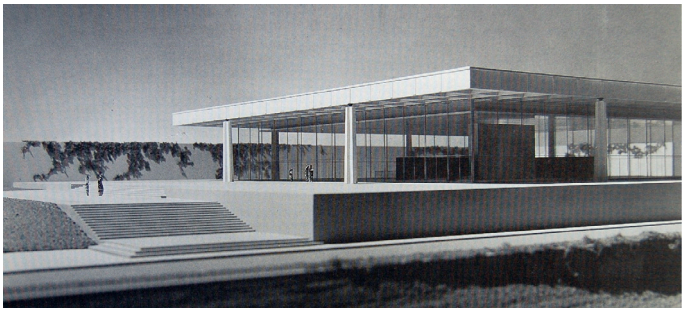
003 Corte Fábrica AEG, Berlim, 1908-1910, Peter Behrens



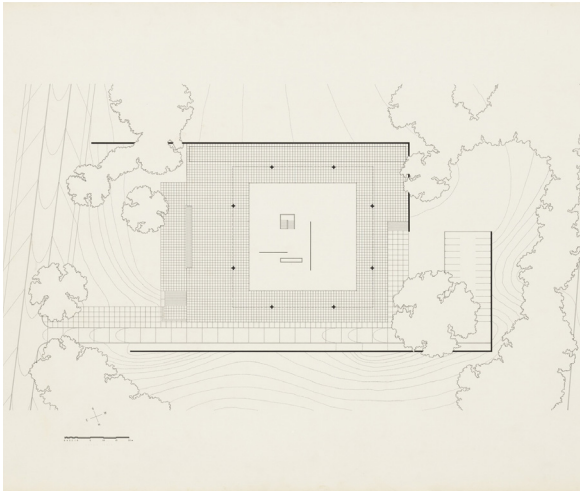
004 Fábrica Fagus, Alfeld, 1911-1925, Walter Gropius



005 Edifício Bauhaus, Dessau, 1925/26, Walter Gropius



006 Fotografia da maquete do edifício de escritórios Bacardi, Santiago de Cuba, 1957, Mies van der Rohe



007 Planta do edifício de escritórios Bacardi, Santiago de Cuba, 1957, Mies van der Rohe

2.1. Arquitetura Industrial Moderna - A influência internacional e o caso concreto de Portugal

A produção arquitetónica durante o século XIX foi condicionada diretamente pelas alterações causadas pelo processo de industrialização associado à Revolução Industrial e ao aparecimento da máquina a vapor. No entanto, o início do século XX foi marcado pela dualidade entre modernidade e tradição, e a relação entre as mesmas. Também a arquitetura nacional da época surge dessa mesma dualidade, bem como da ligação entre a circunstância e as particularidades do lugar com as diferentes linguagens.

Para melhor entender a obra arquitetónica industrial do século XX, é necessário observar e analisar os últimos anos ou décadas do século anterior, onde já eram percetíveis alguns avanços tecnológicos e estéticos fundamentais para o desenvolvimento do modernismo na arquitetura industrial, nomeadamente a produção, aperfeiçoamento e distribuição no mercado do betão armado e do aço rebitado, em particular a partir de 1890.

Aliada a estas novas correntes, a transição entre séculos foi pautada pelo aparecimento de necessidades funcionais e laborais, na figura da tipologia industrial, apesar de, em Portugal, não ser um tema muito aprofundado nas revistas de arquitetura da época, somente nas de especialidade técnica. A arquitetura industrial não era considerada arquitetura de exceção nem arquitetura corrente, e, por isso, nunca foi merecedora de atenção e de estudos arquitetónicos acerca da sua dinâmica.

Definindo como âmbito de estudo os espaços industriais que dizem respeito à produção em série, excluindo tipologias industriais relacionadas com armazenamento, energias, conteúdo oficinal e infraestrutural e obras de linguagem vernacular[1], podemos afirmar que a fábrica AEG, em Berlim, de Peter Behrens (1908-1910), é considerada a primeira obra industrial moderna, seguida pela Fábrica Fagus, em Alfeld, Alemanha, de Walter Gropius (1911-1925).

O segundo edifício mencionado, da autoria de Gropius, encontrou a sua maior influência na fábrica de turbinas AEG de Behrens, sendo vista como uma inversão da mesma. A grande diferença entre os dois exemplos diz respeito aos elementos pesados nos cantos da fábrica de turbinas, ocultando uma forte estrutura em ferro, contrariamente ao que acontece na fábrica Fagus. Neste caso, os cantos são soltos e abertos e os pilares reduzem, destacando a superfície de vidro em primeiro plano, relembrando, no caso de Gropius, o edifício da Bauhaus em Dessau (1925/26). Desta forma, Gropius afirma que "o papel das paredes torna-se restrito ao de um mero cenário ligado entre as colunas superiores e a moldura que protege da chuva, frio e barulho"[2].

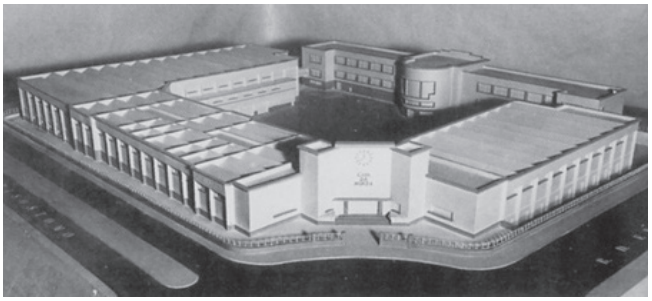
Paralelamente, nos anos de 1910 a 1920, Le Corbusier começava a mencionar esta nova tipologia industrial como a arquitetura do novo século, constituída por "formas belas, puras e geométricas"[3]. Algumas décadas mais tarde, em 1957, o pavilhão de escritórios da Fábrica Bacardi de Santiago de Cuba, de Mies van der Rohe, revela-se uma estrutura de linguagem minimalista, baseada nessas formas belas e puras, e apelidada de "caixa de aço e vidro"[4], numa linguagem bastante atual, mesmo que nunca construída.

1. FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*, S.i.: Secil, 2003, p.15

2. GROPIUS, Walter, *The New Architecture and the Bauhaus*. Londres: MIT Press Ltd,1965, p. 22 e 23

3. FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*, S.i.: Secil, 2003, p.12

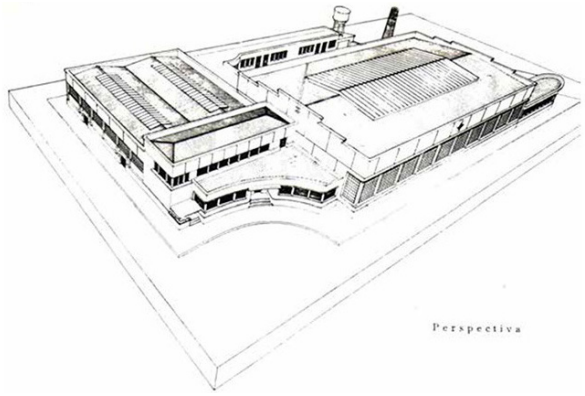
4. Idem, ibidem



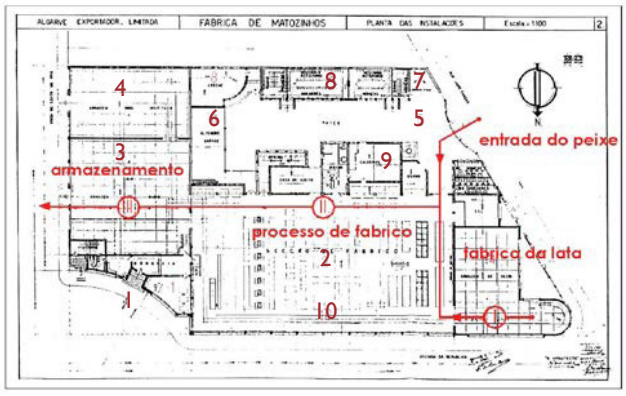
008 Maquete da Casa da Moeda, Lisboa, 1934-1938, Jorge Segurado e António Varela



009 Fachada da Casa da Moeda , 1934-1938, Imagem da época



010 Perspetiva da Conserveira Algarve Exportador, Matosinhos, 1938



011 Planta da Conserveira Algarve Exportador, Matosinhos, 1938

Organização do espaço interno da fábrica segundo o projecto original de António Varela (esquematização do autor): Verifica-se em planta a funcionalidade do sistema em cadeia que progride de forma linear.
A numeração representada pela autora corresponde à numeração da memória descritiva de António Varela: (1) gerência e acesso à habitação do encarregado; (2) secção de fabrico; (3) armazém de cheio; (4) armazém de vazio e depósito de sal; (5) entrada de serviço; (6) garagem; (7) depósito de água em elevação; (8) creche, vestiário, refeitórios e balneários; (9) habitação do encarregado; (10) galeria na secção de fabrico. Em termos funcionais, é ainda possível observar a localização do núcleo constituído pela casa das caldeiras/motor/autoclaves, depósito de guano, chaminé, casa do azeite, oficina, garagem, pátio e armazém para instituto (fiscalização).

Em Portugal, em 1910, a indústria correspondia a 21% da população ativa, com cerca de 556 mil indivíduos. Desses, apenas 100 000 eram operários, sendo os restantes artesãos e pequenos proprietários. Em poucos anos de desenvolvimento, o setor global da indústria passou a desempenhar um papel de destaque na economia nacional, mesmo com tecnologia pouco evoluída.

No ano de 1914, a Indústria Têxtil contava com cerca de 40 000 trabalhadores; a Indústria da Moagem com cerca de 18 000 operários; em terceiro lugar, a Indústria Conserveira, com aproximadamente 16 000 operários; e, por último, a Indústria Metalúrgica, com 9000 trabalhadores[5].

Devido à elevada procura no período da I Guerra Mundial, dadas as necessidades de abastecimento de exércitos e a escassez de peixe nas costas bretãs, Portugal tornou-se a segunda maior potência de exportação de conservas a nível mundial. À conta do desequilíbrio do mercado, a partir de 1910 e até 1920, a indústria das conservas atingiu o seu apogeu económico. As edificações fabris eram concentradas na proximidade da fonte da matéria prima, o mar e os portos pesqueiros, destacando-se vários centros piscatórios onde se desenvolveu esta indústria: Matosinhos, Peniche, Lisboa, Setúbal, Portimão, Olhão e Vila Real de Santo António.

Com o avançar do segundo quartel do século, desenvolve-se um contexto de menor pujança para a indústria, perante a ideologia conservadora e defensora da ruralização. Esta posição, subjacente à ideologia do Estado Novo, condicionou o crescimento industrial, face ao tradicionalismo do mundo rural.

Como resultado prático desta situação política, económica e ideológica, surgiram algumas empresas industriais condicionadas, ou seja, cujo mercado estava protegido legalmente.[6] O vigor destas novas indústrias justificou o surgimento de novas estruturas e o empenho criativo da sua decoração, resultando numa construção arquitetónica de maior qualidade e ponderação. Estas edificações alicerçaram-se na corrente artística da época, algures entre a decoração e a geometria da A*rt Déco*[7] e a afirmação do Modernismo arquitetónico, "abrindo caminho para a afirmação de um pensamento novo justificado pelo movimento impresso nas máquinas e pelo pragmatismo dos novos edifícios industriais"[8].

Em contexto nacional, da arquitetura industrial moderna podem realçar-se duas obras de grande qualidade. Primeiramente, a Casa da Moeda, de 1934/38, da autoria de Jorge Segurado e António Varela, em Lisboa, inaugurada em 1941 e monumento de interesse público desde 2012. Jorge Segurado assumiu um papel estruturante na sua conceção geral, enquanto António Varela terá sido uma figura importante na conceção dos alçados, das qualificadas volumetrias e das soluções de gaveto e de integração urbana. Esta obra é considerada, até aos dias de hoje, uma das obras mais emblemáticas da Arquitetura Moderna portuguesa. Em segundo lugar, e no território em estudo, Matosinhos, a conserveira "Algarve Exportador", também da autoria de António Varela, de 1938, incorporou vários dos princípios de caráter moderno já alicerçados na Casa da Moeda, como as altas platibandas, o disfarce das coberturas inclinadas, a estruturação e divisão por setores e os remates redondos.

5. FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*, S.i.: Secil, 2003, Capítulo I: O primeiro quartel do Século XX, de 1900 aos anos de 1920, p.24-25

6. FOLGADO, Deolinda: *A nova ordem industrial: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*; Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2010, p. 94

7. A *Art Déco* foi um estilo de artes visuais, arquitetura e design internacional que começou na Europa em 1910, pouco antes da primeira guerra mundial, e conheceu o seu apogeu nos anos 1920 e 1930, declinando entre 1935 e 1939. O seu nome tem origem da abreviação de Artes Decorativas, da *Exposition internationale des arts décoratifs et industriels modernes,* realizada em Paris em 1925. Combinou estilos modernistas com habilidade fina e materiais ricos, representando luxo, glamour, exuberância e fé no progresso social e tecnológico.

8. FOLGADO, Deolinda: *A nova ordem industrial: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*; Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2010, p. 19

No contexto europeu, havia-se assistido nos anos 20 e 30 ao aparecimento de referências como Le Corbusier e Walter Gropius, já mencionados, aliados ao racionalismo mas simultaneamente à libertação artística dos arquitetos. Em Portugal, manteve-se essa timidez no desenvolvimento arquitetónico, fortemente marcada pela arquitetura do regime, de caráter maioritariamente institucional, uma vez que "a adesão a um programa promotor da nova indústria implicava alterações culturais e sociais que colidiam com o ideário político e corporativo do Estado Novo, que através da Constituição de 1933 preconizara um Portugal arraigado a uma matriz cultural caracterizada pelo imobilismo social e pelo ideal ruralizante"[9].

"O Estado Novo representa o acordo e a síntese de tudo o que é permanente e de tudo o que é novo, das tradições vivas da pátria e dos impulsos mais avançados"[10]. Esta frase, datada de 1934 e integrada numa das principais publicações de propaganda nacionalista, "caracterizou bem a ambivalência das opções na condução da política protagonizada pelo Regime"[11]. É de salientar que, neste período, existia regularmente um compromisso entre o arquiteto moderno e progressista e a tendência de manter o tradicionalismo de modo a colaborar com o Estado. No entanto, este movimento não foi publicamente seguido por todos, dado que certos arquitetos foram contra o conservadorismo e resistiram, estética e ideologicamente, aos valores neo-tradicionalistas estimados, nomeadamente Porfírio Pardal Monteiro, da mesma geração de José Segurado, Cassiano Branco e Carlos Ramos[12].

Relativamente ao edificado público, é inegável o esforço realizado em equipamentos, habitação e espaços sociais complementares à indústria, integrando a construção fabril no quotidiano do proletariado pelo meio de melhores condições e contemplando funções como a habitação, lazer, repouso e alimentação, tornando este setor mais humanizado.

A década de 40 é, em contexto nacional, de "afirmação de uma tendência neo-tradicionalista, com recurso a formas historicistas, classicizantes, regionalistas e em geral evocativas."[13], dada a dualidade entre a tradição/conservadorismo e inovação/progresso, não querendo estes conceitos ser antagónicos mas sim complementares.

Em meados do século, entre os anos 40 e 50, "esgotava-se a chamada era do carvão, e iniciava-se a nova era do petróleo"[14]. Esta transformação, com a intenção da produção "limpa", teve inúmeras repercussões na evolução da atividade industrial.

Apenas no ano de 1946 a revista "Arquitectura" dedica alguns textos à arquitetura industrial, na medida em que procura expor as necessidades destas estruturas, nomeadamente questões de luz natural, abertura de vãos e orientação solar do edifício. A resposta a estas necessidades baseia-se num processo pragmático e racional, condicionado por questões económicas, sociais, climatéricas e geográficas, indissociáveis da componente construtiva e utilitária do projeto.

9. FOLGADO, Deolinda: *A nova ordem industrial do Estado Novo: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*, Livros Horizonte, 2012, p.300

10. Cf. Decálogo do Estado Novo: 1934

11. FOLGADO, Deolinda: *A nova ordem industrial: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*; Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2010, p. 88

12. Considerados parte de um grupo notável de arquitetos que protagonizaram a viragem modernista da arquitectura portuguesa. Pardal Monteiro destaca-se como "o que mais construiu e que se celebrizou como primeiro moderno. Sem concessões, foi capaz de pegar no fio da tradição para inovar". A sua obra marcou fundamentalmente a cidade de Lisboa.

13. FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*, S.i.: Secil, 2003, Capítulo I: O primeiro quartel do Século XX, de 1900 aos anos de 1920, p.139

14. FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*, S.i.: Secil, 2003, p.155

Em meados do século XX, no I Congresso Nacional de Arquitetura, um grupo de arquitetos portugueses reuniram-se pela primeira vez para "discutirem o significado do seu trabalho" e clarificarem a noção de arquitetura moderna, para que esta refletisse as necessidades e problemáticas da arquitetura da época. Desta forma, contrariamente ao expectável, Portugal beneficiou de "marchar na retaguarda das nações"[15] no que diz respeito ao desenvolvimento do processo de industrialização, pois permitia agir por antecipação e também estudar estratégias europeias já implementadas, na sequência de um crescimento sem planeamento.

Dada a escassa bibliografia acerca deste tema, um dos principais contributos até à data é a valiosa intervenção de Arménio Losa, com o texto "A arquitectura e as novas fábricas", incluído no Congresso, que se revelou fundamental para debater as transformações arquitetónicas que se faziam sentir no resto da Europa e, no caso desta intervenção em particular, para debater o que motivou a linguagem formal destas estruturas.

O crescimento grosseiro e descontrolado da maior parte dos parques e cidades industriais tornou-se uma lembrança constante para os habitantes destas cidades, dos odores, das chaminés e dos fumos, mesmo após as transformações urbanas, sociais e económicas levadas a cabo, contradizendo o entusiasmo pelo progresso e pela mecanização que se fazia sentir. Os alçados profundamente associados à sua função e a visibilidade constante das chaminés, que se tornaram parte da paisagem, marcaram indubitavelmente a cidade.

Assim, num crescendo da classe dos arquitetos, ainda que esta mantivesse números reduzidos, também as tipologias de intervenção se multiplicam e diversificam, de modo a que o arquiteto assuma um papel de destaque no planeamento e execução de obras como pontes, oficinas e fábricas. À semelhança do que defendia Arménio Losa, o arquiteto torna-se indispensável em todos os níveis da construção e do planeamento projetual e a sua função ultrapassa o desenho do alçado, cujo propósito era unicamente ser contemplado pelo exterior. No decorrer do discurso de Losa no Congresso, foram ainda notáveis as referências a Le Corbusier e à cidade linear industrial[16], destacando a análise e o estudo de novos conceitos urbanos, tal como o referido, em que a necessidade de desenho e planeamento urbano é indissociável da intervenção projetual.

O interesse pelas intervenções e edificações industriais, fundamentalmente o papel do arquiteto nas mesmas, surge também da preocupação em distanciar esta tipologia do estereótipo de edifícios escuros e sujos, caracterizados pelo "ruído, o estrépito, as trepidações, os cheiros (por vezes nauseabundos)"[17], associados às matérias-primas e à sua transformação, e que são considerados local de postos de trabalho indignos e precários, contribuindo para a degradação da paisagem e da sociedade.

15. LOSA, Arménio - "A Arquitectura e as novas fábricas" in *1º Congresso Nacional de Arquitectura.* Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1948, p. 127

16. A cidade linear desenvolve-se, tal como enunciado, em linha, sendo essa a sua característica mais marcante. Por norma, estrutura-se segundo uma via central em torno da qual se desenvolvem ramos secundários, e a sua interpretação varia segundo cada um dos autores que a reinterpreta: Para **Nicolai Miliutin**, é associada ao sistema de produção industrial; Para **Le Corbusier**, é uma ferramenta para atingir uma maior liberdade formal sobre o sistema viário dentro da sua proposta de hierarquia viária apresentada em "*Sur Les Quatre Routes*"; **Ernst May** desenvolve a relação cidade/indústria proposta por Miliutin no projeto para a cidade soviética de Magnitogorsk; **Lúcio Costa** apropria, no pós-guerra, a forma linear no desenvolvimento do plano piloto de Brasília; **Kenzo Tange**, em 1960, apresenta um plano megalómano de cidade sobre a baía de Tóquio.
Este modelo de pensar o urbanismo associa-se em muitas vertentes ao desenvolvimento dos transportes e à crescente importância do sistema viário na cidade, fundamentalmente ao longo do século XX. Na sua origem, está ligada ainda ao pensamento higienista e à melhoria da salubridade dos bairros operários.

17. LOSA, Arménio - "A Arquitectura e as novas fábricas" in *1º Congresso Nacional de Arquitectura.* Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1948, p. 128

No Porto, onde é reconhecida a modernidade como motor arquitetónico da época, alguns nomes começam a surgir aliados ao interesse em estudar e intervir na tipologia industrial e noutras áreas de trabalho.

Carlos Ramos, à época diretor da Escola de Belas Artes do Porto, Mário Bonito e Januário Godinho alertaram, nas suas intervenções, para a valorização da arquitetura em consonância com outras disciplinas humanas e científicas, dissociando-a de condições meramente estéticas e dirigindo as atenções para a articulação com a máquina, que marcava o início de uma nova era.

Em suma, os ideais fundamentais do Congresso reportaram-se à intervenção do arquiteto "com maior conhecimento de causa, na localização, arrumação e edificação das novas instalações industriais e de tudo quanto as cerca"[18] de forma a estudar as fragilidades e malefícios reconhecidos nestas estruturas, eliminando-os, e promovendo melhores condições de trabalho. A estrutura fabril adquire um "enriquecimento plástico conseguido através da utilização de diversos materiais de revestimento ou da conjugação entre as superfícies envidraçadas e a integração dos elementos estruturais na gramática arquitetónica"[19].

Como consequência, a tipologia industrial vai amadurecendo e as suas edificações vão-se multiplicando, definindo desde cedo a pertinência do desenho das fachadas, o cuidado na abertura de vãos e o desenvolvimento funcional e aprazível das dinâmicas associadas à laboração no interior destas estruturas.

Os projetos elaborados nas últimas décadas do século XX surgem como reflexo deste pensamento ponderado, racional e simultaneamente moderno, que culmina no desenho da forma da fábrica mas também na valorização e organização do espaço de trabalho.

Estas novas instalações, que contemplam a presença do arquiteto desde a fase inicial do projeto, passam a integrar, de um modo muito pertinente e acentuado, a vertente social, integrando no edifício espaços como balneários, refeitórios e, em alguns casos, creches, destinados à melhoria da qualidade de vida dos operários, até então desconsiderados. Também o desenho de um pátio passou a ser eminente, associando a luz natural e a relação interior-exterior à qualidade no ambiente de trabalho.

A linguagem arquitetónica torna-se mais depurada no exterior, percebendo-se o amadurecimento da corrente moderna. No entanto, complexifica-se no interior e na dinâmica funcional, organizando-se por zonas ou fases de trabalho. "O edifício industrial representa, assim, um complexo sistema funcional, relacional e produtivo, desenvolvendo-se como um organismo vivo que responde às diversas cambiantes operativas através da criação de um espaço ideal para produzir, o que expressa a condição de alterabilidade do mundo industrial e o seu perpétuo movimento de criação e de destruição."[20]

A diferença notória aquando da intervenção do arquiteto é marcada pela consciencialização de que as transformações sociais estão diretamente relacionadas com a dinâmica dos espaços. Culmina na intervenção útil, funcional e no embelezamento destes edifícios, que não são mais do que oficinas e fábricas, alicerçada na valorização dos seus operários e melhoria das condições de trabalho, que em tudo contribuem para um desenvolvimento industrial mais rápido, coeso e organizado, resultando em melhorias no edificado.

18. LOSA, Arménio - "A Arquitectura e as novas fábricas" in *1º Congresso Nacional de Arquitectura.* Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1948, p. 135

19. FOLGADO, Deolinda: *A nova ordem industrial do Estado Novo: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*, Livros Horizonte, 2012, p.302

20. FOLGADO, Deolinda: *A nova ordem industrial: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*; Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2010, p. 31

Até aos anos 70, esta seria a realidade da industrialização em Portugal, dotando de base científica e tecnológica a produção industrial. Como consequência deste investimento, os valores duplicam entre 1945 e 1957, sendo que a taxa de empregabilidade na indústria passou de 17% (em 1930) para 30% (em 1959). No entanto, não foi na Indústria Conserveira que se notou um maior crescimento, dado que "o crescimento e o aperfeiçoamento da indústria da segunda geração dependeram de uma mudança ao nível da energia, da produção de novos materais de construção aplicados aos edifícios fabris, e da melhoria do desempenho das diversas máquinas"[21], por isso, o expoente de modernização, fundamentalmente na indústria hidroelétrica, culmina, em meados da década de 70, na construção de pólos industriais autónomos em Portugal.

Deste modo, e como seria de esperar, a indústria conserveira decresceu, dado o tradicionalismo da sua atividade e falta de modernização. Em 1960/70, existiam 144 fábricas de conservas, sendo 29 em Matosinhos (produzindo 38 mil toneladas). Neste período, a Indústria Conserveira representava apenas 7,3% das exportações nacionais, longe das percentagens dos seus tempos áureos. Em 1974, esta percentagem diminuiu para 2%, existindo apenas 119 fábricas a laborar.

Em Portugal, depois do 25 de abril de 1974, a indústria conserveira vai ser alvo de uma profunda transformação, como consequência da alteração do seu papel na sociedade pós-industrial. A desvalorização das indústrias tradicionais culmina na decadência e abandono destas estruturas, provocando a sua apropriação para novas funções. No entanto, muitas vezes, esta transformação e conversão do edifício não ocorre, e a sua degradação é evidente.

Ao aproximar-se o final do século, entre os anos 1975 e 1985, de forma sucinta, a indústria conserveira manteve a sua dimensão no panorama nacional, não tendo evoluído proporcionalmente a outras indústrias como a têxtil, a de madeiras, cortiça e mobiliário. No entanto, no período entre 1985 e 2000, Portugal sofreu, no que diz respeito à indústria, uma crise de revisão global e modernização dos processos industriais, apelidado de período "pós-moderno", aliada a mudanças no panorama nacional resultantes das alterações políticas face à integração na União Europeia.

Esta crise e evolução dos processos industriais provocou a falência e encerramento de várias instalações fabris que se encontravam desajustadas e antiquadas para a cidade da época e para o seu futuro próximo.

Desta forma, o tema do que fazer à arquitetura industrial abandonada passou a ser debatido e criticado, bem como a solução para o elevado número de edifícios que se encontravam devolutos. A partir desse período e até à atualidade, o vasto património construído transformou-se em oportunidades para instalação de novos equipamentos e serviços, com propósitos sociais e culturais, atendendo à preservação da memória e identidade desses mesmos espaços.

21. FOLGADO, Deolinda: *A nova ordem industrial do Estado Novo: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*, Livros Horizonte, 2012, p.299

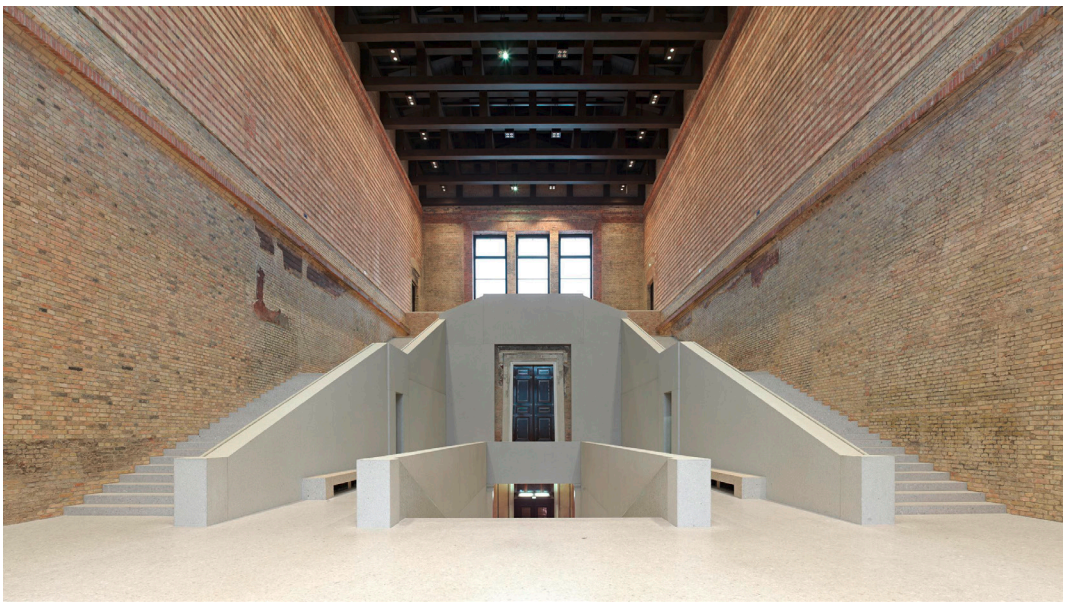


012 Vista das ruínas da cidade de Conímbriga



013 Ruínas de Conímbriga após intervenção arquitetónica, Pedro Alarcão, 2004-2006





014, 015 Neues Museum, Berlim, David Chipperfield, 1993-2009
Conservação dos elementos originais e fragmentos do edifício em ruína, complementando-os com elementos novos em betão facilmente distinguíveis

2.2. Património - Valores e Identidade

A pertinência da intervenção no Património Industrial é significativa face à necessidade de resposta a questões de caráter urbano, arquitetónico, económico e social, uma vez que a degradação e condição de ruína de grande parte dos edifícios industriais condiciona a vivência da cidade e altera a sua morfologia e identidade.

No entanto, é facilmente reconhecível a transformação que a era industrial potenciou em todo o país e, fundamentalmente, as estruturas imponentes que deixou nas cidades.

A condição de abandono e degradação de muitos dos edifícios fabris, outrora de grande destaque na malha urbana, constituiu um dos motes para o desenvolvimento da presente dissertação, bem como o entendimento deste património devoluto enquanto oportunidade de reintegração da memória industrial no quotidiano da comunidade e conversão do edifício num programa apelativo e conveniente.

Reconhecendo que, na atualidade, não é exequível nem desejável manter todos os edifícios devolutos da cidade, e dado o crescendo, nas últimas décadas, do interesse na sua reconversão e reabilitação, é necessário distinguir aqueles que fazem parte do património de interesse público e cuja presença deve ser preservada.

A noção de Património é mais antiga do que a própria origem da palavra, do latim *patrimoniu*[22] - *patri*, pai + *monium*, recebido, termo ligado historicamente ao conceito de herança, "recebido do pai". Para além disto, é considerado património não apenas algo que é herdado mas também algo que é parte da memória e da identidade de uma determinada comunidade ou sociedade, e que tem um determinado valor característico do meio onde se insere.

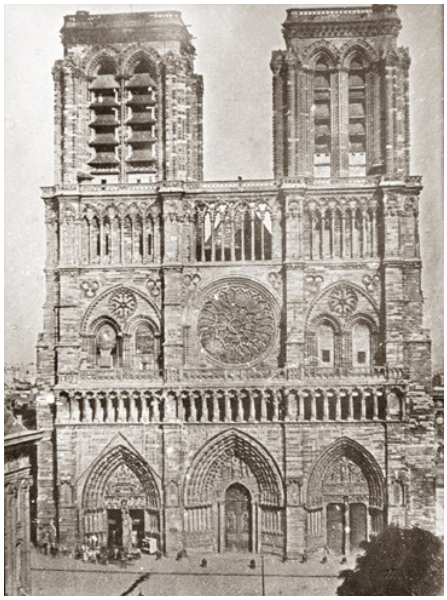
[22] FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2ª edição, Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2986, p.1 282

De um modo geral, a condição que melhor define a designação de património é a sua simbologia e capacidade de refletir a identidade de algo, ou alguém. Através desta identidade e transferência dos valores do passado para o presente é preservada a memória desse mesmo património num determinado grupo de indivíduos, diferenciando-os.

No entanto, é necessário filtrar e optar por certas estruturas e vestígios para serem considerados património, no sentido atual do termo. O seu sentido original torna-se relativo e até indefinido, pois é variável nas dimensões do tempo e espaço e permeável aos referenciais de gosto e sentido estético de uma determinada época e território.

Existem várias posições sobre como intervir na ruína e vários caminhos a seguir quando confrontados com esta situação. Para a realização deste trabalho e consequente intervenção procuramos entender melhor essas posições e teorias. Os exemplos apresentados referem-se a duas intervenções que distinguem facilmente os elementos novos dos preservados, integrando-se numa posição de intervenção que será à frente abordada.

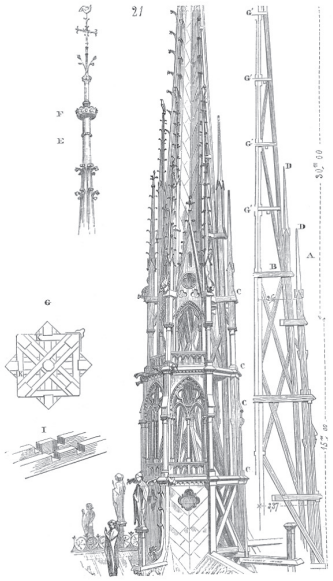
No que às particularidades da arte e arquitetura diz respeito, a valorização de elementos do passado introduziu uma alteração de paradigma acerca da forma de pensar, atribuindo um novo estatuto e pertinência à conservação. Em termos históricos, a origem da preservação de monumentos está associada à Revolução Francesa de 1789, tendo sido criada uma legislação por parte das comissões revolucionárias francesas que valorizava e protegia a generalidade do património, passando o monumento a ser provido de valor nacional, associado ao sentimento de pertença de uma determinada sociedade.



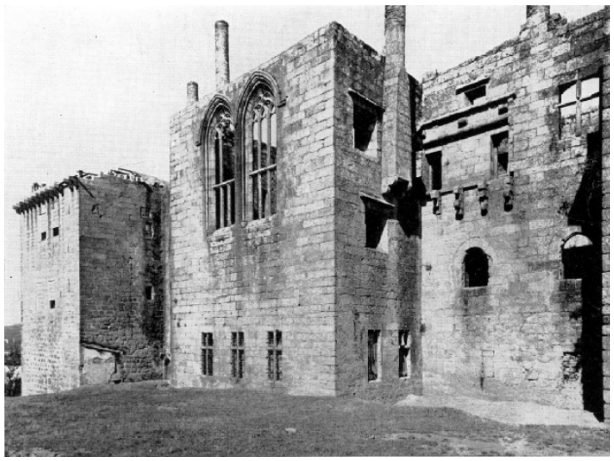
016 Catedral de Notre-Dame de Paris antes do seu restauro (c.1841)



017 Perspetiva do plano de reconstrução de Viollet-le-Duc (1843), salientando as flechas góticas sobre as torres da fachada principal



018 Destaque do sistema construtivo do pináculo, integrado no projeto de reconstrução gótico de Viollet-le-Duc

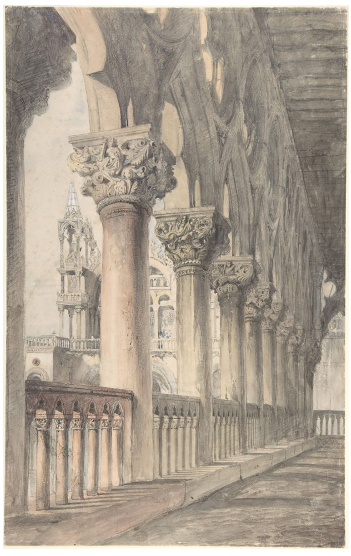


019 Paço dos Duques da Bragança em ruína



020 Paço dos Duques de Bragança após intervenção de Rogério de Azevedo (1937-1959)





021 Pormenor da Basílica de S. Marcos em Veneza, aguarela de John Ruskin, 1846
022 Loggia do Palácio Ducal de Veneza, aguarela de John Ruskin, 1851

Desenhos prévios à publicação do livro *"The Stones of Venice"* (1851-1853) em que Ruskin escreveu as bases para a teoria e prática da preservação de monumentos históricos na contemporaneidade

Nos desenhos é visível a distinção entre o desenho analítico, prevalecendo o valor decorativo do objeto representado, e o desenho pictórico que insere o monumento num cenário mais romantizado

Com o processo de industrialização e a nova era da máquina, as tradições foram várias vezes colocadas em causa. Porém, a noção do valor e significado do que se perdia foi sendo redescoberta em vários campos de trabalho, nomeadamente a preservação de edifícios pelo seu valor estético e qualidade arquitetónica e não apenas pela sua condição histórica.

À semelhança do processo lento de adaptação a uma nova era industrial, também a conservação de monumentos com valor histórico, cultural e social atuou segundo várias formas e teorias. Estas, desenvolvidas segundo bases concretas e devidamente fundamentadas, referem-se às ações de restauro e recuperação de edifícios e surgem no contexto da Revolução Francesa e do emergir do processo de industrialização, entre os finais do século XIX e início do século XX.

Numa primeira instância, distinguem-se duas posições antagónicas: uma doutrina intervencionista que defende o restauro, desenvolvida por Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879), que surgiu em França, e a sua oposta, anti-intervencionista, de Inglaterra, defendida por John Ruskin (1819-1900).

A primeira, fundamentada pelos escritos e intervenções do próprio criador, defende que "restaurar um edifício não significa conservá-lo, repará-lo ou refazê-lo, mas sim restabelecê-lo num estado de plenitude que pode nunca ter existido a um dado momento"[23]. Desta forma, pretende obter a forma primitiva idealizada para o edifício, baseado num intervencionismo militante que procura a verdade construtiva. O restauro estilístico, como foi denominado, justificava a demolição ou alteração de intervenções que tivessem sido realizadas posteriormente e, da mesma forma, permitia refazer uma obra incompleta consoante a estrutura já edificada e com vista à coerência do todo, o que podia originar interpretações erróneas.

Esta doutrina acabou por se revelar menos fidedigna pois, apesar de prezar a forma ideal original do monumento, confundia as reconstruções com as adições e resultava numa ação contrária à pretendida, provocando a perda da sua própria autenticidade. Porém, de ressalvar que, devido ao trabalho de campo e de investigação de Viollet-le-Duc, também inúmeros edifícios foram preservados e resgatados de uma possível demolição.

Em contrário, John Ruskin, acompanhado de uma visão romântica característica da Inglaterra da época, defendia o anti-intervencionismo radical ou anti-restauro, pautado pela conservação da arquitetura do passado, que deveria permanecer intocável. Amante da pintura que representava edifícios arruinados em paisagens naturais idílicas, longe da representatividade industrial, acreditava que a arquitetura, com marcas da passagem do tempo, era valorizada quando integrada na natureza, acabando por constituir a essência do edifício.

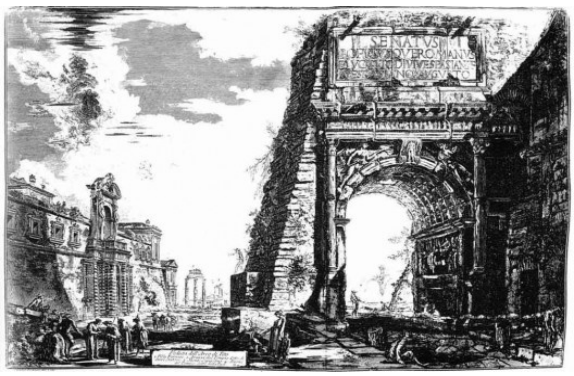
Desta forma, o monumento histórico adquire um novo valor, a memória, uma vez que, para Ruskin, "em arquitetura, a beleza induzida e a beleza acidental são bastante inconsistentes com a preservação do caráter original, e o pitoresco é, portanto, observado na ruína e é suposto consistir na sua decadência."[24] Deste modo, o sentido da Arte "não era para Ruskin um sentido autónomo, formal, literário e, por fim, moral. (...) Não é apenas uma parte e um aspeto característico da moral; é a moral em si mesma."[25]

[23] LE DUC, Viollet - *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe ou XVIe siècle*, Éd. Bance et Morel, 1854 à 1868, t.8, chap. Restauraction, p.14

[24] RUSKIN, John - *The Seven Lamps of Architecture*. Nova Iorque: John Wiley, 1849, Capítulo VI, XVI, p.160

[25] RUSKIN, John - *The Crown of Wild Olive*. Londres, Edit G. Allen, 1866, p.45





023 Arco de Tito, Roma, antes do restauro oitocentista. Ilustração de G.B. Piranesi

024 Vista atual do Arco de Tito, Roma
Boito adotou este como o exemplo mais paradigmático da sua conceção de restauro. Desenvolvido inicialmente por Raffaele Stern (1817-1819) e depois por Giuseppe Valadier (1819-1821), as peças originais reintegraram-se na construção e as lacunas refizeram-se com um material pétreo diferente do primitivo, utilizando-se o travertino em vez do mármore



025 Teatro Romano de Mérida, Espanha, Reconstrução da frente cénica por Menendez Pidal, 1964-1978

Aplicação dos princípios do Restauro Científico e introdução de uma ação mínima restauradora, implementados por Camilo Boito

A ideologia apresentada, totalmente oposta ao restauro estilístico de le-Duc, criticava, em suma, a postura do arquiteto que pretendia restaurar a forma inicial do edifício, à semelhança do exemplo da Notre-Dame de Paris e do Paço dos Duques em Guimarães, comparando essa atitude com "dar vida a um morto"[26] e propondo, ao invés, a conservação meramente preventiva, alicerçada em ações simples de manutenção.

Estas duas perspetivas, mesmo que incompatíveis, assemelham-se pela sua radicalidade e pela indissociabilidade aos valores do passado, quer seja pela sua evocação ou preservação, e anteciparam novas teorias de gerações vindouras.

O restauro científico, introduzido por Camilo Boito (1836-1914), o derivado restauro científico em contexto urbano, desenvolvido por Gustavo Giovannoni (1873-1947) e o restauro crítico, de Cesare Brandi (1906-1986) constituíram a geração seguinte de teorias e reflexões críticas acerca da constante e crescente necessidade de preservação e conservação dos monumentos, equilibrando as duas teorias extremistas adotadas até então.

Camilo Boito, através do Restauro Científico, desenvolveu uma ponte entre Viollet-le-Duc e Ruskin, defendendo uma ação mínima restauradora. Deste modo, ressalvou a crítica de Ruskin adotando uma postura de conservação dos monumentos segundo ações de manutenção, introduzindo uma ação interventiva reduzida que se aproxima do restauro mas que evita o restauro integral, excluindo de ambas as teorias aquilo que acha ser o pior de cada uma delas: a perda de identidade do restauro estilístico com base em acrescentos e a destruição nefasta da passagem do tempo associada à doutrina de Ruskin.

No decorrer do seu trabalho, ressalvou ainda a necessidade de distinguir nitidamente os elementos originais dos restaurados, diferenciando os originais com recurso a diferentes materialidades, cores, e inscrições que reflitam a data das intervenções, bem como o registo fotográfico das diferentes fases de trabalho[27].

Boito contribuiu ainda para a distinção de três métodos de restauro, consoante a classificação cronológica de monumentos: no que diz respeito aos monumentos da Antiguidade, o restauro arqueológico, com uma intervenção mínima e distinção clara entre o novo e o antigo; monumentos da Idade Média, o restauro pictórico, seguindo os critérios românticos e o respeito pela sua condição antiga; monumentos clássicos ou do Renascimento, o restauro arquitetónico, que consiste no restauro de elementos individuais, utilizando materiais de construção mais semelhantes, dada a proximidade histórica e temporal a essa época.

Em suma, esta doutrina constitui um elemento fundamental para a história da conservação, identificando cada monumento como único e específico e que necessita de uma abordagem específica, distinta das demais pelas suas características próprias.

[26] Citando John Ruskin en CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, julho 2010 (1ª edição 1982), p.24

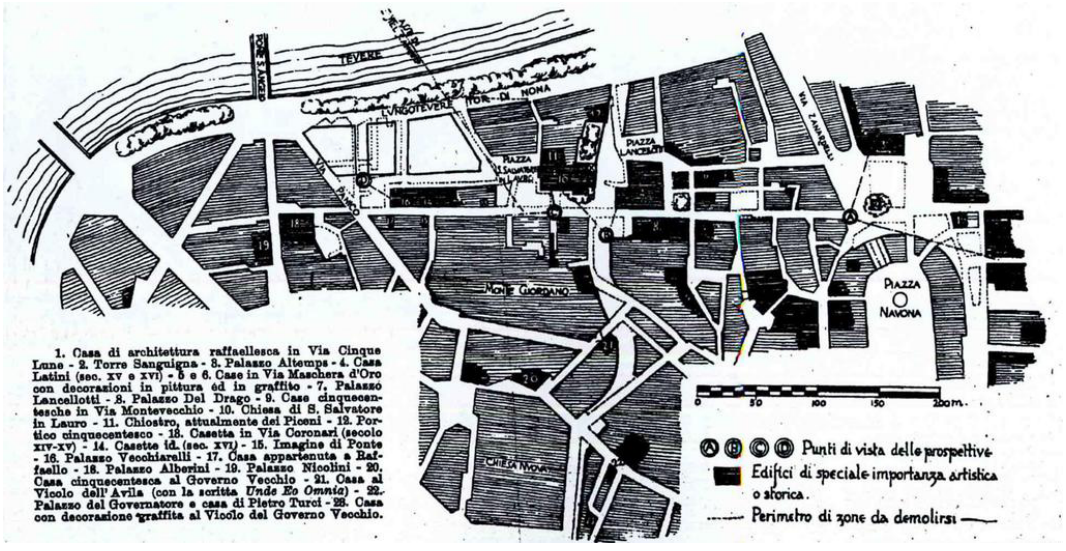
[27] Camilo Boito enuncia oito princípios apresentados no II Congresso dos Engenheiros e Arquitectos Italianos em 1883: "1º Diferenciação de estilo entre o antigo e o novo; 2º Diferenciação de materiais e o seu emprego; 3º Supressão de molduras e decoração nas partes novas; 4º Exposição das partes materiais que foram eliminadas num espaço contíguo ao monumento e aberto ao público; 5º Inscrição em cada parte renovada da data de restauro ou de um símbolo convencional; 6º Epígrafe descritiva gravada no monumento; 7º Descrição escrita e fotográfica das sucessivas fases de trabalho, conservadas quer no próprio edifício quer num espaço contíguo, quer na sua forma impressa; 8º Notoriedade da intervenção realizada." in BOITO, Camilo - *Conserver ou Restaurer: Les dilemmes du patrimoine*. Besançon: L'Imprimeur, 2000, p.41



026 Vista aérea de Roma nos anos de 1920, entre o Coliseu de Roma e a praça de Veneza, antes da reestruturação urbana para abertura de grandes vias - *sventramenti* - realizadas pelo regime fascista



027 Vista aérea da malha urbana de Roma em 1936, a mesma área representada na fotografia anterior, após as obras de construção da *Via dell'Impero,* hoje denominada *Via dei Fori Imperiali*, que foi traçada estrategicamente, como é possível ver pela comparação de ambas as fotografias



028 Esquema *"plano di diradamento"* de Giovannoni
Proposta dos arranjos da *Via dei Coronari* e ruas adjacentes, localizada no centro de Roma, 1911

Enquadrado com o Restauro Científico de Boito surge Gustavo Giovannoni, engenheiro e arquiteto italiano e importante seguidor de Boito, que esteve envolvido na elaboração das primeiras cartas nacionais e internacionais do restauro e conservação de monumentos, nomeadamente a Carta Italiana do Restauro (1931-1932) e a Carta de Atenas (1931).

No seguimento da teoria do Restauro Científico, a posição de Giovannoni defendia o princípio da intervenção mínima e retomava a essência da doutrina de Boito, no entanto, considerava cinco modelos possíveis de atuação, organizados segundo uma ordem hierárquica de prioridades: 1. a consolidação; 2. a recomposição; 3. a remoção de acrescentos ou desmontagem de partes não originais; 4. o completamento; 5. a inovação[28]. Giovanonni foi também pioneiro enquanto restaurador-urbanista, sendo o primeiro a valorizar e a reconhecer a cidade como digna de conservação e a utilizar o conceito de património urbano, tendo condenado as reformas urbanistas do início do século XX que arrasavam os centros históricos para construir vias monumentais, isolando os monumentos do contexto urbano e da restante malha, tal como é possível observar nas duas fotografias aéreas da cidade de Roma apresentadas ao lado. A sua proposta passava pela ação de *diradamento* ("de desbaste"), isto é, a recuperação de toda uma zona urbana, destruindo apenas algumas áreas que não contribuíssem positivamente para a vivência da mesma e convertendo-as em espaços de praça ou jardim, tendo em vista a construção ponderada de novos edifícios inseridos harmoniosamente no contexto urbano.

[28] AGUIAR, José, *Cor e Cidade Histórica - Estudos Cromáticos e conservação do património*. Porto, FAUP, 2005, p.38

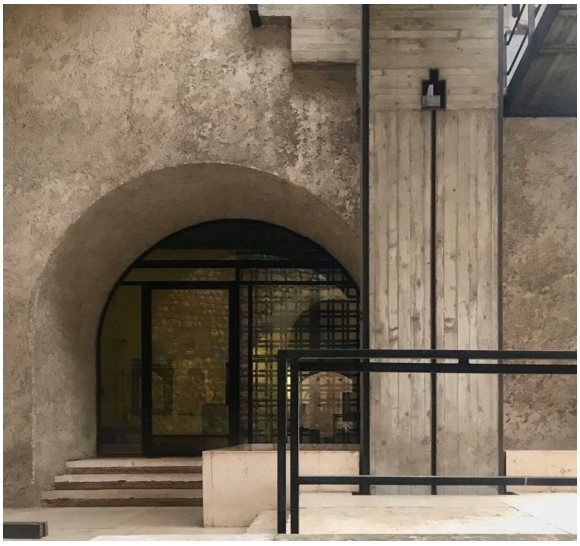
Embora a doutrina de Giovannoni tivesse sido precursora na salvaguarda do património urbano associado aos centros históricos, esta revelou também algumas situações problemáticas, nomeadamente a rigidez com que se praticavam os seus princípios, criando uma dicotomia notória entre a cidade histórica e a cidade nova, despertando a ideia de cidade-museu associada ao núcleo histórico, bem como de estagnação.

A teoria do Restauro Crítico de Cesare Brandi surgiu já no século XX, marcando uma posição de destaque na reflexão moderna desta matéria e mantendo-se atual na contemporaneidade, defendendo valores históricos e estéticos. Aliado à sua posição de administrador do Instituto Central do Restauro (IRC, 1930-1959), a consolidação e coerência do trabalho de Brandi culminou na publicação da Teoria do Restauro[29] em 1963, face ao contexto de cidades e monumentos demolidos pós Segunda Guerra Mundial. Brandi tratou os principais temas do restauro, sendo eles a unidade e o tempo da obra de arte, a sua materialidade, as adições e reconstruções de que foi alvo e a sua limpeza, defendendo valores históricos e estéticos e tornando a sua doutrina clara na afirmação de que o restauro constitui um ato crítico dirigido ao reconhecimento da obra de arte e do seu potencial.

[29] Cesare Brandi publica a "Teoria do Restauro" em 1963, enquanto Diretor do Instituto Central do Restauro (ICR) de Roma, posição que ocupou entre 1939 e 1960, e sob a qual coordenou o restauro de inúmeras obras de arte destruídas durante a II Guerra Mundial. Nesta publicação, determina princípios teóricos que servirão de base à prática do restaurador, aliando a teoria nos campos da estética e filosofia da arte com a prática e experiência desenvolvidas no âmbito do ICR.

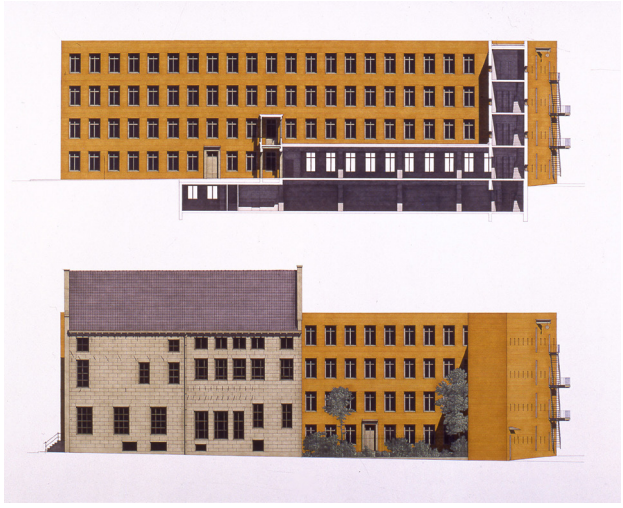
Por fim, numa época mais próxima da atualidade, surge a Intervenção Analógica, defendida por Anton Capitel e Ignasi Sola-Morales, que pretende criar uma harmonia na intervenção e não um ato contrastante.







029, 030, 031
Intervenção em Castelvecchio, Verona, Itália, Carlo Scarpa, 1956-1975





032, 033 Biblioteca de Groningem, Holanda, Giorgio Grassi, 1990-1992

Ambos os projetos não renunciam à arquitetura do seu tempo, porém criam uma harmonia com a arquitetura do passado

Esta nova doutrina assume que o modo de atuar passa por repensar a relação com os edifícios históricos. Isto é, é necessário passar de uma atitude essencialmente evasiva e cada vez mais distante, típica da preservação e conservação, para uma atitude de intervenção de projeto.

Segundo Solá-Morales, é necessário compreender que o edifício tem a capacidade de se expressar e que os problemas de intervenção na arquitetura histórica não são problemas abstratos ou problemas que podem ser formulados e resolvidos de forma transversal. Pelo contrário, eles são colocados como problemas concretos em estruturas concretas. Desta forma, a atitude mais coerente, harmoniosa e, para Capitel e Solà-Morales, a mais lúcida, seria "deixar falar o edifício perante um problema de restauro."[30]

30. SOLA-MORALES, Ignasi, - "Teorías de la intervención arquitectónica" in Revista PH. Espanha, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2001, p.21

Em suma, em termos gerais, a primeira segregação relativamente ao património distingue-se entre o natural e o cultural. O segundo, mais abrangente, contempla património material e imaterial, desde que estes constituam testemunhos de civilizações ou épocas passadas. O património cultural é o reflexo de valores, da identidade e autenticidade de uma população, preservada segundo bens arquitetónicos, linguísticos, históricos e de costumes.

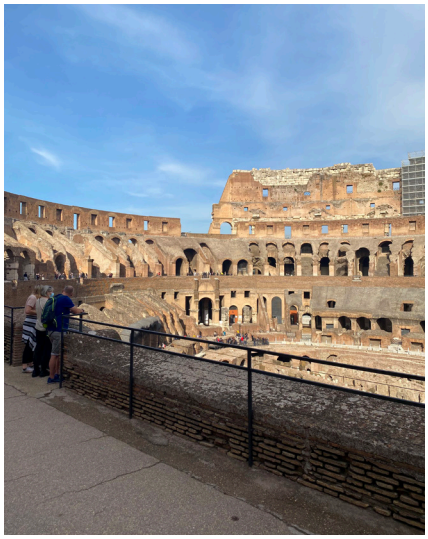
Perante a Revolução Industrial e consequente apogeu da Indústria, seguido pela falência de algumas estruturas e atividades, surgiram novas categorias e critérios de património.

Para Maria da Luz Sampaio, Diretora do Museu da Indústria do Porto, a proteção do património industrial surge na década de 1950, em Inglaterra, face à destruição de inúmeras estruturas fabris após o término da II Guerra Mundial, como descreve no seu livro *Da Fábrica ao Museu. Identificação, Patrimonialização e Difusão da Cultura Técnico-industrial* (2017). A valorização desta nova categoria de património, até então desvalorizada e inserida agora no património cultural, simboliza uma nova era, a industrial, e novas realidades urbanas, tecnológicas, sociais e económicas.

Tal como o atraso no processo de industrialização, o conceito ou ideal de preservação industrial só chegou a Portugal por volta de 1980, quando estas estruturas devolutas passaram a representar, na cidade, locais sombrios, degradados e associados a conflitos. A reabilitação e conservação destes volumes constituiriam, então, uma oportunidade de revitalização do próprio território.

Em suma, a definição de património industrial foi durante vários anos debatida, por forma a alcançar um consenso e a sua atual definição. A Carta de Nizhny Tagil (Julho de 2003), realizada pelo The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), definiu património Industrial como:

"O Património Industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação."



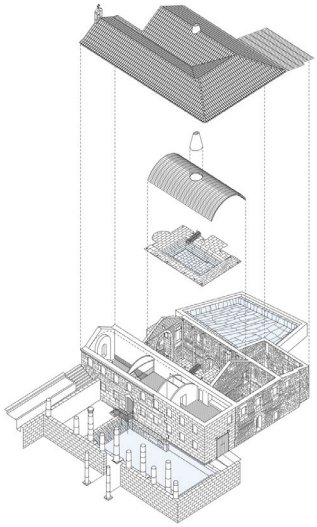


Conservação e preservação do vestígio arqueológico

Coliseu de Roma

034 Preservação do monumento no seu estado de ruína. Detalhe da guarda como ação indireta da sua conservação

035 Vista geral do monumento. Detalhe da *passerelle* e plataforma que não é invasiva perante a ruína





Musealização e resposta evocativa da memória do edifício

Termas romanas de S. Pedro do Sul
João Mendes Ribeiro

036 Axonometria explodida do projeto

037 Reconstituição do alçado principal do edifício





Reconversão e requalificação do edifício

Pousada do Mosteiro de Amares - Santa Maria do Bouro
Eduardo Souto Moura

038 Alçado e ambiente do pátio

039 Pormenor de integração do caixilho na ruína

Esta conceção foi corrigida e proposta para aprovação final em 2011, na XVII Assembleia Geral da ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), e renomeada como "Princípios de Dublin", afirmando que:

"O património industrial abrange os sítios, estruturas, complexos, territórios e paisagens, assim como os equipamentos, os objectos ou os documentos relacionados, que testemunhem os antigos ou actuais processos de produção industrial, a extracção e a transformação de matérias-primas, e as infraestruturas energéticas ou de transporte que lhes estão associadas. O património industrial revela uma conexão profunda entre o meio cultural e natural envolvente, enquanto os processos industriais – quer sejam antigos ou modernos – dependem de recursos naturais, de energia e de redes de transporte, para poderem produzir e distribuir os produtos a amplos mercados. Este património compreende activos fixos e variáveis, para além de dimensões imateriais, tais como os saber-fazer técnicos, a organização do trabalho e dos trabalhadores, ou um complexo legado de práticas sociais e culturais resultantes da influência da indústria na vida das comunidades, as quais provocaram decisivas mudanças organizacionais em sociedades inteiras e no mundo em geral."

Em termos práticos, a atitude de valorização do Património pode ocorrer segundo três caminhos distintos: A **conservação e preservação** do edifício segundo a sua forma e propósito original, que pretende manter o vestígio arqueológico ou o edifício a descoberto, seguindo algumas ações, diretas ou indiretas, para atingir essa finalidade; A **musealização** e resposta evocativa da memória do edifício, que, segundo um processo de reconstituição total ou parcial, é conjetural na grande maioria dos casos; A **reconversão e requalificação** do edifício na forma de equipamentos ou serviços adequados às necessidades da contemporaneidade, possibilitando condições ao mesmo para que este volte a funcionar em pleno. Atualmente, a última ação é a mais comum e também a mais pertinente, bem como aquela que pretendemos seguir no desenvolvimento desta dissertação. Esta escolha, que nos pareceu a mais evidente pelas inúmeras possibilidades que oferece e pela pertinência da sua execução, é a síntese do estudo elaborado neste capítulo, aplicando os conhecimentos e a matéria adquirida ao projeto apresentado. A reconversão e requalificação do edifício da Fábrica de Conservas *A Boa Nova*, mesmo que este não seja classificado como monumento, é, sem dúvida, uma intervenção numa construção inserida no Património Industrial.

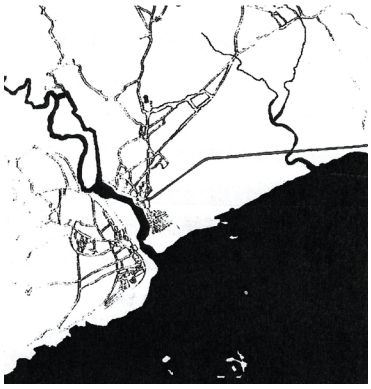
Após tomada a decisão acerca da possibilidade de intervenção num determinado edifício e contexto, esta exige o estudo e investigação do território onde se insere, bem como as mutações que definiram a cidade no decorrer do tempo, quer tenham sido espoletadas por questões sociais, económicas, culturais, ou por um fenómeno agregador de todas essas questões: a industrialização. A oportunidade de rever e investigar a história de um território e edificado é fundamental para o trabalho de intervenção e valorização do edifício onde se pretende intervir.

O estudo do passado funciona como catalisador para a ação presente e visão futura, propondo soluções que resistam ao desafio do tempo e que acompanhem o crescimento da cidade, integrando nesse processo estratégias de requalificação e reutilização de estruturas industriais e evocação da sua identidade.

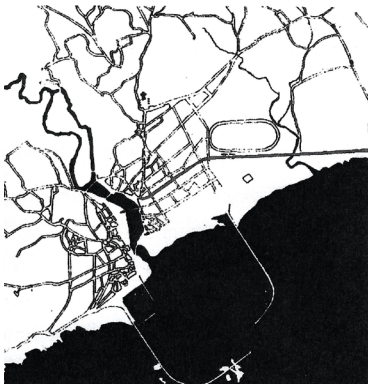


040 Vista aérea do território em estudo - Matosinhos. 2019

LUGAR



041 Século XVIII



042 Século XIX



043 1942



044 1978

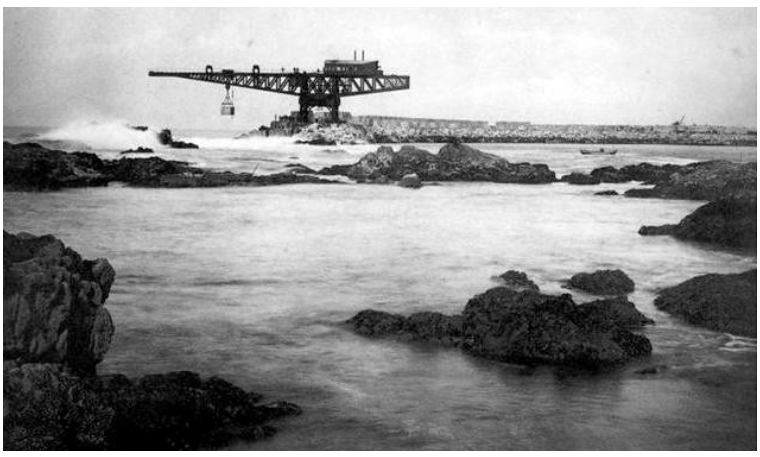


045 2000

Esquemas da evolução urbana da cidade de Matosinhos



046 Construção da 1ª doca do Porto de Leixões, c.1934



047 Construção do porto de Leixões - Molhe Norte visto dos rochedos de Leixões (1884-1892)

3. Lugar

Apesar das discussões inerentes ao tema da Arquitetura Industrial e intervenção nas suas estruturas, a primeira decisão tomada no decorrer desta investigação foi a do território onde atuar. Desta forma, foi claro que o próximo passo seria a análise do Lugar e do contexto histórico, social, económico e urbano inerentes, dado que seriam as condicionantes diretas para a construção do edificado em análise.

Este Lugar é Matosinhos, na época compreendida entre o século XVIII e a atualidade, destacando o surgimento e evolução da Indústria Conserveira, a sua interdependência com o Porto de Leixões, o processo crescente de industrialização, o abandono das instalações fabris e, por fim, todas as transformações que esses momentos provocaram na cidade.

3.1. Matosinhos - Cidade Industrial

Bouças, ou jurado de Bouças, era o nome do núcleo rural do século XV situado no local onde, posteriormente, se desenvolveu a cidade de Matosinhos, possuindo, à época, a mesma importância de uma outra reduzida comunidade no lado norte da foz do rio Leça[31]. Estas duas pequenas povoações, a primeira cuja principal atividade económica era a agricultura e, a segunda, a pesca, revelaram-se dois pólos dinamizadores do território, entre os quais se fixou, já no século XVI, a imponente Igreja do Senhor de Matosinhos (1559-1579).

Dada a passagem do tempo e a necessidade de ampliação da Igreja, realizam-se obras e apenas em 1733 é concluída a sua fachada. No entanto, tal motivo não foi impeditivo de tornar aquele templo um local de culto determinante para a evolução urbana de Matosinhos e para a sua consolidação urbanística, dada a importância que desde sempre lhe foi atribuída pela população.

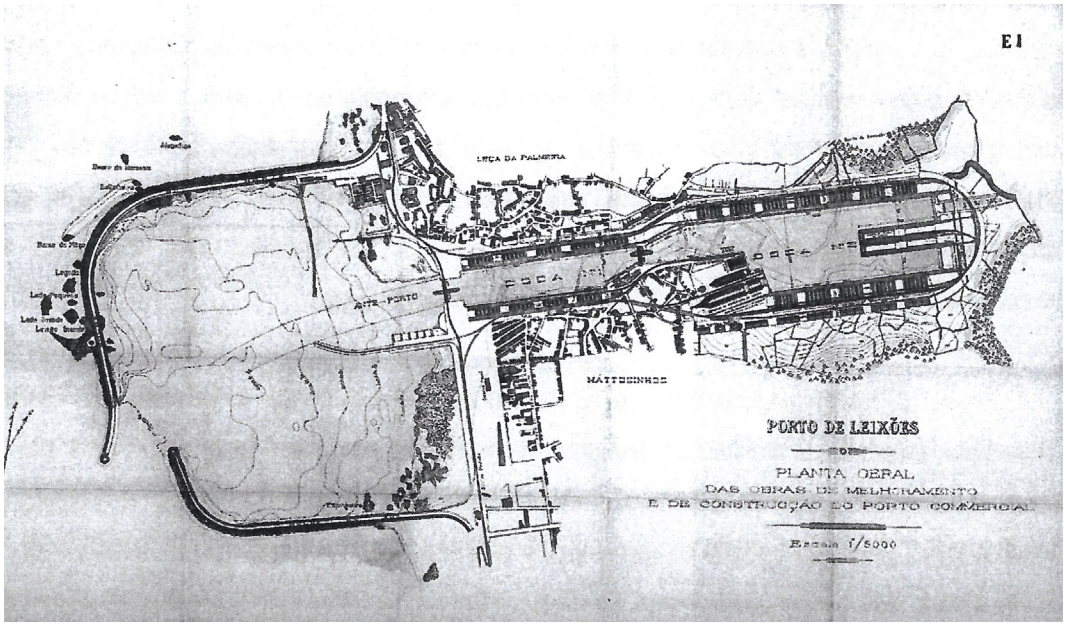
No século XVIII, Portugal era pautado por um ambiente fundamentalmente rural e Matosinhos não era exceção. Aliada à agricultura, somente a pesca surgia como uma atividade económica alternativa, constituindo uma "economia quase autossuficiente, apresentando características nitidamente pré-industriais".[32]

A Revolução Industrial (1760-1840) foi, em Portugal, mais localizada e incisiva, imposta sobretudo pelo Marquês de Pombal, mais do que pelas forças cívicas e pelo capitalismo da época, resultando no desenvolvimento acelerado de núcleos industriais, fundamentalmente na região litoral e, em destaque, em Lisboa e no Porto.[33] Em consonância com as dificuldades político-sociais da década de 30, Portugal procurou, à semelhança de épocas anteriores, viajar sobre a asa da aliada Inglaterra, onde havia espoletado a Revolução Industrial.

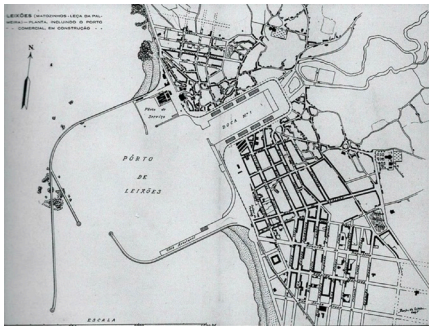
31. SALGADO, José - *Alguns aspetos da evolução urbana de Matosinhos*. Matosinhos: Boletim da Biblioteca Pública Municipal, 1986, p.7

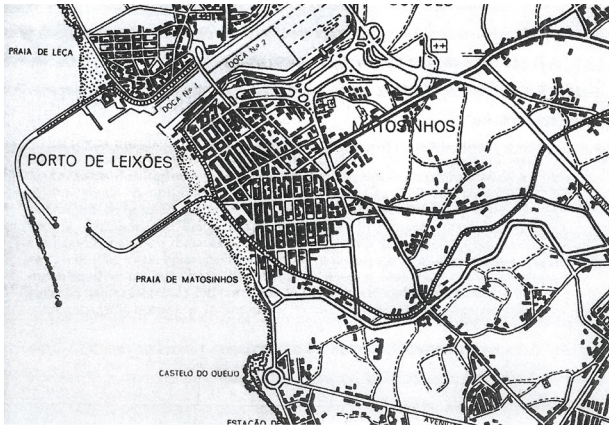
32. CORDEIRO, José M. Lopes - *A indústria conserveira: Exposição de Arqueologia Industrial*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1989, p.10

33. SALGADO, José - *Alguns aspetos da evolução urbana de Matosinhos*. Matosinhos: Boletim da Biblioteca Pública Municipal, 1986, p.7



048 Porto de Leixões - Planta geral das obras de melhoramento e de construção do porto comercial





049 Planta da cidade de Matosinhos antes da construção da segunda doca de Leixões

050 Planta da cidade de Matosinhos em meados do século XX





051, 052 Direção do ramal de Leixões ainda visível na malha urbana de Matosinhos Sul

Face a todas as inovações que advieram da Revolução Industrial, nomeadamente a transformação da manufactura em processos mecanizados, também Matosinhos desenvolveu um pequeno parque industrial que, a determinada altura, se destacava pelas suas exportações: A Indústria Conserveira.

No entanto, a nível nacional, a mecanização e industrialização teve um emergir mais lento e contido, revelando-se tardio quando confrontado com os restantes países da Europa.

Como consequência do crescimento demográfico, o processo de urbanização é notório e as transformações associadas a este e ao crescendo da industrialização assumem um papel de destaque, influenciando diretamente a produção arquitetónica e desencadeando mudanças profundas na cidade moderna.

O desenvolvimento de Matosinhos como pólo industrial advém da sua posição geográfica privilegiada, anexa à cidade do Porto, bem como da construção do Porto comercial de Leixões, e o seu desenvolvimento no século XIX. Estes fatores conferiram-lhe um maior protagonismo, tendo-se assistido a um aumento significativo da população provocado pelo afluxo de mão de obra para a construção do porto.

Longos séculos depois da identificação dos dois núcleos da fundação de Matosinhos, Bouças e Leça, e já no século XIX, a comunidade piscatória assume maior destaque, associado indubitavelmente ao aparecimento do Porto de Leixões, que potencia o desenvolvimento industrial.

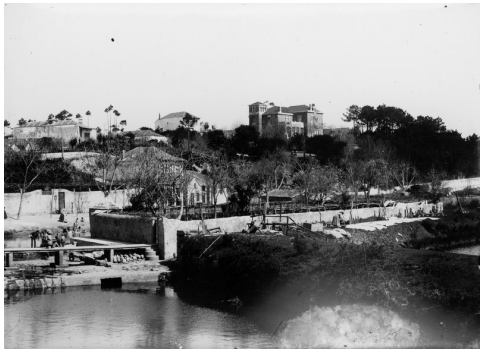
No entanto, a construção do porto, iniciada em 1884, ficou associada desde cedo a inúmeras contestações, dada a consequente perda de protagonismo da cidade do Porto, até então dominante na atividade portuária. A resultante transferência dos investidores, bem como o crescendo de atividades portuárias em Leixões, potenciaram o seu sucesso e conversão em porto comercial. A construção do porto durou mais de cem anos, dada a complexidade da sua estrutura e o seu faseamento, dividida em docas, cais e zonas.

O caminho de ferro surge em Matosinhos com uma "estreita relação com a construção do porto de Leixões e com o desenvolvimento industrial"[34]. A primeira fase de construção, concluída em 1892, é contemporânea à utilização da linha de São Gens, que começava nas pedreiras com o mesmo nome, a este da estação da Senhora da Hora, numa extensão de cerca de 7km, e seguia até à zona portuária de Leixões.

O chamado ramal de Leixões integrava parte da linha ferroviária, a que estava compreendida entre a estação de Matosinhos (antigo apeadeiro do Senhor do Padrão) e a Senhora da Hora, onde se cruzava com a linha de São Gens, visível na imagem 58 da página seguinte, e onde entroncava com a via férrea do Porto à Póvoa.[35] O ramal foi fundamental para auxiliar na construção do porto artificial e transporte de mercadorias, e, até à atualidade, é manifestamente visível na malha urbana de Matosinhos sul. Parte do leito da linha foi, mais tarde, aproveitada pelo Metro do Porto para a construção da linha azul (Estádio do Dragão-Senhor de Matosinhos).

[34] CORDEIRO, José M. Lopes - *A indústria conserveira: Exposição de Arqueologia Industrial*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1989, p.15

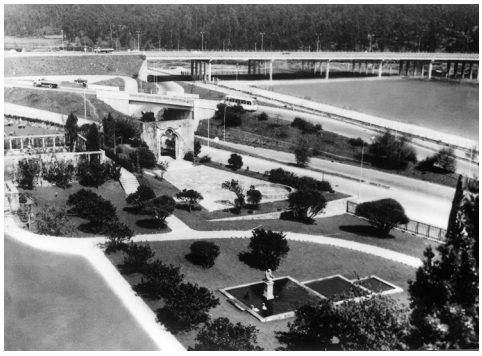
[35] Idem, ibidem





053 Vista da Quinta de Santiago, no topo da colina, durante a construção da primeira doca do Porto de Leixões

054 Vista da Quinta de Santiago para o local onde foi construído o Porto de Leixões



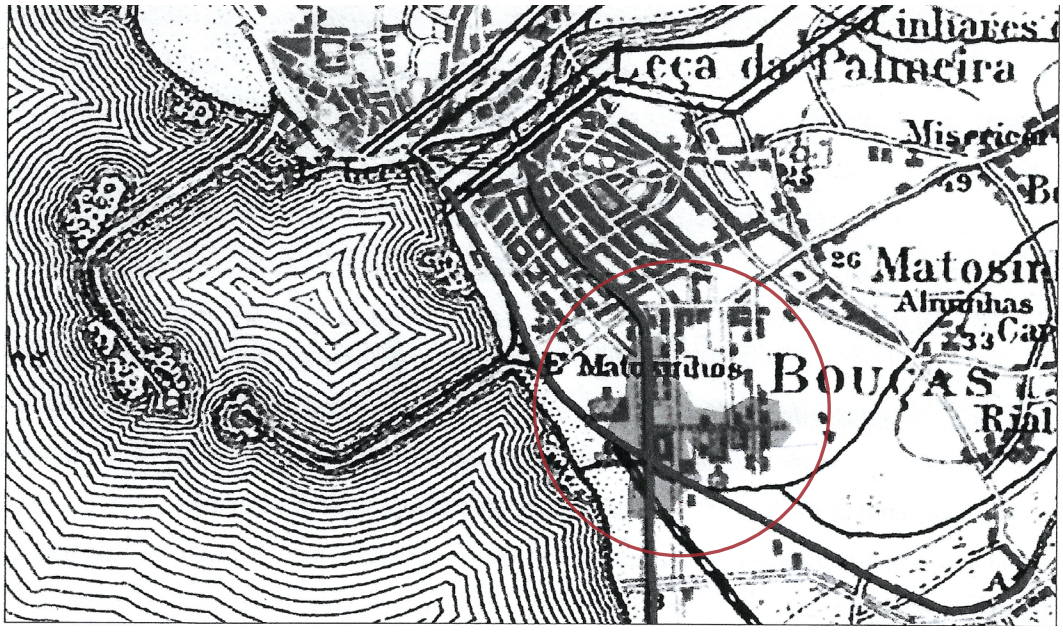


055 Vista aérea da Quinta da Conceição antes da construção da primeira doca do Porto de Leixões

056 Entrada na Quinta da Conceição no século XX



057 Inauguração do Clube de Leça, 1884



058 Esquema de fixação das primeiras estruturas industriais em Matosinhos, com uma leve mancha cinzenta, na primeira rua transversal a consolidar-se: a Avenida Menéres (1897)

A tipologia industrial é indubitavelmente uma consequência das transformações associadas à Revolução Industrial, nomeadamente o crescimento demográfico, o aumento da produção e o desenvolvimento associado à mecanização. Estas mutações acabam por "difundir" a cultura industrial, baseada na implementação de novas técnicas e o domínio de novas máquinas e materiais.

As alterações na vida quotidiana são potenciadas também pelo desenvolvimento dos meios de transporte, fundamentalmente os já mencionados caminhos-de-ferro, bem como a melhoria da infraestruturação das águas e iluminação pública e a utilização do telefone e do telégrafo. No caso de Matosinhos, em 1885 foi implementada a rede de iluminação pública a petróleo e rede de abastecimento de águas, quase dez anos após chegar a Lisboa, em 1878[36].

Assim, as cidades tornam-se ainda mais apelativas, cativando cada vez mais habitantes dispostos a trabalhar em qualquer condição. Em 1890, Matosinhos revela um crescimento populacional assinalável[37].

A balança entre a oferta e a procura fica desequilibrada, o trabalho operário era caracterizado por condições de vida e de trabalho precárias, originando um aumento da mortalidade por tuberculose, mais fome e analfabetismo. No que à habitação diz respeito, as condições eram péssimas e com rendas elevadíssimas, sob a forma de ilhas e de *vilas*, que tinham o mesmo efeito que as primeiras mas eram construções em altura.

O parque industrial, inicialmente pequeno, marcou definitivamente o território matosinhense, em especial Matosinhos Sul, desenhando profundamente a estrutura da cidade, modificando a paisagem e o crescimento urbanístico e tornando-se um investimento apelativo para empresários nacionais e internacionais, entusiasmados com a abundância de sardinha na costa portuguesa[38].

Em Leça da Palmeira, dado o seu afastamento da área industrial e dos grandes edifícios fabris, surge quase naturalmente uma comunidade mais requintada e elitista, fruto das visitas e da influência britânica durante a época balnear[39]. A afluência da classe burguesa culmina na criação de vários equipamentos adequados a este novo estilo de vida, nomeadamente as Quintas de Santiago e da Conceição e o Clube de Leça[40].

O desenvolvimento industrial do concelho de Matosinhos a partir dos finais do século XIX possui três condições fundamentais, sendo elas: o desenvolvimento tardio em comparação com o contexto europeu; a distribuição irregular dada a proximidade ao Porto, um grande centro urbano; e a evidência precoce de um setor dominante, o da conservação e transformação do peixe, justificada pela abundância de matéria prima e facilidade de exportação. O aumento demográfico acelerado e a nova e numerosa classe social emergente, o operariado, provoca transformações profundas na cidade, sendo que, em 1890, existiam aproximadamente 2 500 operários em Matosinhos e, nos anos 40, seriam cerca de 20 000, constituídos por 73% de mão de obra feminina.[41]

36. FRANÇA, José Augusto - *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura,* Lisboa: Livros Horizonte, 1980 (via *Arquitectura industrial em Matosinhos sul* / Adriana Miranda, Porto: FAUP, 2004, p.21)

37. *A evolução urbana de Matosinhos (1890-1909)* / Sandra Ferreira de Carvalho Nunes - Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998

38. SALGADO, José - *Alguns aspetos da evolução urbana de Matosinhos.* Matosinhos: Boletim da Biblioteca Pública Municipal, 1986, p.11

39. Idem, ibidem

40. Quinta de Santiago - c.1890
Quinta da Conceição - século XX
Clube de Leça - 1884

41. CORDEIRO, José M. Lopes - *A indústria conserveira: Exposição de Arqueologia Industrial.* Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1989, p.57







059, 060 *Real Fábrica de Conservas de Matosinhos* - Lopes, Coelho Dias & Cª Lda.

061 *Real Vinícola Portuguesa*







062, 063, 064 Fotografias da *Real Vinícola Portuguesa* antes da intervenção e requalificação em 2017 Luís Ferreira Alves





065 Conserveira *Sagrada Família*

066 Conservas *A Boa Nova*

Em vésperas da I Guerra Mundial, Portugal era o principal produtor mundial de conservas de peixe, fundamentalmente de atum e sardinha, distribuindo-se as fábricas da seguinte forma: 55% no Algarve, 37,5% em Setúbal, 1,41% em Matosinhos e o restante distribuído pelo país.[42] No final da I Guerra, as indústrias deslocaram-se em grande número para Norte, fundamentalmente para Matosinhos.

[42] CORDEIRO, José M. Lopes - *A indústria conserveira: Exposição de Arqueologia Industrial*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1989, p.28

A fixação destas estruturas fabris, fomentada pelo escoamento da produção através do Porto de Leixões, torna Matosinhos uma área economicamente apelativa para investidores, culminando, nas décadas de 1910 e 1920, num notável crescimento das conserveiras, tornando-se a terceira área de exportação de destaque a nível nacional.

Os picos de produção e exportação, associados claramente à quantidade de peixe, são também coincidentes com as duas grandes guerras mundiais.

Numa primeira instância, os edifícios fabris eram pequenos armazéns e oficinas associados à salga, seguindo-se estruturas mais ponderadas e consistentes do mesmo caráter tipológico, até atingir a forma de fábrica.

Em 1896, implanta-se a fábrica de conservas de sal *Joaquim Ferreira e Pedro Lucas, filho*; em 1894, os armazéns da *Real Vinícola Portuguesa*, de Menéres e Cª; e, em 1899, a *Real Fábrica de Conservas de Matosinhos*, de Lopes Coelho Dias & Cª Lda. Apenas em 1934 se fixa, em Matosinhos Sul, a Fábrica de Conservas *A Boa Nova*, o objeto de estudo e base do projeto desta dissertação, com semelhanças inegáveis com a fábrica *Sagrada Família* datada de 1933, também em Matosinhos. No entanto, a *Sagrada Família* foi desenhada pelo arquiteto Luís Amoroso Lopes, como consta no Arquivo Municipal, destacando pormenores modernos como os diversos planos da fachada e a utilização da pala por cima da porta.

Poucos anos mais tarde, em 1938, é construída a Fábrica de Conservas *Algarve Exportador*, de António Varela, já mencionada, com uma linguagem assumidamente modernista e uma organização funcional mais fluída.

O parque industrial, outrora reduzido, encontrava-se, no final dos anos 30, consolidado e organizado. Aliada a esta consolidação e às miseráveis condições de vida dos operários, a Câmara Municipal, por volta do ano de 1942, adotou novas medidas para melhorar as condições dos trabalhadores: o trabalho nas fábricas passou a ser exclusivamente até às 17h00, após o qual os operários seguiriam para aulas à noite; o ensino primário era lecionado em fábricas-escola, e o ensino técnico, literário e comercial na Escola Comercial e Industrial.

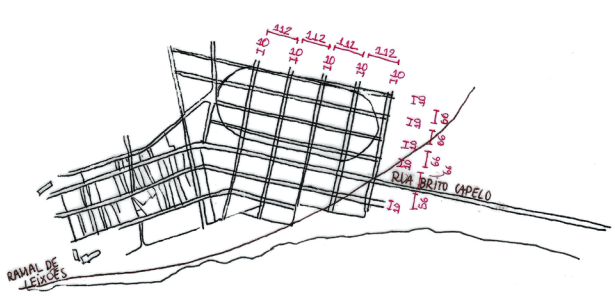
No entanto, a prosperidade desta indústria foi efémera, assistindo-se ao início da sua decadência em 1950, data coincidente com o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que se tinha revelado um período de grande progresso no que às Conserveiras diz respeito. Com consequências nefastas para a economia, foi quebrado o crescimento da vila matosinhense, culminando na falência do parque industrial num período de tempo tão repentino quanto o da sua consolidação.

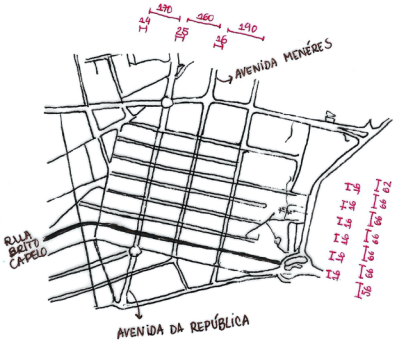


Planta 'Projecção Horizontal de parte da Vila de Matosinhos, compreendida entre a praia dos banhos e o forte do Queijo', da autoria de Lícinio Guimarães (finais do séc. XIX).

11

067 Planta de Matosinhos, à época "vila", da autoria de Licínio Guimarães, podendo este ser considerado o primeiro plano urbano da cidade. Década de 1880





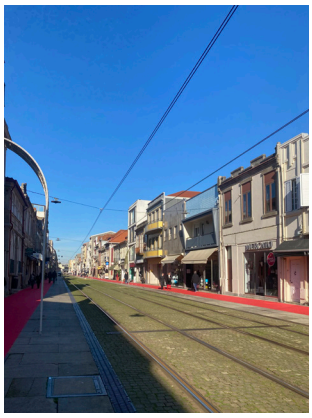
068 Esquema com a explicação do plano de Licínio Guimarães e dimensões do quarteirão

069 Esquema atual com a estrutura urbana e dimensões do quarteirão

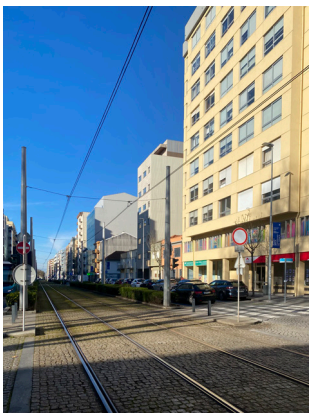








070, 071 Fotografias atuais da rua Brito Capelo



072, 073, Fotografias atuais da Avenida da República



074, 075 Fotografias atuais da Avenida Menéres

3.2. Matosinhos - Cidade Transformada

A estrutura do território de Matosinhos é facilmente compreendida através da morfologia urbana. Esta composição é percetível na planta de Licínio Guimarães, que anteviu a cidade industrial, com o registo da totalidade das vias e disposição dos quarteirões, bem como a ligação fundamental ao Porto de Leixões. Este documento apresentava uma proposta, com precisão, de estruturação e dimensão dos arruamentos e quarteirões, bem como o seu desenvolvimento face à malha existente.

Este plano dispunha de uma organização em retícula, composta por quarteirões retangulares com dimensões iniciais de 112 metros por 66 metros, perfazendo 7392m^2. Estes quarteirões, e o vazio que dispunham entre eles, compunham uma estrutura viária, por norma com 10 metros de largura, organizada sem ordem hierárquica, como é percetível na imagem ao lado.

Decisiva para a conceção desta planta foi a rua Brito Capelo, já existente e fundamental para a ligação com a cidade do Porto, com 16 metros de largura. O seu desenho foi orientador da fixação dos quarteirões, desenvolvendo-se com a sua maior dimensão paralela à via. Existe uma exceção no desenho de uma linha de quarteirões, a que se encontra imediatamente a sul da rua Brito Capelo, cuja estrutura tem 55 metros por 112, sendo, por isso, menor do que a habitual.

Denotando-se uma perspetiva evoluída face ao desenvolvimento e futuro da cidade, este plano foi alvo de uma reformulação em que as vias com 10 metros de largura passaram a ter 16 metros, por decisão da Câmara Municipal em 1890. No que à dimensão do quarteirão diz respeito, este manteve os 66 metros de largura, mas o comprimento alterou-se, definindo-se pelo alinhamento de quatro filas de 170, 160, 180 e 190 metros.

No entanto, face à realidade de Matosinhos enquanto vila piscatória no contexto de viragem de século, este plano assumiu um caráter maioritariamente orientativo, disposto em etapas e intervenções faseadas, revelando flexibilidade e visão de futuro.

O conceito inicial que propunha não hierarquizar as vias acaba por não se verificar, salientando-se três eixos fundamentais: a rua Brito Capelo, pré-existente e fulcral para o desenho de conjunto; a Avenida da República e a Avenida Menéres. Estas duas últimas associadas ao processo de implantação da tipologia industrial.

A Avenida Menéres consolidou-se num primeiro momento devido à construção da *Real Vinícola Portuguesa,* de Menéres e Cª, em 1894, determinante para a importância que a via viria a adquirir. À semelhança desta fábrica, também a *Real Fábrica de Conservas de Matosinhos*, de Lopes Coelho Dias & Cª Lda. se instalou na mesma avenida, em 1899. A implantação destas duas estruturas, de referência para a indústria da época, foi imprescindível para o desenvolvimento do plano e consolidação de Matosinhos Sul.

À posteriori, mantendo a visão futurista já apresentada, a Avenida da República foi construída com uma largura indiscutivelmente maior, 25 metros, relembrando o conceito de *promenade* ou *boulevard*[43] da época e atraindo novas famílias à cidade, que começa a dissociar-se da condição piscatória.

[43] A palavra francesa *boulevard* referia-se originalmente ao topo reto das muralhas das cidades medievais. Em Paris, algumas *boulevards* substituíram velhos muros medievais, designando um tipo de via urbana especialmente larga e arborizada, com dois sentidos, uma preocupação elevada com a estética e segundo um projeto cuidado de paisagismo.



076 Planta atual da estrutura urbana e dimensões dos quarteirões de Matosinhos Sul
Escala 1:10 000

O desenvolvimento da tipologia industrial e consequente afluência de novas famílias, alterando as características da população, provocou mutações no edificado habitacional, fundamentalmente na Avenida da República. Surgem, associadas a este eixo, novas residências de tipologia burguesa, distintas das habitações operárias construídas nas imediações das estruturas fabris.

O distanciamento e separação de duas zonas na cidade, residencial e industrial, é potenciado pela vontade de afastar as fábricas, vistas como estruturas insalubres, da zona residencial, colocando estas estruturas numa zona a sul devido aos ventos dominantes serem de norte. Desta forma, os cheiros e poluição não afetariam diretamente a zona habitacional, fundamentalmente a mais nobre.

Este processo urbano de planeamento, a arruação, é, como refere Nuno Portas, o processo natural de crescimento de uma cidade. O plano urbano de Matosinhos, dado o processo de industrialização que conquistou o território, foi caracterizado pelo racionalismo industrial e culminou num crescimento organizado, fruto de uma estruturação prévia em forma de retícula, como há poucos exemplos em Portugal. Esta zona industrial foi ainda planeada segundo melhores condições: ruas mais largas, higiénicas, iluminadas, organizadas e, em alguns casos, arborizadas.

O traçado urbano que acabou por se desenvolver revela, à semelhança do que já foi referido, uma condição de flexibilidade e adaptação indubitável face à transformação e diferenciação de usos à qual assistimos no decorrer dos anos, naquele território. Desta forma, a tipologia do edificado pode alterar-se, porém, a hegemonia do traçado e a sua imponência prevalecem.

Distinguem-se, então, facilmente, duas zonas de desenvolvimento em Matosinhos: a antiga vila, desenvolvida maioritariamente no século XIX, que surge mais a norte-oeste em planta, e a zona industrial, século XX, numa malha claramente mais organizada e visível na planta apresentada, constituindo a segunda o prolongamento da primeira no tempo e espaço. Isto é, o desenvolvimento urbano de Matosinhos Sul atua como um prolongamento da restante cidade, de forma ponderada e estruturada, contrariamente ao crescimento espontâneo de muitas das cidades contemporâneas.

A rua Brito Capelo, que orientou o plano, dita as duas direções sobre as quais Matosinhos acabaria por se desenvolver. A primeira contempla o núcleo habitacional e a população mais antiga e, a segunda, que inclui a fábrica em estudo, é dominada pela tipologia industrial e estruturas associadas. Destaca-se ainda o desenho de uma via planeada, mas nunca edificada (P), que marcou o alinhamento de um edifício construído consoante a sua direção, reforçando a importância atribuída ao desenho urbano.

No que diz respeito ao núcleo mais antigo, caracterizado pelo seu caráter residencial e comercial, o lote apresenta dimensões mais ou menos regulares, entre 6 e 9 metros de largura, mas é combinado de inúmeras formas. Esta definição, que compõe o quarteirão de forma periférica libertando um espaço no interior, potencia o surgimento de ilhas. Como consequência, a estrutura dos quarteirões neste núcleo é altamente variável e irregular, organizados entre vias com dimensões compreendidas entre os 8 e os 10 metros de largura.

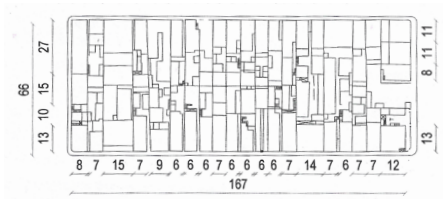
077 (à direita) Planta que divide os dois momentos de História em que se desenvolveu a cidade e identifica os quatros quarteirões apresentados, em que se verificam as diferenças nas dimensões e características dos lotes e as diferentes soluções de implantação
Escala 1:15 000



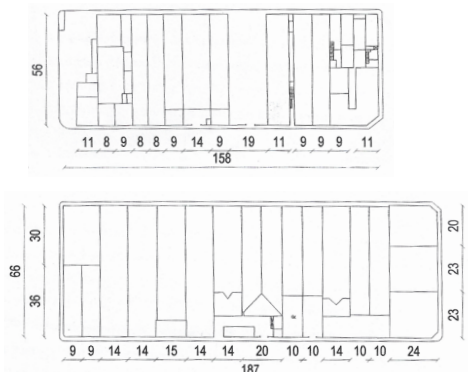
Excertos da planta atual de Matosinhos onde se constatam as variantes de parcelamento dos quarteirões



078 **A** Quarteirão irregular integralmente preenchido por habitação - Núcleo antigo



079 **B** Quarteirão regular integralmente preenchido por habitação - Plano de Matosinhos Sul



080 **C**, 081 **D**: Quarteirão regular integralmente preenchido por Indústria - Plano de Matosinhos Sul



082 Sobreposição da planta atual de Matosinhos com a planta do plano urbano de Licínio Guimarães

Ao observar atentamente o mapa da imagem 82 surgem duas vias paralelas à rua Brito Capelo, no núcleo mais antigo, onde se instalam também algumas fábricas. Estas estruturas eram de menores dimensões e com uma tipologia associada mais facilmente à residencial do que propriamente a amplos espaços industriais, uma vez que a organização deste núcleo era composta por lotes mais estreitos, o que ditava fábricas com duas fachadas mas com pouca luz no interior, longe das fábricas salão ou até das que viriam a ocupar amplas fachadas e quarteirões inteiros. Estas cinco fábricas/armazéns de salga, assinaladas na página seguinte e datadas entre 1896 e 1923, são aparentemente parte da conceção de um plano urbano industrial, construídas em vias mais próximas ao porto, o que facilitaria o transporte de mercadorias. Nesta área, muito mais próxima do mar, localizavam-se uns afloramentos rochosos que permitiram o esforço de aterro para conquistar área nesse sentido e viabilizar a ampliação da cidade.

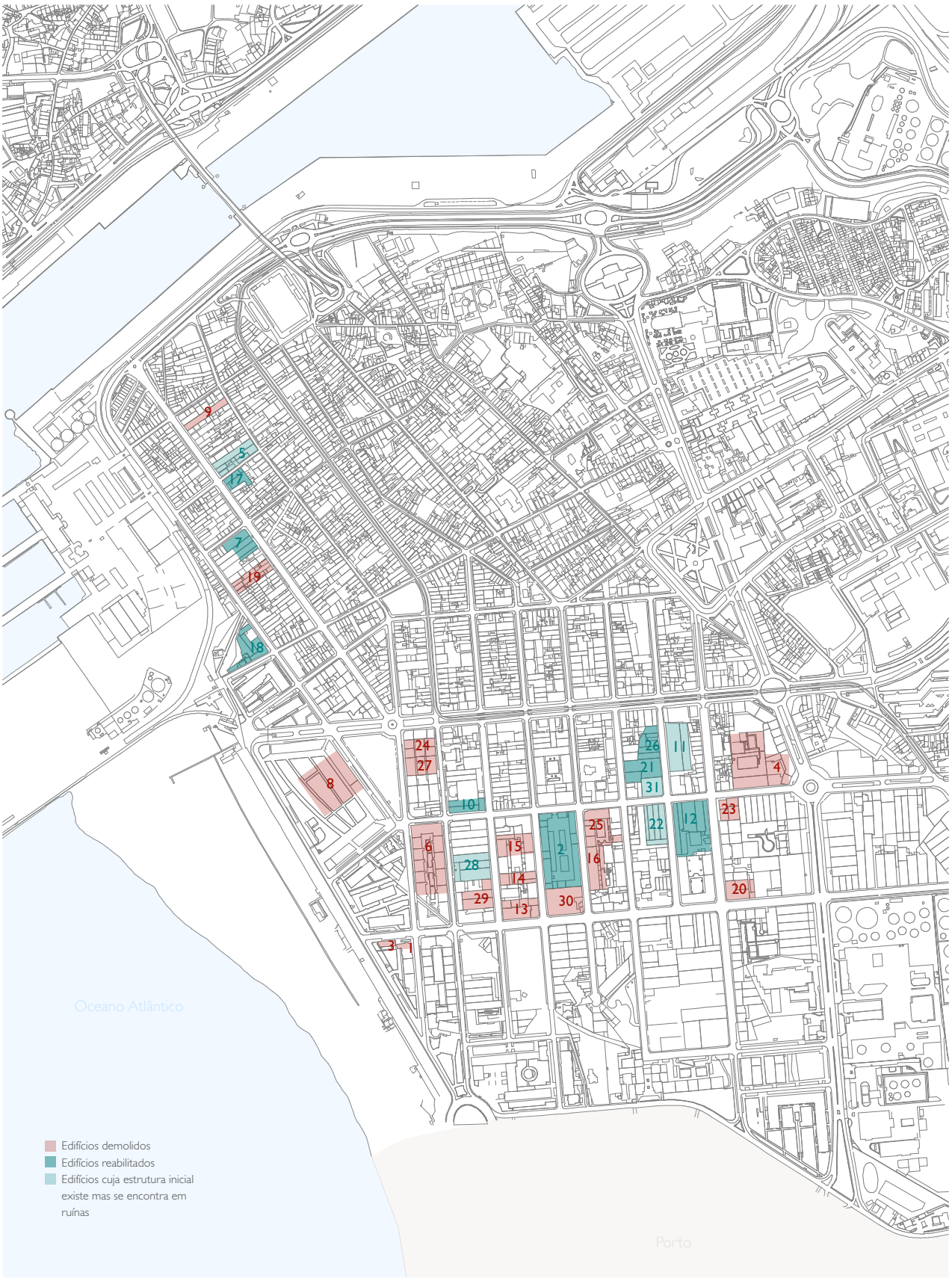
Tal como já foi sendo explicado no decorrer do capítulo, no núcleo mais recente, dedicado à indústria, a transformação urbana implica dimensões mais significativas. O uso de maiores áreas, apesar de inerente à construção industrial, não obedece a nenhuma exigência ou regulamentação que condicione o usufruto e a ocupação, originando quarteirões regulares com loteamento variável, tornando-se exatamente o oposto da outra secção territorial. Com efeitos práticos, o lote varia entre os 10 e 20 metros de frente, denunciando a imponente tipologia quando comparado com os 6 a 9 metros do núcleo mais antigo. Esta variação depende das condicionantes do edificado, sendo que é importante distinguir a associação de diferentes pavilhões ou naves que compõem a mesma estrutura, mesmo que aparentem ser distintos. Surgem várias hipóteses de ocupação e dimensão dos lotes dadas as elevadas possibilidades de implantação, mantendo-se a malha homogénea e a rede viária consolidada.

Matosinhos constitui uma cidade una e coesa dada a prevalência de valores urbanos na transição de um núcleo para o outro, como é exemplo o alinhamento de fachadas. Em suma, as duas zonas articulam-se num processo de continuidade e não de quebra ou rutura.

Priorizando as necessidades laborais e questões funcionais, a depuração das formas e simplificação dos volumes revela princípios racionalistas com elementos decorativos pontuais.

Na generalidade, estas estruturas industriais do núcleo de Matosinhos sul revelavam características comuns, sendo estas a construção em extensão, ocupando quase sempre a maior dimensão do quarteirão, com um piso de maior pé direito na zona de fabrico e dois a três pisos na zona administrativa, de aspeto fechado, consolidado em volumes simples e regulares e de fachadas urbanas com ampla fenestração. Estas aberturas encontravam-se a uma cota superior à do olhar de quem passava na rua, de modo a distinguir a vida no exterior do trabalho no interior do edifício mas simultaneamente iluminar o mesmo.

O progressivo desenvolvimento do parque industrial, de acordo com as necessidades, é marcado pela construção de vários acrescentos e anexos consoante vontade dos proprietários e em resposta ao crescimento dos níveis de produção, muitos deles não identificados nas plantas e com materiais construtivos menos resistentes à passagem do tempo.



083 Planta de identificação dos núcleos industriais de Matosinhos Sul no ano de 1937 e estado atual dos mesmos

Escala 1:10 000

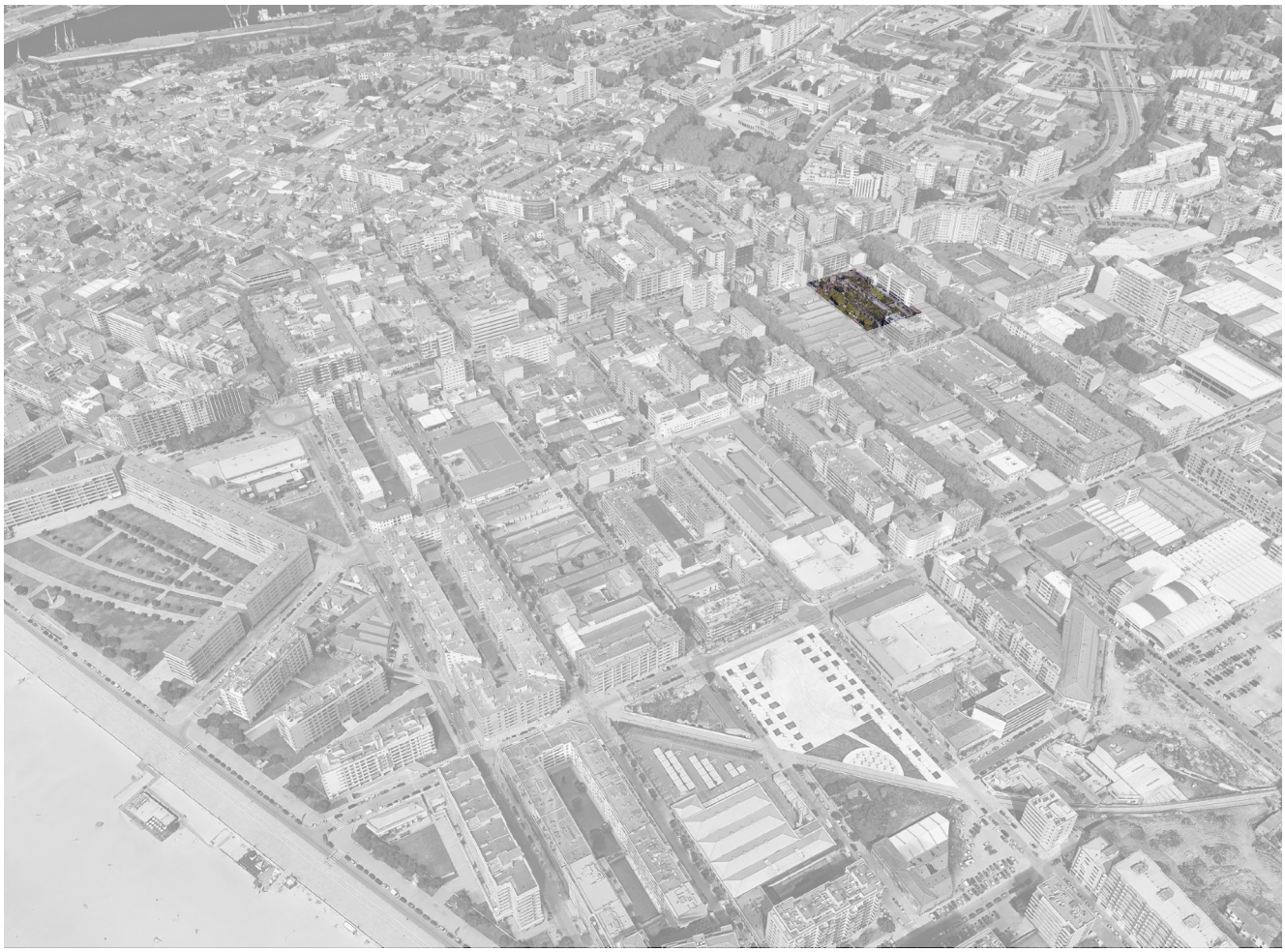
Com a evolução da preocupação com o operariado e com os arquitetos a participar de um modo mais ativo na conceção da tipologia industrial, as questões sociais e as medidas de combate à insalubridade e à escuridão passaram a ser imperativas, tornando-se as maiores transformações as ideológicas.

Nas últimas décadas do século XX, perante uma atitude de articulação e conjugação entre todos os princípios assinalados, os edifícios passam a contemplar alterações formais condicionadas pelas metodologias de trabalho mas também a vertente social e humana. Nesta fase final foi fundamental o papel do arquiteto numa etapa preliminar da conceção projetual e durante todo o processo, influenciado direta ou indiretamente pelo amadurecimento e aprimoramento das correntes modernas e a consolidação das necessidades tipológicas, fatores determinantes para a construção de um espaço tão complexo e desafiante.

Atualmente, segundo o Plano Diretor Municipal, revisto em junho de 2019, a área de Matosinhos Sul que compreende a malha organizada e planeada e a zona habitacional mais antiga é considerada uma zona de salvaguarda do património arquitetónico no que diz respeito às malhas e eixos urbanos.

A Quarteirão ocupado fundamentalmente por habitação, sendo mais desenhadas as que se encontram voltadas para a Avenida da República
B Quarteirão ocupado na sua maioria por edificações fabris, à exceção da frente voltada para a Avenida da República, em consonância com o setor anterior
C Quarteirão ocupado quase na totalidade pela tipologia industrial, ocupação potenciada pela abertura da Avenida Menéres
D Quarteirão menos definido e, por isso, com ocupação diversa

1 (sem data) Família Coco | Armazém de Salga
2 1894 Real Companhia Vinícola Portuguesa
3 1895 Viúva José Pacheco Polónia | Armazém de Salga
4 1896 Serrats & Luças | Armazém de Salga
5 1896 Joaquim Ferreira Pedro Luças | Armazém de Salga
6 1899 Lopes, Coelho Dias & Cª Lda.
7 1900 A Varina - Brandão Cª Lda.
8 1904 Brandão Gomes & Cª Lda.
9 1908 Olívia Machado | Armazém de Salga
10 1910 Dias, Araújo & Cª Lda.
11 1920 Conservas A Boa Nova - José Rodrigues Serrano
12 1920 Pinhais e Cª Lda.
13 1920 Juan Perez Lafuente | Armazém de Salga
14 1920 Sociedade de Conservas A Universal Lda.
15 1920 Oceano - Lopes da Cruz & Cª Lda.
16 1920 A Independência - Casebre e Cª Lda.
17 1923 Guedes & Cª Lda.
18 1923 Continental - Sociedade de Conservas Lda.
19 1926 Ramirez & Cª
20 1926 D. N. Charalampopoulos | Armazém de Salga
21 1927 Padrão - Benjamim Oliveira Especial
22 1927 Sociedade de Conservas Joana d'Arc Lda.
23 1928 Marques, Gomes & Cª Lda.
24 1929 Nun'Álvares - Lage, Ferreira & Cª Lda.
25 1929 Activa - José Rodrigues Serrano Júnior
26 1932 Fábrica de Conservas de Paramos
27 1932 Sagrada Família - José da Silva Torres
28 1934 Fábrica de Conservas Prado, Lda.
29 1935 Facole - Fábrica de Conservas Leixões
30 1935 SICMA - Sociedade Industrial de Conservas de Matosinhos
31 1954 Vasco da Gama - José António Cabral



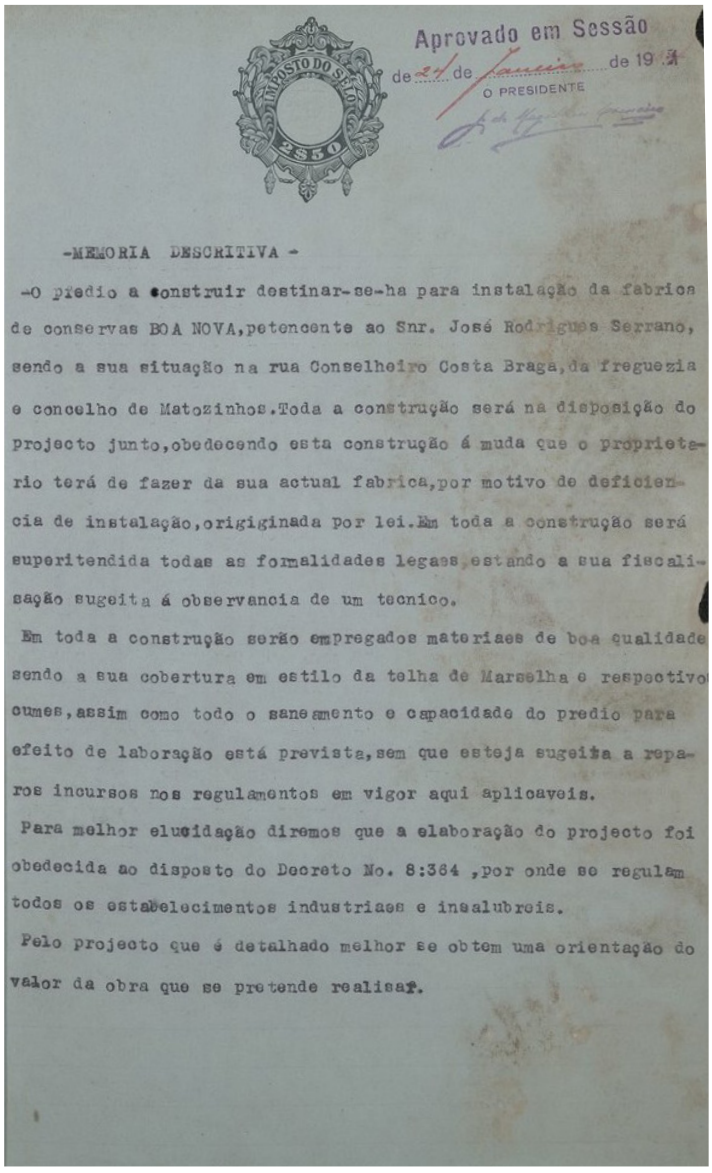
084 Vista aérea de Matosinhos Sul, com destaque sobre o edifício em estudo





085, 086 Retratos do quotidiano na Fábrica de Conservas *A Boa Nova*

A BOA NOVA - PASSADO E PRESENTE



Aprovado em Sessão
de 21 de Janeiro de 193
O PRESIDENTE

IMPOSTO DO SELO
2550

-MEMORIA DESCRITIVA -

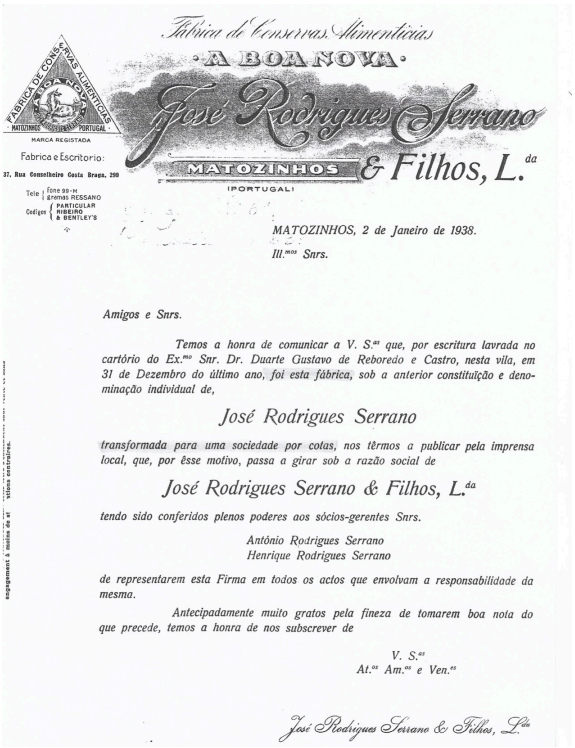
-O predio a construir destinar-se-ha para instalação da fabrica de conservas BOA NOVA, pertencente ao Snr. José Rodrigues Serrano, sendo a sua situação na rua Conselheiro Costa Braga, da freguezia e concelho de Matozinhos. Toda a construção será na disposição do projecto junto, obedecendo esta construção á muda que o proprietario terá de fazer da sua actual fabrica, por motivo de deficiencia de instalação, origiginada por lei. Em toda a construção será superintendida todas as formalidades legaes, estando a sua fiscalisação sugeita á observancia de um tecnico.

Em toda a construção serão empregados materiaes de boa qualidade sendo a sua cobertura em estilo da telha de Marselha e respectivos cumes, assim como todo o saneamento e capacidade do predio para efeito de laboração está prevista, sem que esteja sugeita a reparos incursos nos regulamentos em vigor aqui aplicaveis.

Para melhor elucidação diremos que a elaboração do projecto foi obedecida ao disposto do Decreto No. 8:364, por onde se regulam todos os estabelecimentos industriaes e insalubreis.

Pelo projecto que é detalhado melhor se obtem uma orientação do valor da obra que se pretende realisar.

087 Memória Descritiva do projeto da Fábrica *A Boa Nova*



Fábrica de Conservas Alimenticias
A BOA NOVA
José Rodrigues Serrano
MATOZINHOS & Filhos, L.da
(PORTUGAL)

FABRICA DE CONSERVAS ALIMENTICIAS A BOA NOVA MATOZINHOS PORTUGAL
MARCA REGISTADA

Fabrica e Escritorio:
257, Rua Conselheiro Costa Braga, 299
Tele | Zone 99-M / Gramas RESSANO
Codigos | PARTICULAR / RIBEIRO / A BENTLEY'S

MATOZINHOS, 2 de Janeiro de 1938.

Ill.mos Snrs.

Amigos e Snrs.

Temos a honra de comunicar a V. S.as que, por escritura lavrada no cartório do Ex.mo Snr. Dr. Duarte Gustavo de Reboredo e Castro, nesta vila, em 31 de Dezembro do último ano, foi esta fábrica, sob a anterior constituição e denominação individual de,

José Rodrigues Serrano

transformada para uma sociedade por cotas, nos têrmos a publicar pela imprensa local, que, por êsse motivo, passa a girar sob a razão social de

José Rodrigues Serrano & Filhos, L.da

tendo sido conferidos plenos poderes aos sócios-gerentes Snrs.

António Rodrigues Serrano
Henrique Rodrigues Serrano

de representarem esta Firma em todos os actos que envolvam a responsabilidade da mesma.

Antecipadamente muito gratos pela fineza de tomarem boa nota do que precede, temos a honra de nos subscrever de

V. S.as
At.as Am.os e Ven.as

José Rodrigues Serrano & Filhos, L.da



088 Imagem da época da fachada da Fábrica *A Boa Nova*



Fabrique de Conserves A BOA NOVA
José Rodrigues Serrano & Filhos, L.da
MAISON FONDÉE EN 1920

Cable address: RESSANO
MATOZINHOS

Registered Brands:
SERRANO
BOA NOVA
ALSTER
IDEAL
ALTA CLASSE
ORGUEIL
RHENANIA

...They think I don't know them...
If they are not Serrano's I wont have any...
Just wait and see...

MATOZINHOS
PORTUGAL

SARDINE PACKERS
Model Installations — Up-to-date Methods



Fábrica de Conservas A BOA NOVA
José Rodrigues Serrano
257, Rua Conselheiro Costa Braga, 299
Telefone, 99-M Telegramas, RESSANO
MATOZINHOS
FUNDADA EM 1820
CONSTRUÇÃO MODERNA INSTALAÇÕES HIGIENICAS E MODELARES
MARCAS:
Serrano
Boa Nova
Alster
Ideal
Alta Classe

089, 090, 091 Publicidade da época das *Conservas Serrano*

4.1. História

A empresa *A Boa Nova* foi fundada por José Rodrigues Serrano em 1920, e o edifício da Fábrica de Conservas, construído em 1934, "pouco antes da sua morte, é como um *pantheon* que fica a atestar a sua obra de vulto"[44].

O seu fundador nasceu em Espinho em 1852 e, "dotado de grande energia e indomável força de vontade, partiu para o Brasil aos 20 anos, regressando a Portugal quatro anos depois"[45]. Apesar da vontade de regressar ao Brasil para poder investir alguns dos capitais obtidos, a persuasão da sua esposa fez com que se estabelecesse em Espinho num negócio de mercearia e padaria. Conhecendo Espinho enquanto vila de pescadores, a sua "insaciável actividade"[46] e persistência fizeram com que se tornasse gerente e armador de algumas artes de pesca de arrasto, constituindo este o primeiro contacto de José Rodrigues Serrano com a indústria conserveira. No entanto, foi ao negócio de exportação de vinho de consumo para o Brasil, alimentando em parte o seu anterior desejo de regressar, que dedicou a sua maior atenção, abandonando os assuntos da pesca.

Em 1899, a epidemia da peste bubónica[47] que assolou o Porto acabou por constituir um desastre também para o seu negócio, dado a ocorrência de um cerco sanitário, retendo uma grande quantidade de vinhos nas caves do Cais de Gaia, que, enviada sem conhecimento de Rodrigues Serrano, chegou ao seu destino já imprópria para consumo, situação que causou um imenso prejuízo e decréscimo do investimento no negócio.

Simultaneamente, e perante uma série de acontecimentos nefastos, a força do mar ia destruindo várias casas das quais Rodrigues Serrano era proprietário em Espinho, mantendo o seu pequeno negócio de padaria e mercearia. O empresário acabou por se remeter aos seus conhecimentos de pesca, dado que a indústria adquiria grande importância em Matosinhos, e empreendeu um novo negócio de exportação de peixe conservado pelo sal, na cidade referida, como uma filial da sua padaria-mercearia, mas que acabou por ser destruída também pelo mar.

É depois da destruição deste equipamento que Rodrigues Serrano acaba por se fixar definitivamente em Matosinhos, fundando uma fábrica de conservas com fabrico manual de lataria, que foi posteriormente parcialmente mecanizada: *A Boa Nova*. A importância deste mesmo edifício foi adquirida pelas "suas instalações que, a par do rigor da técnica capaz de responder às exigências modernas, foram observados escrupulosamente os mais completos preceitos da higiene"[48]. Alguns anos antes da sua construção, a 25 de agosto de 1922, tinha sido elaborado um Decreto Lei (nº8:364) que definia um regulamento de higiene, salubridade e segurança nos estabelecimentos industriais, pelo qual *A Boa Nova* se regeu, tal como é dito na sua Memória Descritiva.

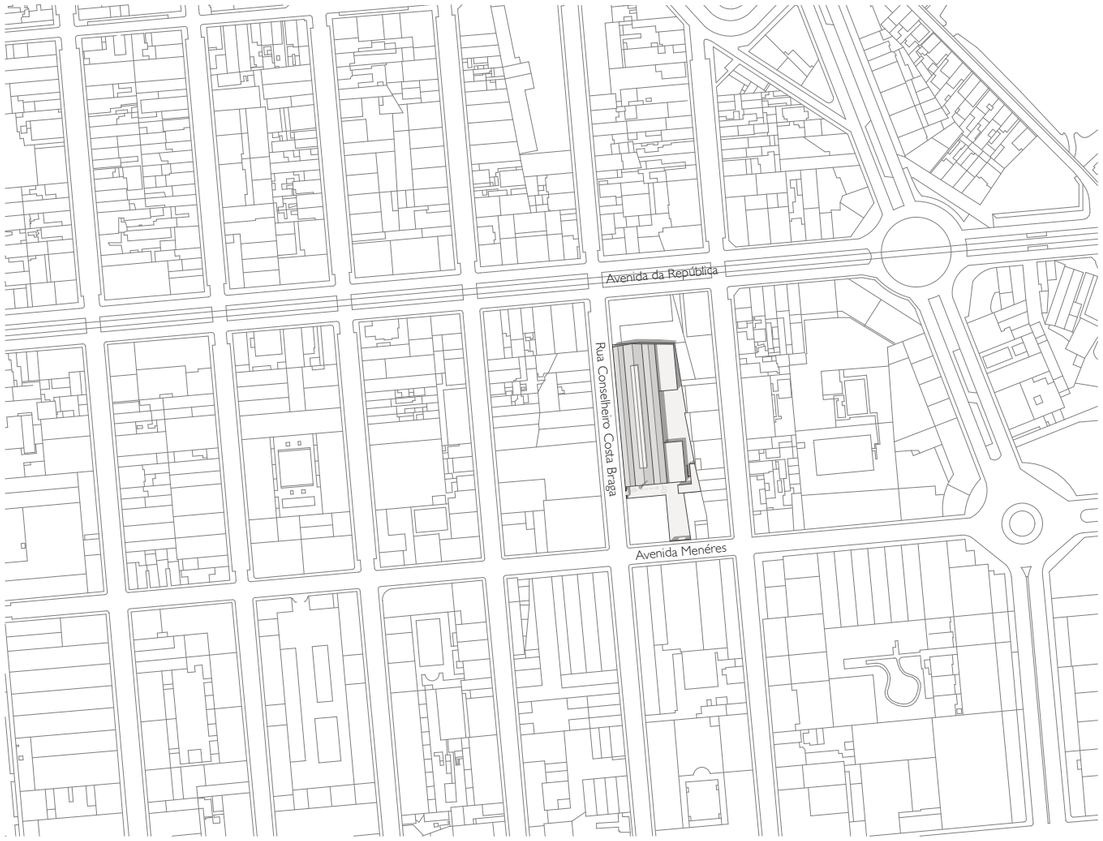
44. Revista *Conservas* nº25, 1937

45. Revista *Conservas* nº 25, 1937

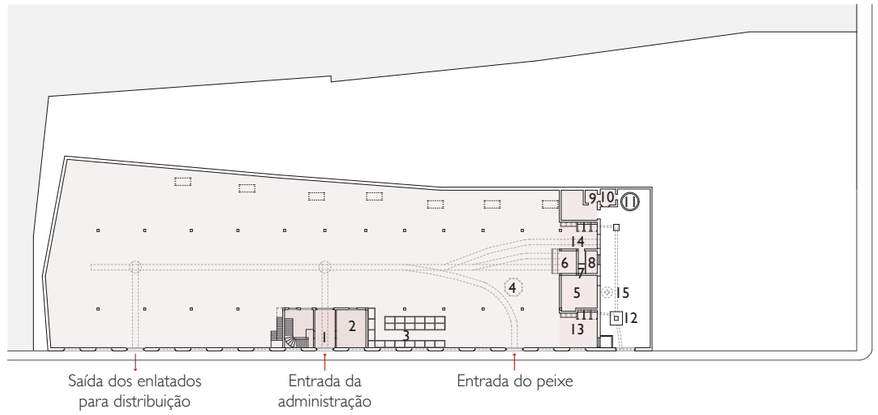
46. Revista *Conservas* nº 25, 1937

47. A epidemia de peste bubónica registou 320 contágios e 132 mortes e salientou as más condições de vida da população e o estado precário do sistema sanitário.

48. Museu Digital da Indústria Conserveira - Conservas de Portugal Página de José Rodrigues Serrano & Filhos, Lda. 2008

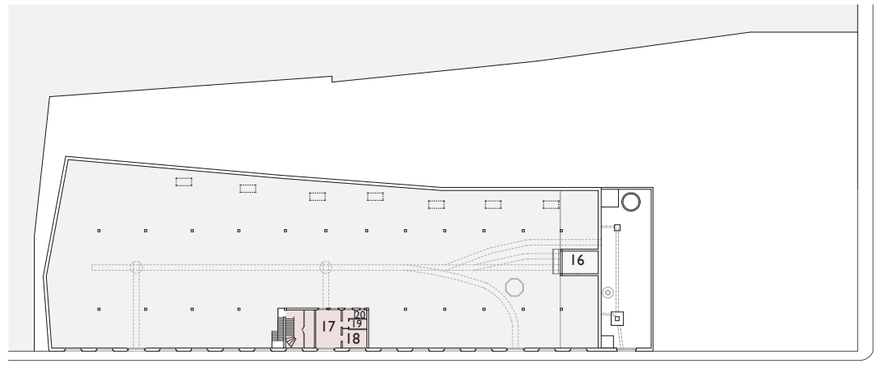


092 Implantação
Escala 1:5000



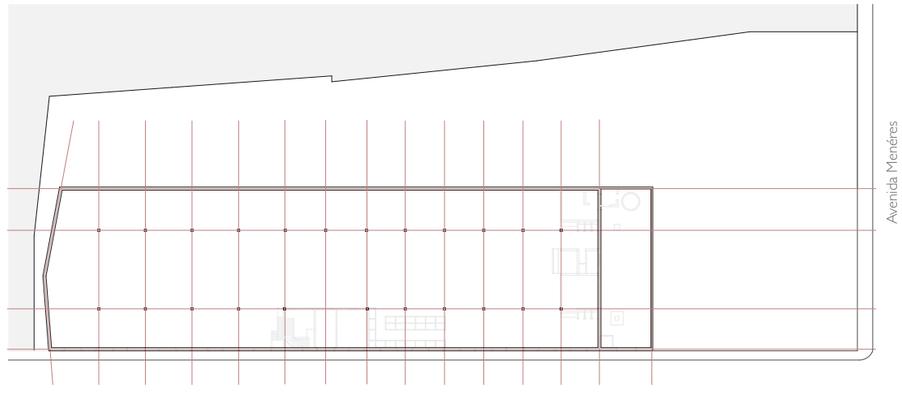
Legenda

1. Átrio
2. Gabinete do fiscal
3. Pios
4. Tanque
5. Caldeira
6. Estufas
7. Moura
8. Saleiro
9. Gasogéneo
10. Carvoeira
11. Poço
12. Fossa
13. Retretes para mulheres
14. Retretes para homens
15. Chaminé
16. Reservatório de água
17. Escritório
18. Gabinete
19. Arquivo
20. Instação sanitária



093 Planta original da Fábrica
Rés do chão e Piso 1, respetivamente

Escala 1:1000



094 Marcação da estrutura do edifício segundo a planta original

Escala 1:1000

4.2. Pré-Existência

Localizado na Rua Conselheiro Costa Braga, o edifício d'*A Boa Nova*, projetado pelo técnico de construção[49] Augusto Coelho Pereira d'Araújo, foi crescendo e desenvolvendo-se, tendo sido considerado à época uma "construção moderna" com "instalações higiénicas e modelares"[50]. A construção desta fábrica é posterior à publicação do Decreto Lei mencionado anteriormente, destacando-se a consciência social e higiénica do edifício, regularmente desconsiderada nos edifícios fabris construídos até então. A ideia de que esta seria uma construção moderna face aos ideais da época é discutível, dado que, apenas quatro anos mais tarde, em 1938, é construída a Fábrica de Conservas *Algarve Exportador*, do arquiteto António Varela, já mencionada, dotada de uma linguagem assumidamente mais modernista, bem como a Fábrica *Sagrada Família*, contemporânea à *Boa Nova*, projetada pelo arquiteto Amoroso Lopes.

Numa primeira fase dirigido individualmente por José Rodrigues Serrano, o negócio transforma-se em 1938 numa sociedade constituída por si e pelos filhos, António e Henrique Rodrigues Serrano, tendo sido alterada a denominação da empresa para "José Rodrigues Serrano & Filhos, Lda.", a 2 de janeiro de 1938[51].

Considerada um exemplo de persistência e dedicação, a *Boa Nova* conseguiu equiparar-se rapidamente a grandes fábricas da zona norte que já se encontravam estabelecidas há mais tempo e, após a morte do seu fundador, manteve-se sob orientação dos seus filhos, seguindo a tradição já implementada.

Acompanhar leitura com os desenhos apresentados ao lado

A partir da porta do meio era feita a entrada para o átrio que fazia a distribuição para os restantes espaços. Em frente, acedia-se ao espaço do trabalho operário; à direita, ao gabinete do fiscal, cuja função seria intermediar o fabrico e a administração; à esquerda, subindo as escadas, a administração, que incluía um escritório, o arquivo, uma instalação sanitária privativa e um gabinete. A fábrica tinha pé direito duplo enquanto os escritórios podiam aproveitar parte do volume superior, dispondo ainda de uma varanda do lado interior que vigiava o trabalho operário, bem como de umas segundas escadas que ligavam os dois espaços.

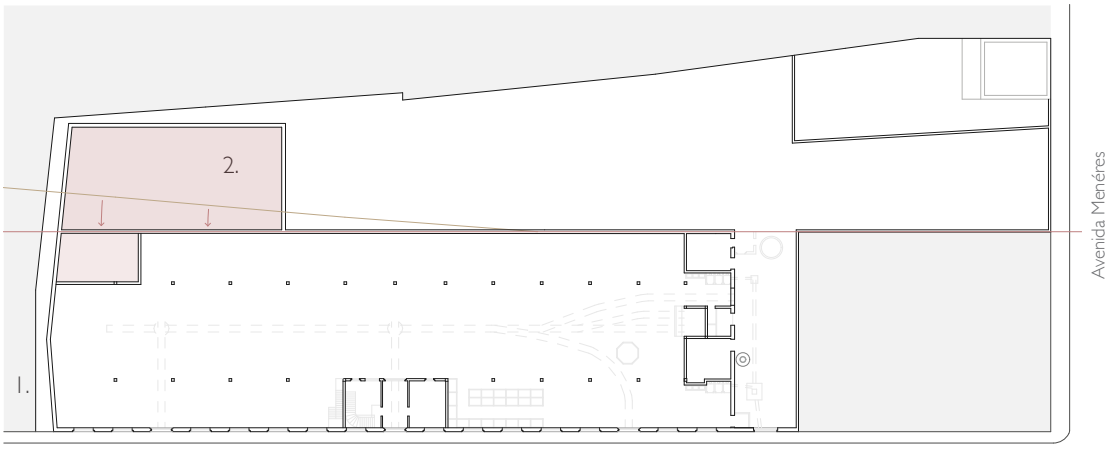
O projeto inicial dispunha de uma ampla zona de confeção e embalamento, cuja disposição se pode depreender a partir do desenho dos carris representados, utilizados para facilitar o processo de confeção e enlatamento ainda muito manual. Pelo percurso apresentado, bem como pela localização dos camiões na fotografia da página anterior, entende-se que o peixe entrava pela porta da direita, era feito o processo de confeção e embalamento da conserva no espaço da fábrica e saía em formato de lata, para distribuição, através da porta mais à esquerda, onde esperariam os camiões.

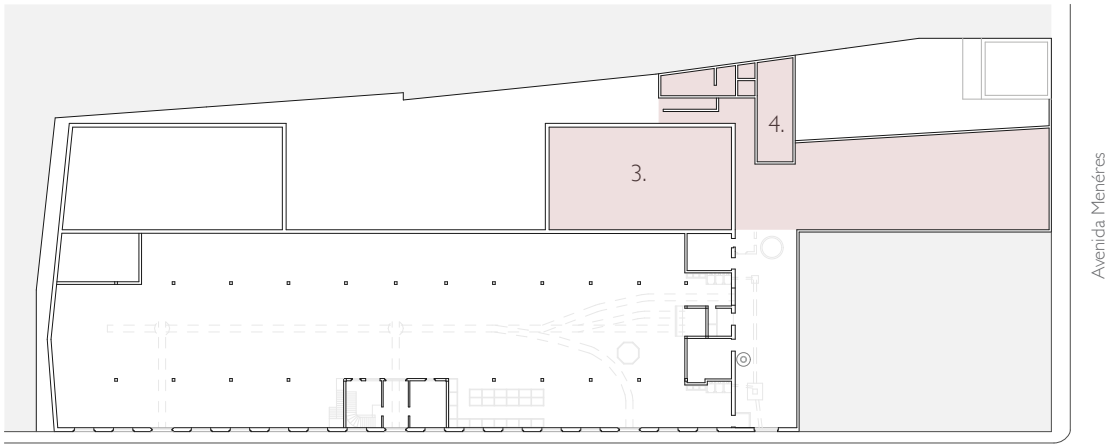
No mesmo espaço, mesmo que separados segundo uma lógica de área limpa (o fabrico) e área suja (os serviços), localizavam-se, junto ao pátio e entrada no topo sul, as instalações sanitárias: lavabos e retretes para homens de um lado e lavabos e retretes para mulheres do lado oposto, as estufas, a moura, o saleiro, a caldeira e, por cima, o reservatório de água. A carvoeira e o gasogéneo, anexos aos sanitários masculinos, tinham acesso pelo exterior, por um pátio de serviços que integrava um poço, outro tanque, caixas de ligação, infraestruturas sanitárias e uma fossa.

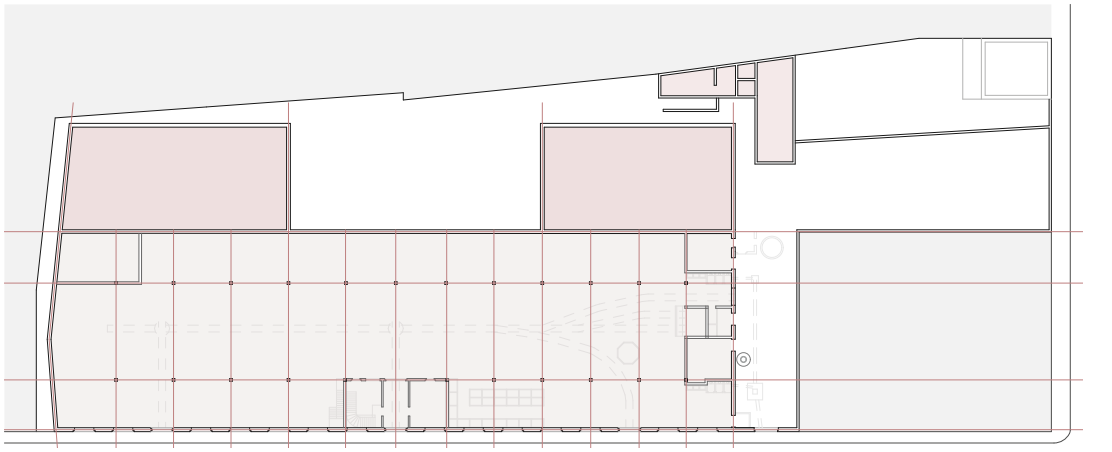
[49] gisaweb.cm-porto LO 323/1930

[50] Jornal *O Comércio de Leixões*, década de 50, Arquivo Municipal

[51] Documentos patentes no Arquivo Municipal, no processo da Fábrica *A Boa Nova*







095, 096, 097 Esquemas explicativos do crescimento do edifício e reorganização da sua estrutura
1 - Abertura de uma porta na fachada norte;
2 - Construção de um anexo nas traseiras e re-orientação da parede angular;
3 - Construção de um armazém voltado para a Avenida Menéres;
4 - Construção de uma creche.

Escala 1:1000

A Memória Descritiva original do projeto refere que "em toda a construção serão empregues materiais de boa qualidade, sendo a sua cobertura em estilo de telha de Marselha e respectivos cumes, assim como todo o saneamento e capacidade do prédio para efeito de laboração está prevista (…)"[52], destacando a valorização da melhoria das condições de trabalho que, "para melhor elucidação diremos que a elaboração do projeto foi obedecida ao disposto no Decreto nº 8:364, por onde se regulam todos os estabelecimentos industriais."[53] Este decreto, com várias entradas que dizem respeito às coimas e penalizações em caso de incumprimento, obrigava a questões de iluminação, ventilação, limpeza, bom funcionamento dos esgotos, áreas amplas com pé direito superior a três metros, água potável, eliminação de fumos, gases e poeiras e separação da zona de trabalho do gasogéneo e caldeira, bem como dos vestiários, lavatórios e retretes com cabines individuais.[54]

Em suma, a disposição dos espaços era bastante simples, organizada e coerente, dividindo o secretariado do trabalho operário. Posteriormente, face ao aumento do volume da produção e necessidade de maior número de postos de trabalho, o edifício foi alterado.

Apesar dos desenhos destas intervenções serem inexistentes e apenas se ter encontrado o projeto inicial no Arquivo Municipal, em face dos pedidos de licenciamento destas alterações é possível perceber, de forma gráfica, o crescimento do edifício e as suas mutações até atingir a forma atual que, mesmo devoluta, apresenta ainda as paredes exteriores e algumas das interiores.

As expansões e adaptações da fábrica ocorreram entre os anos 30 e os anos 40, de forma faseada, com alterações visíveis conforme as plantas apresentadas ao lado e dividindo-se da seguinte forma:

1 1936 - Abertura de uma nova porta na parede do lado norte;
1937 - Abertura de um poço no interior da fábrica;

2 1940 - Construção de um anexo para as traseiras da fábrica, projetado pelo Eng.º Cristiano Jorge de Lima;

3 1945 - Construção de um armazém voltado para a Avenida Menéres, projetado pelo Eng.º Manuel Lopes de Amorim;

4 1946 - Ampliação da fábrica e construção de uma creche, projetada pelo Eng.º Manuel Lopes de Amorim;
1949 - Reparação de caixilhos, portas e pinturas.

Segundo a revista *Conservas*, a "*Boa Nova* construiu grandes armazéns que, descongestionando o espaço de que antes dispunham para as operações industriais, lhes permitirá melhorar, em muito, as suas condições de trabalho"[55], referindo-se à ampliação das instalações para as traseiras em 1940. Este projeto, segundo a Memória Descritiva[56] consultada, foi executado com paredes em elevação de pedra de meia falha, assentes às fiadas regulares com argamassa de cimento e areia, caixilharia em ferro, cobertura de asnas de madeira com tirantes em ferro e telha do tipo Marselha, e pavimento em betão ou betonilha.

Algumas destas características podem já ser constatadas nos desenhos do projeto inicial da fábrica e na sua Memória Descritiva, também já mencionada, verificando-se a preocupação em manter a coesão e linguagem do edifício.

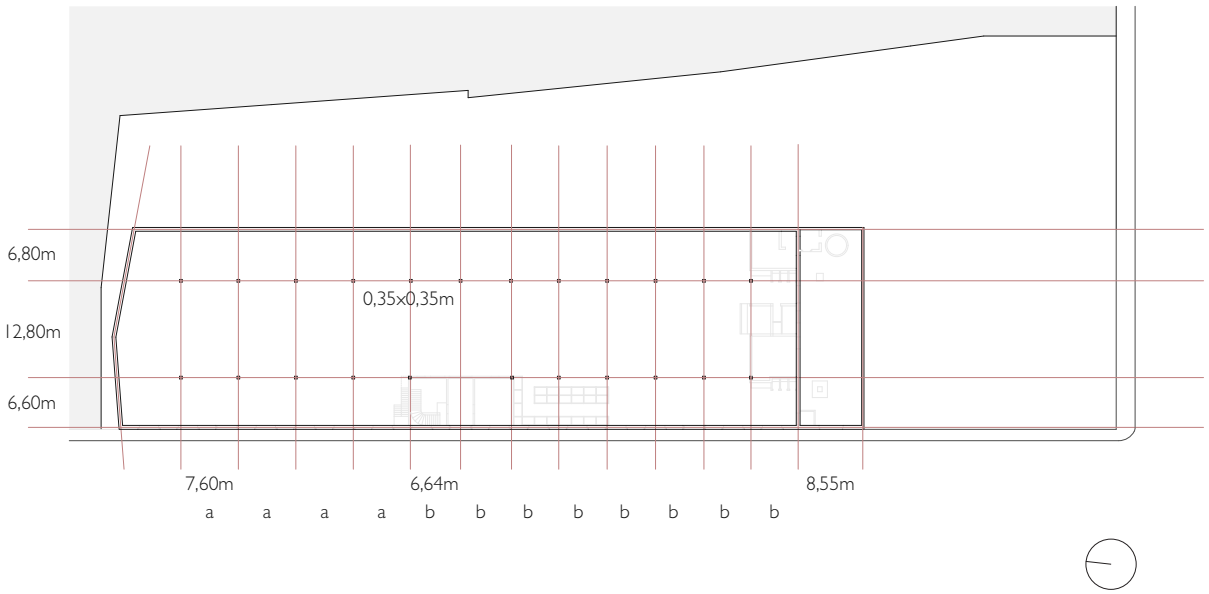
52. Memória Descritiva 24 janeiro 1934, Arquivo Municipal

53. Memória Descritiva 24 janeiro 1934, Arquivo Municipal

54. Decreto Lei nº8:364 publicado a 2 de setembro de 1922 em Diário da República, pelo Ministério do Trabalho. 1ª série,. nº181

55. Revista *Conservas* nº 56, agosto 1940

56. Memória Descritiva 25 março 1940, Arquivo Municipal



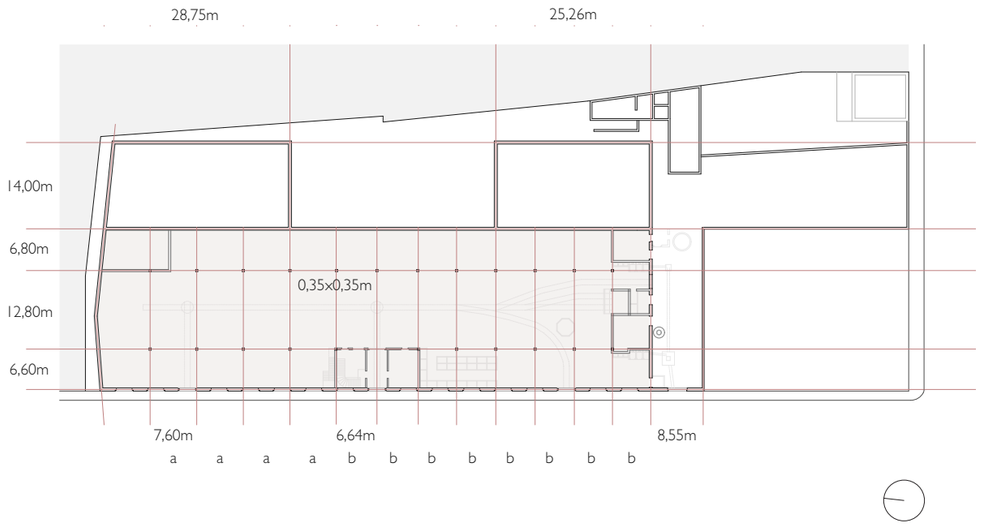
Situado num lote irregular, o edifício encontra-se voltado a poente, ocupando no solo 2570 m^2 dos 4929m^2 existentes.

No projeto inicial o piso térreo ocupa cerca de 5050m^2, contabilizando a área de pé direito duplo, enquanto o primeiro piso, composto pelos escritórios, dispõe de 90m^2, totalizando cerca de 5140m^2 de área construída.

Os anexos, construídos posteriormente, aumentaram a área bruta construída em 919m^2, atingindo uma área total de 6059m^2.

098 Esquema com marcação da estrutura do edifício antes das intervenções

Escala 1:1000



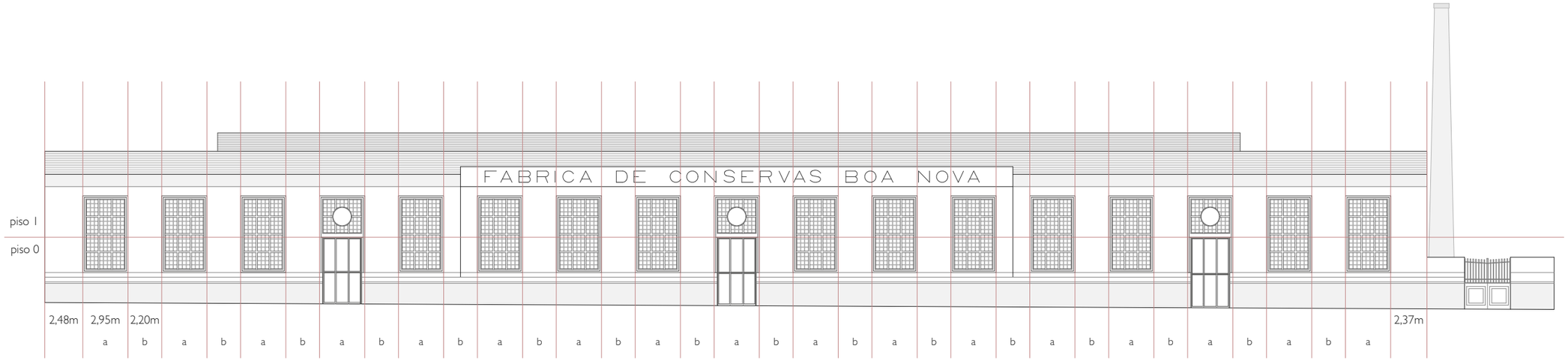
A estrutura do edifício, em que os próprios alçados funcionam como paredes portantes, é regular e ainda visível, sendo constituído por três naves de 6,60, 12,80 e 6,80 metros de largura, em que os pilares, de 0,35x0,35m, distam entre eles 7,60 metros nos primeiros cinco vãos e 6,64 nos restantes, como é possível verificar no esquema acima apresentado.

A parede correspondente ao alçado tardoz surge com um ângulo de 5 graus no projeto inicial, como é visível nas plantas originais da página 56, no entanto, atualmente está ortogonal, presumindo-se a sua re-orientação durante o período de construção da fábrica. A parede angular dificultava o processo construtivo e obrigava a asnas de tamanho diferente, sendo uma ação demasiado cara para os ganhos que traria se fosse mais tarde alterada. Esta re-orientação contribui ainda mais para a facilidade de identificação da estrutura do edifício.

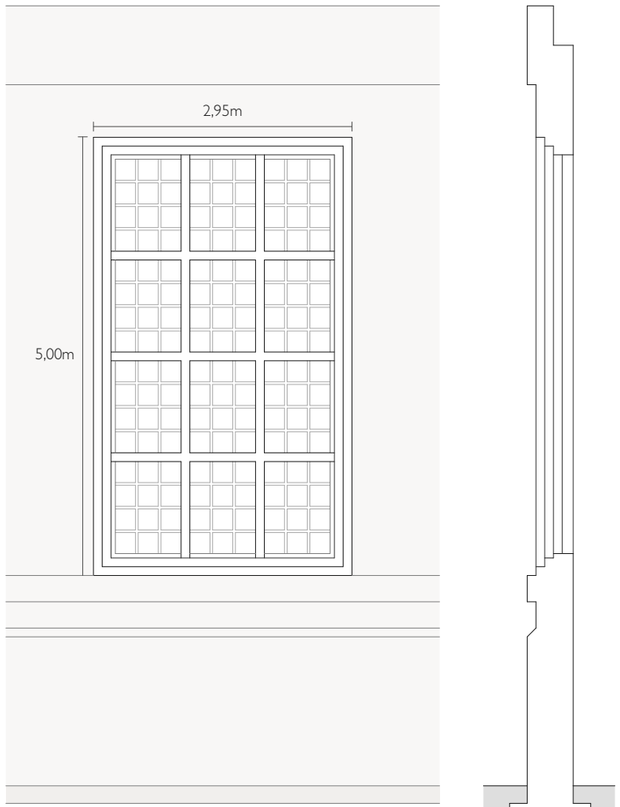
É ainda importante ressalvar a importância dos alinhamentos longitudinais, fundamentais para o projeto, acentuados pela disposição em três naves.

099 Esquema com marcação da estrutura do edifício após obras de ampliação

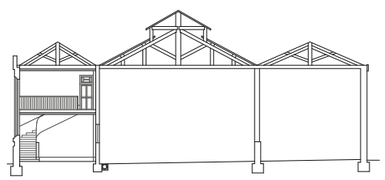
Escala 1:1000



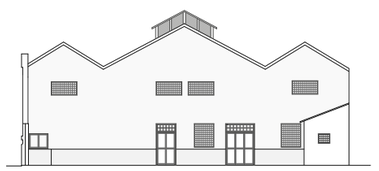
100 Alçado frontal original do edifício
Escala 1:200



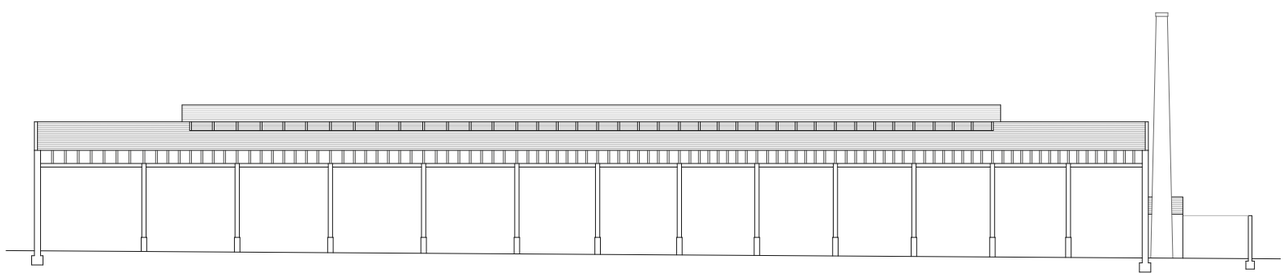
101 Pormenor da janela do alçado frontal - Planta e corte
Escala 1:50



102 Corte transversal original do edifício
Escala 1:500



103 Alçado lateral sul original do edifício
Escala 1:500



104 Corte longitudinal original do edifício
Escala 1:500

ALÇADO E MATERIALIDADE

O alçado principal do edifício é caracterizado pela apresentação de uma retícula base em toda a sua extensão, sendo possível identificar um ritmo na abertura de grandes vãos, composto por 2,95 metros de vão e por 2,20 metros de parede entre eles, à exceção dos extremos da fachada. As três portas presentes no mesmo alçado inserem-se no ritmo e compõem o efeito de um grande edifício salão, no entanto, as três janelas centrais servem dois pisos, fábrica e escritório, mesmo que não seja percetível pelo exterior. Na figura 106 e, posteriormente, na 116, podemos observar que a janela do lado interior dispõe de um peitoril em alvenaria que é recuado face ao plano da fachada, permitindo que um vão com 5 metros de altura sirva dois pisos, mesmo que no seu alçado isso não se reflita. Esta característica é, possivelmente, o mais erudito e sábio detalhe da antiga fábrica.

Este alçado, marcado por uma geometria desenhada e regular, não estabelece uma relação direta com a estrutura no interior, dado que os pilares apresentados em planta não coincidem com o desenho dos vãos. A independência do alçado face à distribuição interior justifica a irregularidade da estrutura interna, reforçando o valor estético dado à cara do edifício.

Os restantes alçados não apresentam um desenho tão regular, como é exemplo o alçado lateral sul apresentado ao lado, demonstrando mais uma vez a valorização dada à fachada. O referido alçado não sugere um desenho coeso e pensado de forma harmoniosa e visualmente apelativa. Estava associado a entradas de serviço utilizadas pelos operários com ligação quase direta aos sanitários e a espaços técnicos, como é percetível na planta original, sendo a fachada principal, voltada a poente, o alçado nobre do edifício.

A materialidade do edifício é facilmente identificável: betão na sua estrutura; pedra e argamassa de cimento nas paredes; ferro na caixilharia; vidro nas janelas e aberturas zenitais; asnas de madeira com tirantes de ferro na cobertura e telha do tipo marselha.









105 Retrato do quotidiano n'*A Boa Nova*, com destaque na imagem para as asnas de madeira da cobertura e para a varanda a partir da administração que permitia a vigilância sobre o trabalho operário

106, 107, 108 Imagens dos escritórios da fábrica, com destaque para a caixilharia vista do interior e mobiliário trabalhado em madeira, bem como para o revestimento das paredes em azulejo, ainda visíveis atualmente, mesmo que quase inteiramente destruídos



109 Vista aérea do quarteirão onde se insere a Fábrica de Conservas *A Boa Nova*, mostrando a sua envolvente e a condição atual de ruína

4.3. O Edifício - Estado Atual

Desativada na segunda metade da década de 80, tendo estado em funcionamento cerca de 55 anos, a Fábrica de Conservas "A Boa Nova" foi alvo de um grande incêndio em 1989 que a deixou em ruínas até aos dias de hoje. O encerramento e abandono forçado da estrutura fabril deu origem a uma degradação do que restava do edifício.

Atualmente, mais de três décadas após o incêndio, o edifício encontra-se parcialmente em ruína, com inúmeras debilidades e elementos deteriorados, inexistência total de coberturas, aberturas emparedadas e algumas paredes colapsadas. O espaço, agora aberto, apesar de se encontrar num contexto urbano, foi invadido por vegetação.

No entanto, mesmo perante estas condições, a fachada principal e grande parte da estrutura, bem como a chaminé, mantém-se em condições razoáveis de conservação e passíveis de recuperação.

A descrição do atual estado do edifício foi realizada segundo a observação no local, bem como através de um drone, sem acesso ao interior do edifício por se tratar de uma propriedade privada. Foi, porém, realizado um levantamento fotográfico e arquitetónico. Para elaboração do primeiro consideraram-se pontos de vista do exterior e alguns do interior, obtidos através de aberturas na fachada. O levantamento arquitetónico foi feito segundo uma base rigorosa da planta original, uma ortofotografia aérea de 2019 e medições recolhidas no local, no que aos alçados diz respeito.

Neste capítulo foram incluídos os elementos que consideramos fundamentais para a caracterização do edifício, sendo que ambos os levantamentos se reproduzem no anexo. Algumas notas sobre o seu estado atual são feitas diretamente na legenda da imagem, por se entender que permite uma leitura mais imediata sobre o elemento que se pretende destacar.



110 Estado atual da fachada principal Rua Conselheiro Costa Braga



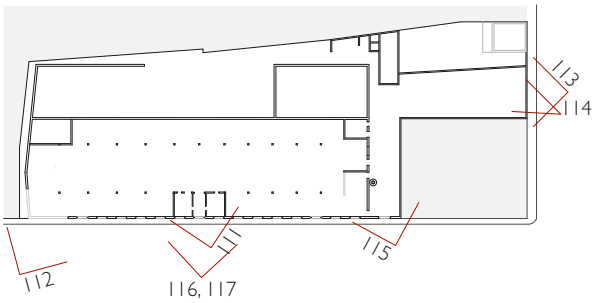
111 Estado atual da fachada principal
Rua Conselheiro Costa Braga
Leitura clara dos vãos e preservação da identificação "Fábrica de Conservas Boa Nova"



112 Estado atual da fachada principal
Rua Conselheiro Costa Braga
Relação do edifício com a vegetação na via e ausência de relação entre o interior do edifício e a via em si, dada a altura dos vãos



113 Estado atual da entrada lateral
Avenida Menéres





114 Estado de deterioração da fachada Avenida Menéres



115 Chaminé quase intacta da fábrica, faltando apenas algum revestimento.



116 Vestígios do patamar dos escritórios da fábrica e a sua articulação com o vão exterior



117 Vestígios de azulejos e espaços interiores dos escritórios da fábrica



118 Empena do topo norte do edifício
Rua Conselheiro Costa Braga



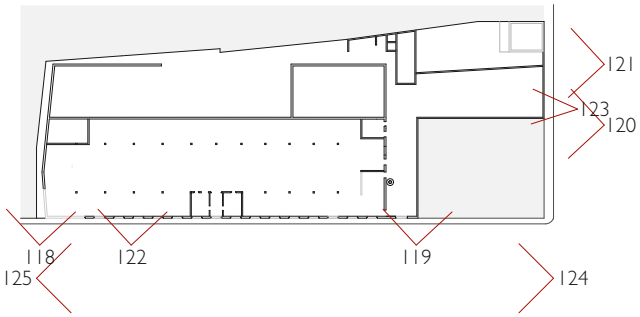
119 Empena do topo sul do edifício
Rua Conselheiro Costa Braga

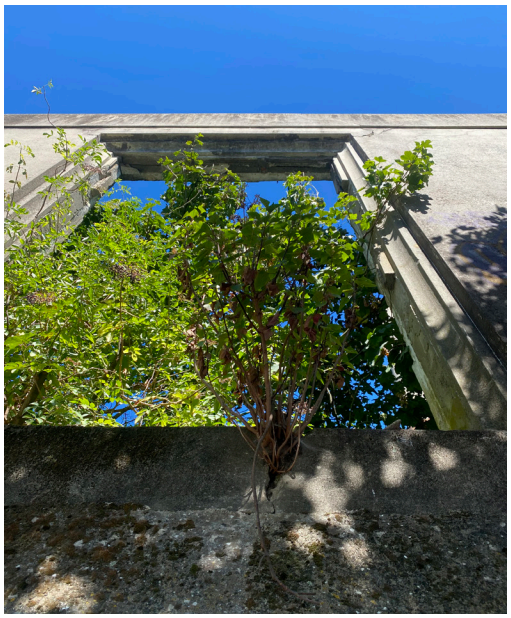


120 Empena da entrada lateral
Avenida Menéres



121 Empena da entrada lateral antes da demolição do edifício adjacente
Avenida Menéres







122, 123 Vestígios da tomada do edifício pela vegetação ao longo dos anos

124 (em baixo, à esquerda): Rua Conselheiro Costa Braga, sentido Sul-Norte, com a Fábrica "A Boa Nova" à direita

125 (em baixo, à direita): Rua Conselheiro Costa Braga, sentido Norte-Sul, com a Fábrica "A Boa Nova" à esquerda





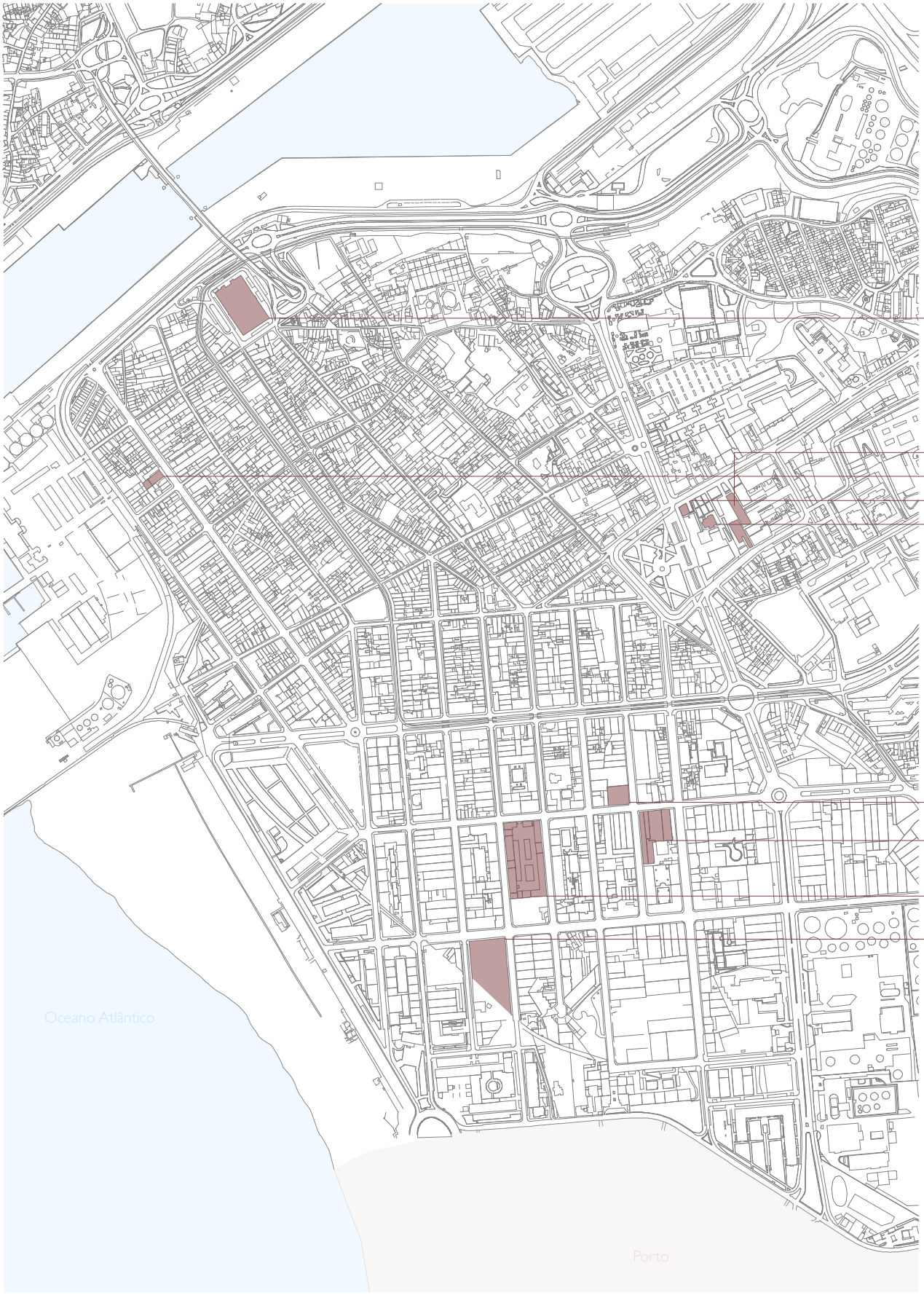






126, 127, 128 Vistas aéreas do estado atual do edifício

A BOA NOVA - FUTURO



129 Identificação de projetos e construções recentes de interesse público em Matosinhos Sul

Escala 1:10 000

5.1. Necessidades do território

Perante o contexto de necessidade de resposta a um programa para o edifício a intervencionar, foi fundamental compreender as necessidades do território, reconhecendo que Matosinhos é uma cidade repleta de equipamentos, serviços e ofertas a nível cultural, social, desportivo, e outros.

Fundamentalmente no que ao património e equipamentos culturais diz respeito, é importante destacar o Teatro Municipal Constantino Nery, o Mercado de Matosinhos, o Museu da Memória de Matosinhos, Museu Quinta de Santiago, Biblioteca Municipal Florbela Espanca e Galeria Municipal e a Casa da Arquitectura, instalada no quarteirão anteriormente ocupado pela *Real Companhia Vinícola*, também num projeto de intervenção numa antiga fábrica.

De salientar ainda a obra deixada em Matosinhos por nomes de destaque da arquitetura contemporânea. No que diz respeito a essa presença destacamos: a Casa de Chá da Boa Nova, a Piscina das Marés e a Piscina da Quinta da Conceição, da autoria de Álvaro Siza Vieira; as casas-pátio e a marginal de Matosinhos, bem como o projeto do Museu da Língua e das migrações, ainda em desenvolvimento, elaborados por Eduardo Souto Moura; a Quinta da Conceição e a ligação ao Museu Quinta de Santiago, por Fernando Távora; e o edifício da Câmara Municipal, da Biblioteca Municipal Florbela Espanca e da Galeria Municipal, de Alcino Soutinho.

O Teatro Municipal Constantino Nery, construído num edifício datado de 1878, foi reabilitado pelo Atelier 15, dos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Férnandez, e inaugurado em 2008. Este equipamento integra uma receção e espaço expositivo, sala de ensaios, café concerto, auditório com capacidade para 225 lugares e administração .

O Mercado de Matosinhos, inaugurado a 27 de maio de 1952, foi projetado em 1939 pelo grupo ARS, constituído pelos arquitetos Fortunato Cabral, Morais Soares e Cunha Leão.

Alia a tradição dos antigos mercados à composição arquitetónica do espaço e à implantação de pequenos negócios no primeiro piso e nas lojas exteriores. Funciona, em articulação com um programa da Escola Superior de Artes e Design (ESAD), como uma incubadora de projetos relacionadas com o design. "A Incubadora de Design do Mercado Municipal de Matosinhos acolhe e promove novos projetos de negócio na área do design, associando os valores marítimos e gastronómicos da cidade à implementação de indústrias criativas. A programação e gestão do espaço estão a cargo da *esad—idea*."[57]

Atinge, na sua essência, o relacionamento social entre a população residente e a atração por parte de turistas. Uma das particularidades que oferece e que lhe confere esse tipo de relação entre o tradicional e o novo é a possibilidade de escolher o peixe para a sua refeição na banca da lota que será entregue e confecionado no restaurante do mercado, à sua escolha.

57. "Fundada em 2013, a esad—idea, Investigação em Design e Arte é o centro de investigação da ESAD. Num percurso pautado pelo pensar e fazer, dando forma às ideias e procurando soluções para os problemas, a esad—idea aposta na publicação, organização de conferências, fóruns, workshops, programação e curadoria (...)" *in https://staging.esadidea.pt/pt/about*



130 Teatro Municipal Constantino Nery (A)
Avenida Serpa Pinto, Matosinhos



131 Mercado Municipal (B)
Rua França Júnior, Matosinhos



132 Museu da Memória de Matosinhos (C)
Rua de Alfredo Cunha, Matosinhos



133 Museu Quinta de Santiago
Rua Vila Franca, Leça da Palmeira



134 Biblioteca Municipal Florbela Espanca e Galeria Municipal (D)
Rua de Alfredo Cunha, Matosinhos



135 Casa da Arquitectura e Centro Português de Arquitectura (E)
Avenida Menéres, Matosinhos



136 Análise de usos e equipamentos
Escala 1:10 000

O Museu da Memória de Matosinhos, localizado no Palacete Visconde de Trevões, original de 1909, foi recentemente reabilitado e inaugurado em agosto de 2021. Após ter funcionado como Biblioteca Municipal, como escola e como sede da Polícia Municipal, o edifício surge renovado e fortemente intervencionado no seu interior de modo a preservar a sua arquitetura mas conjugá-la com uma forte vertente tecnológica que abrange modelos digitais e interativos a três dimensões, experiências de realidade virtual e imersiva, e outro tipo de interações.

Funcionando como parte integrante da rede de Museus de Matosinhos, e membro do ICOM desde 2007, o Museu Quinta de Santiago foi inaugurado em abril de 1996 após reabilitação sob projeto de Fernando Távora. A casa que atualmente alberga o museu, datada presumivelmente de 1896, constitui um importante testemunho arquitetónico do arquiteto Nicola Bigaglia.

Pela sua localização privilegiada perante o Porto de Leixões, é um testemunho das profundas transformações urbanas e sociais ocorridas na cidade entre o final do século XIX e o decorrer do século XX.

A Biblioteca Municipal Florbela Espanca e Galeria Municipal, inauguradas em maio de 2005, surgem como um prolongamento da Câmara Municipal, ambos projetos do arquiteto Alcino Soutinho. A clareza das suas formas e pertinência de intervenções é cativante para todos aqueles que as visitam, e, para além dos espaços dedicados à biblioteca e à galeria em si, dispõe de outras valências associadas à música, cinema e tecnologias de informação, entrada e espaço de exposições, um pequeno auditório e o espaço de administração e serviços, como o arquivo.

A Casa da Arquitectura e Centro Português de Arquitectura, localizada no quarteirão da *Real Companhia Vinícola* e instalado sobre os vestígios da mesma instalação fabril, construída entre 1897 e 1901, foi inaugurado no ano de 2017 após reabilitação, segundo um projeto do arquiteto Guilherme Machado Vaz.

O equipamento, que dispõe de cerca de 4700 m2 é constituído por áreas públicas de exposição, auditório, loja e biblioteca (36% da área total), áreas de conservação e manutenção (38%), setores de gestão e produção interna (10%) e usos comuns (16%), e constitui um dos mais importantes testemunhos de reabilitação de estruturas da era industrial em contexto nacional contemporâneo. Para além destas valências, integra ainda a sede da Orquestra de Jazz de Matosinhos, com um pequeno auditório, estúdios de gravação, salas de ensaio e administração.

Perante a ampla disposição de exemplos apresentados, é de salientar a importância da reabilitação no concelho matosinhense, valorizando o seu património e preservando a memória da sua história.

5.2. Programa: Definição e Conceito

O resultado do processo de desindustrialização, fundamentalmente no que a Matosinhos diz respeito, foi o de um conjunto de edifícios industriais deixados cair no abandono e esquecimento, assumindo-se como estruturas devolutas que passaram a contribuir para a descaracterização da cidade. De uma forma irónica, estas estruturas foram também, outrora, elementos que distinguiam aquele território durante a era industrial, de onde emana a memória de uma sociedade.

Embora atualmente devolutos, a sua presença no território é pronunciada, dadas as suas dimensões, constituindo vazios urbanos com bastante potencial de desenvolvimento. Por isso, cada vez mais assistimos a abordagens de preservação, manutenção e reabilitação desses mesmos edifícios, maioritariamente segundo a atitude de reconversão num equipamento com um propósito contemporâneo.

Após uma atenta investigação acerca do contexto urbano de Matosinhos, e atendendo à ideia de salvaguarda do património industrial do território, desenvolvido nos capítulos anteriores, a fábrica de conservas *A Boa Nova* surgiu como uma oportunidade de preservar a memória industrial, mediante a sua reconversão num programa integrado na vida contemporânea.

Por constituir um edifício de interesse arquitetónico, como já mencionado em capítulos anteriores, é justificada a sua reabilitação, e, ainda que reste apenas pouco mais do que a fachada e a chaminé do edifício original, é uma mais valia a sua reconstrução.

Desta forma, a etapa seguinte no desenvolvimento do trabalho foi a de procura de um novo programa que correspondesse às necessidades atuais e respondesse às premissas que colocávamos: um programa comunitário, integrador, social e empreendedor, que contribuísse para a melhoria das condições de vida da população residente mas cativasse simultaneamente a atenção de outros visitantes.

Numa primeira fase, um dos aspetos que prendeu a nossa atenção foi o facto de, cada vez mais, Matosinhos ser procurado por jovens artistas irreverentes, interessados e cultos, nomeadamente designers de várias áreas de trabalho.

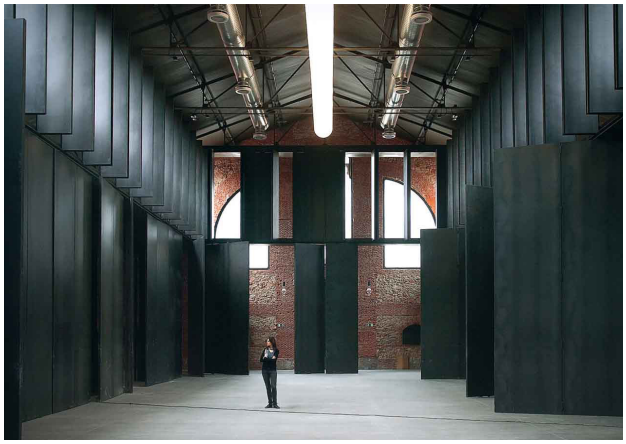
Neste sentido, foi clara a necessidade de resposta com um programa catalisador do desenvolvimento do trabalho destes jovens e empreendedores, muitas vezes condicionados em fases embrionárias dos seus projetos por falta de instalações acessíveis e de investimento. A atribuição dessa função a esta estrutura valorizaria não apenas o edifício em si mas também a dinâmica e o quotidiano de Matosinhos, atraindo novos investidores e projetos, mantendo a ideia de um espaço dinâmico e aberto a toda a comunidade.

A ideia de fazer um espaço de co-working ou cluster empresarial surgiu naturalmente perante estas características, tornando a Fábrica de Conservas *A Boa Nova* numa incubadora de pequenos negócios associados às mais diversas áreas de trabalho mas fundamentalmente relacionadas com as artes. No entanto, foi necessário compreender o que representava este conceito.



137 El Matadero, Madrid
Centro de Criação Contemporânea

(em baixo)
138, 139, 140 El Matadero, Madrid
Centro de Criação Contemporânea, vistas interiores
141 El Matadero Crea, Madrid



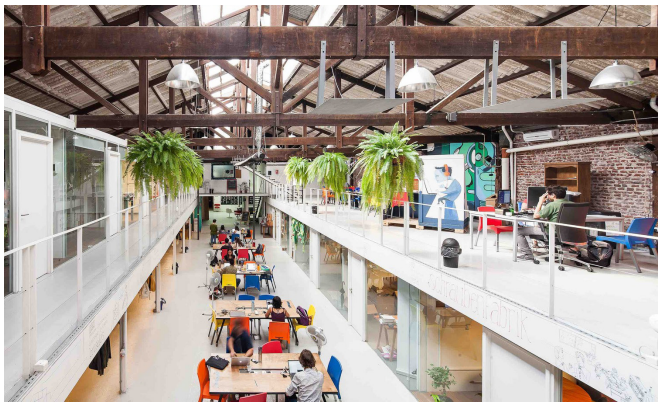








142 Sinergia Cowork, Palermo
Relação entre espaços de trabalho nos dois pisos e cobertura de águas



143 Sinergia Cowork, Palermo
Espaço de coworking no piso superior, em frente a gabinetes individuais

A pesquisa de programas semelhantes e comparáveis, ainda que nenhum igual, foi o ponto de partida para esta fase de investigação.

O primeiro a enumerar seria o antigo matadouro e mercado de gado de Madrid, *El Matadero*, que funciona atualmente, após reabilitação, como Centro de Criação Contemporânea e grande recinto multidisciplinar.

Este equipamento, dotado de inúmeros pavilhões e espaços, foi sendo intervencionado e requalificado segundo projetos de diferentes arquitetos entre os anos de 2007 e 2012. No presente, tornou-se um Centro de difusão, investigação e criação cultural que se dedica a experiências artísticas. Dentro do seu impactante complexo destacam-se diferentes espaços destinados a variados programas, entre eles: as artes cénicas, nas *Naves del Español;* o design, na *Central de Diseño*; as artes visuais, na *Cineteca*; a literatura, na *Casa del Lector*; o Centro de Exposições, com 4000 m2, no *Pavilhão 16*; um espaço ao ar livre dedicado a espetáculos variados, entre outros. Como é possível ver nas figuras que ilustram este tema (figuras 137 a 141), a reabilitação deste edifício deixa marcada a ideia de preservação do exterior do volume, sempre que possível, e criação de espaços distintos no interior, fazendo uso de novos materiais e diferentes linguagens que diferenciam o caráter de intervenção em cada espaço, de algum modo correspondendo e ecoando a praticabilidade do Restauro Científico de Camilo Boito, defendendo uma ação miníma restauradora que distingue nitidamente os elementos originais dos construídos à posteriori, resultando num ato contrastante que identifica cada momento e fase da história e construção como único e inimitável.

Em Palermo, com um programa distinto e associado ao co-working, localiza-se a *Sinergia Cowork*, com 1400 m2 e inaugurado em 2014 após projeto de reabilitação de Emilio Magnone e Marcos Guiponi. Este espaço, que outrora foi uma carpintaria, oficina mecânica, estúdio de cinema e armazém, é agora um conjunto de 32 escritórios e 4 salas de reuniões para aluguer, num ambiente colaborativo diversificado.

A nível arquitetónico, mantém a estrutura pré-existente, sendo o novo programa integrado utilizando materiais leves e removíveis construindo uma tela de cores neutras e não comprometedoras, sendo a cor injetada no espaço através de vegetação e dos espaços de trabalho. A entrada principal é feita através de uma porta de garagem e o edifício dispõe de um pátio central, uma oficina de impressões 3D, salas de estar, estúdio de fotografia e espaço de lazer na cave, com abóbadas e paredes de tijolo e pedra, construído no início do século XX. No telhado existe ainda uma zona de lazer exterior vocacionada para a interação fora do horário de trabalho.

Assim, podemos reconhecer a intenção de manter a essência do edíficio e a sua estrutura, acrescentando elementos leves e simples que auxiliam na divisão e organização do programa em uso mas que, em qualquer momento, podem ser removidos para dar lugar à figura inicial de armazém.



144 Escritórios Revigrés, Barrô, 2013
Carlos Castanheira Arquitetos

Inserção do volume dos escritórios na zona de produção/armazém





145, 146 Escritórios Revigrés, 2013, Carlos Castanheira Arquitetos







Escritórios Vieira de Almeida e Associados, Lisboa, 2017
PMC Arquitetos e Openbook architecture

147 Reabilitação de uma das fachadas

148, 149 Espaço interior de relação entre postos de trabalho, relevância da inserção de luz num espaço com grande pé direito e incorporação da estrutura metálica

Em contexto nacional destacam-se dois projetos, não pelo seu programa mas pelo que representam face ao pensamento projetual. O primeiro, os escritórios Revigrés (2013), em Barrô, do arquiteto Carlos Castanheira, é o reflexo de um programa de edifício dentro de outro edifício, dado que os escritórios se localizam dentro do pavilhão de produção. Este conceito, que em parte relembra a zona de escritórios das fábricas conserveiras, com dois pisos anexos à zona de produção, incorpora um edifício autónomo e sustentável com o acompanhamento próximo do trabalho na área de fabrico.

O segundo projeto, os escritórios Vieira de Almeida e Associados (2017), em Lisboa, da autoria de PMC Arquitetos e Openbook architecture, é um espaço com 11 268 m^2 que combina duas reabilitações e duas ruas diferentes, à semelhança d'*A Boa Nova*. Localizado na antiga zona industrial, junto ao rio, os seus edifícios de origem são compostos por um armazém do século XIX que se encontrava em elevado estado de degradação e uma fábrica de serralharia do período da arquitetura do ferro.

Como opção projetual a fachada foi preservada, assim como o caráter do edifício, recuperando também no seu interior alguns materiais originais, contribuindo o seu desenho interior para o incentivo à comunicação visual entre escritórios e colaboradores.

Um outro caso ainda é o da *Typographia Cowork,* uma incubadora localizada dentro da muralha Fernandina, elemento que define o centro histórico medieval do Porto, como parte do ambiente urbano do Património Mundial da UNESCO. Ocupa um edifício anterior ao século XVII, construído originalmente como uma casa burguesa e que se adaptou progressivamente a outros programas, até à atualidade.

O projeto de 2016 do arquiteto Alexandre Loureiro pretende valorizar o edifício aproveitando a dimensão dos espaços existentes que são tipologicamente similares a naves industriais, integrando uma zona multiusos, a zona de trabalho partilhada e ainda a zona de lazer. Pelo contrário, as zonas de reunião, apesar de bastante generosas, são bem mais fechadas e compartimentadas em prol das necessidades programáticas.

No que diz respeito a outros complexos de incubadoras a nível nacional, realçam-se cinco nos últimos anos, fundamentalmente no ramo da ciência e tecnologia. Os seguintes casos distinguem-se da *Typographia Cowork* dado que são fundamentalmente baseados no trabalho individual e sem interação e comunicação entre negócios, pelo menos de uma forma natural e imediata.

O Instituto Pedro Nunes (1991), em Coimbra, que desde 2014 tem o propósito de apoiar start-ups que utilizem tecnologias espaciais para fins industriais e comerciais.;

A UPTEC (2007), Porto, que surge como um centro de incubação e inovação empresarial, transformando ideias em concretizações no que diz respeito às artes, ciências e tecnologias;

A StartUp Lisboa (2011), com início de atividade em 2012, que apoia pequenas empresas durante o primeiro ano de atividade;

A ANJE, Associação Nacional de Jovens Empresários (1986), localizada em vários pontos do país, que se dedica, também, a empresas tecnológicas.









Typographia Cowork, Porto, 2016

150 Espaço de *coworking*

151 Espaço de jardim de inverno, destinado a momentos de convívio e relacionado com um pátio exterior

152 Sala de reuniões, passível de reserva

153 Alçado frontal, reabilitação de um casario burguês







154, 155, 156 Instituto Pedro Nunes, Coimbra, 1991

Valorização do espaço exterior da incubadora, promovendo momentos de convivío e relações empresariais e sociais, bem como a melhoria de condições do espaço de trabalho

A Universidade de Aveiro Incubator, criada em 1996, apoia o desenvolvimento de ideias e *startup*s, maioritariamente de caráter tecnológico. Funciona como um espaço de apoio e dinamização de ideias inovadoras e com elevado potencial de crescimento. As suas instalações localizam-se no *PCI.Creative Science Park Aveiro Region*, sempre em articulação com a Universidade de Aveiro, num espaço com um total de 1890 m2.

O trabalho desta incubadora é dividido em três etapas que se explicam de seguida[58], de modo a compreender melhor o processo de apoio a estes pequenos negócios que se pretendem estabelecer também n' *A Boa Nova*. As três fases do programa *UA Incubator Start*, com uma duração total de 3 anos, estão associadas aos diversos estágios de desenvolvimento de um projeto.

- A primeira, o **lançamento**, remete para a aquisição de competências e recursos para prototipar, testar e lançar o projeto no mercado;

- A segunda, o **crescimento**, pretende obter rendimentos através da comercialização do produto/serviço, aumentar a rede de clientes e melhorar a proposta de valor;

- A terceira, ganhar **escalabilidade**, promete a expansão para novos mercados, a criação de um novo produto/serviço ou a conquista de novos segmentos no mercado atual.

Também o **espaço** e os serviços deste equipamento são relevantes para o desenvolvimento de um programa próprio da presente dissertação, sendo o edifício composto por:

- Gabinetes individuais / Gabinetes co-working
- Reprografia e digitalização
- Sala de reuniões e de formação / projetor de vídeo
- Espaço coffee-break
- Apoio logístico e controlo no acesso aos espaços, equipamentos e serviços
- Sede fiscal e comercial
- Serviços de higiene e segurança no trabalho

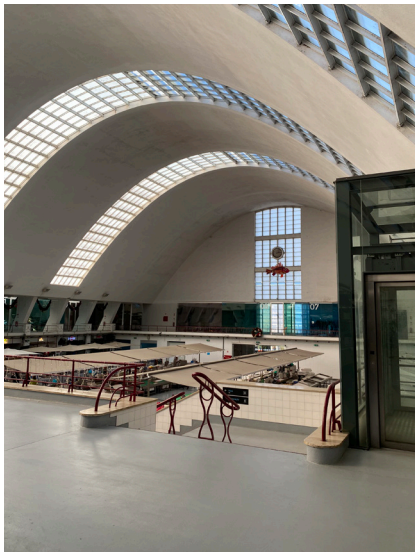
Relativamente aos **serviços**, destacam-se o:

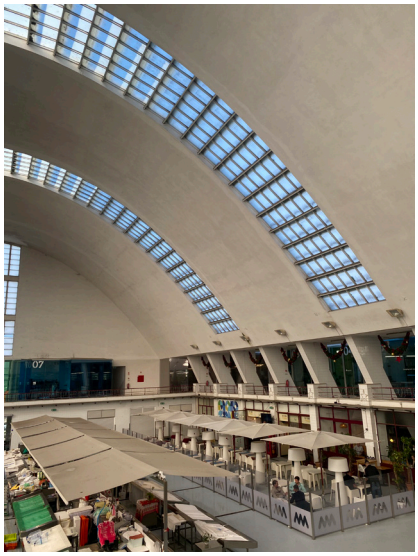
- Acompanhamento na gestão operacional do negócio, assessoria e apoio jurídico;
- Apoio na definição/consolidação do modelo e do plano de negócios;
- Apoio à proteção/valorização de direitos de propriedade intelectual;
- Apoio no acesso ao portefólio de competências e serviços da UA;
- Apoio à constituição da empresa e ao início de atividade;
- Apoio a candidaturas a iniciativas de empreendedorismo e inovação;
- Apoio na estruturação da estratégia de comunicação e divulgação;
- Apoio no contacto com investidores, entidades financeiras e internacionalização.

No que aos **eventos** diz respeito, aqui realizam-se:

- Workshops de capacitação para a gestão de startups;
- Eventos de divulgação da atividade, produtos e serviços das empresas;
- Eventos de dinamização do ecossistema empreendedor;
- Eventos de networking.

[58] Os elementos apresentados de seguida foram descritos com base na informação do site *https://www.ua.pt/pt/incubator/*, no que diz respeito as fases de trabalho, espaço, serviços e eventos







157, 158, 159
Mercado de Matosinhos, atualmente

Imagens do interior do edifício com destaque para os espaços de trabalho e lojas, em particular na terceira figura, à direita



160 Esquema de associação de espaços

A ideia de instalação de pequenos negócios associados ao design já é algo patente no Mercado de Matosinhos, como foi brevemente referido no capítulo anterior. A dinâmica entre a Câmara Municipal e a ESAD, Escola Superior de Artes e Design, acolhe e promove novos projetos de negócio na área do design, mas acaba por ser um conceito menos abrangente e dinâmico. Da mesma forma, não existe nenhum espaço dedicado à exposição, interação e convívio entre os projetos, sendo o único espaço disponível o do Mercado em si.

Inspirando-se nas diversas etapas de desenvolvimento de um projeto promovidas pela Universidade de Aveiro Incubator e na articulação de espaços da *Sinergia Cowork*, a proposta diferenciadora d' *A Boa Nova* baseia-se num conceito mais comunitário, desenvolvido segundo correlações entre negócios e áreas de trabalho. A ideia de espaços individuais compostos por loja e/ou área de trabalho que convergem num espaço interior comum de interação, discussão de ideias e permeabilidade de interesses, que é o ponto fulcral deste equipamento, oferece a possibilidade de espaço de elaboração do projeto e venda do mesmo, se for aplicado, mas também um espaço multifuncional de apoio a todos os negócios lá implantados. Para além desta vertente, integraria também um espaço exterior, um pátio, que, à semelhança do que passou a ser utilizado nas estruturas fabris, funcionaria como espaço de lazer e convívio, conferindo maior qualidade à vivência do espaço. Seriam também tidas em conta exigências destes negócios que não são acessíveis a todos, principalmente numa fase inicial de atividade profissional, como oficinas, sala comunitária com apoio de kitchenette, estúdio de fotografia, salas de reuniões e outros serviços que possam surgir como relevantes. O espaço de *co-working*, também disponível, é mais amplo e abrangente, apoiando freelancers de diversas áreas que apenas necessitem de uma secretária e um computador para trabalhar, e os escritórios, mais fechados para o interior, permitem a instalação de negócios menos voltados à necessidade de interação com o cliente, funcionando por marcação e reunião.

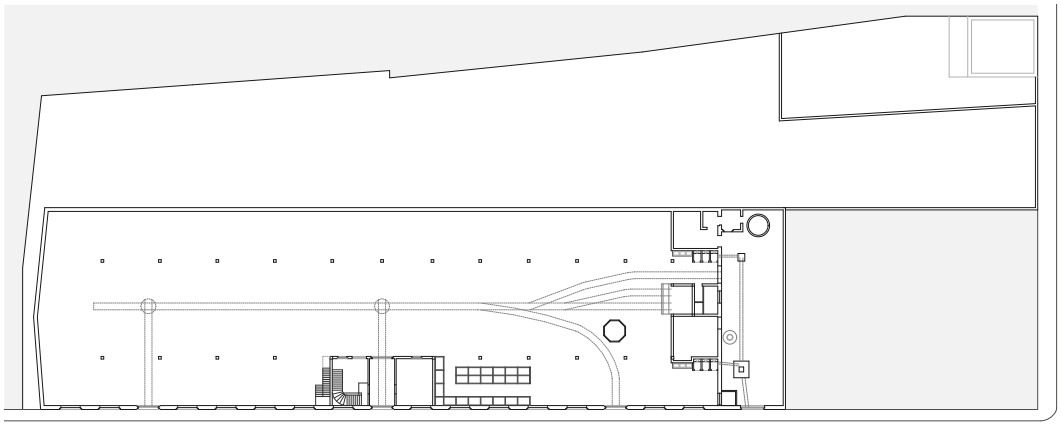
Em termos práticos, como exemplo, considera-se um negócio de joalharia que podia dispor, de forma individual, de uma loja para atendimento ao público e uma pequena oficina mas, simultaneamente, em contexto público, de um espaço de exposições, um estúdio de fotografia e uma sala de reuniões. Da mesma forma, este negócio beneficiaria da proximidade a uma loja de papelaria e design, também sediada neste espaço, à qual, eventualmente, e em associação informal num espaço comum, se poderia aliar para desenvolver um *packaging* renovado e desenhado especificamente para o seu negócio.

Estas alianças entre negócios e troca de conceitos e ideias, em tudo contribuem para a propagação de um novo modelo de incubadora de pequenos negócios, proporcionando o diálogo, a interação e todas as mais-valias associadas ao contexto de *co-working*, tornando-se, para além de um espaço de negócios, um projeto social público, destinado a uma heterogeneidade de utilizadores.

A definição do programa e a sua adaptação às necessidades da população que o poderá vir a utilizar fez-se acompanhar de objetivos como o de criação de postos de trabalho autónomos e incentivos a pequenos negócios, fundamentalmente jovens, estimulando o investimento na economia local e em negócios sustentáveis.

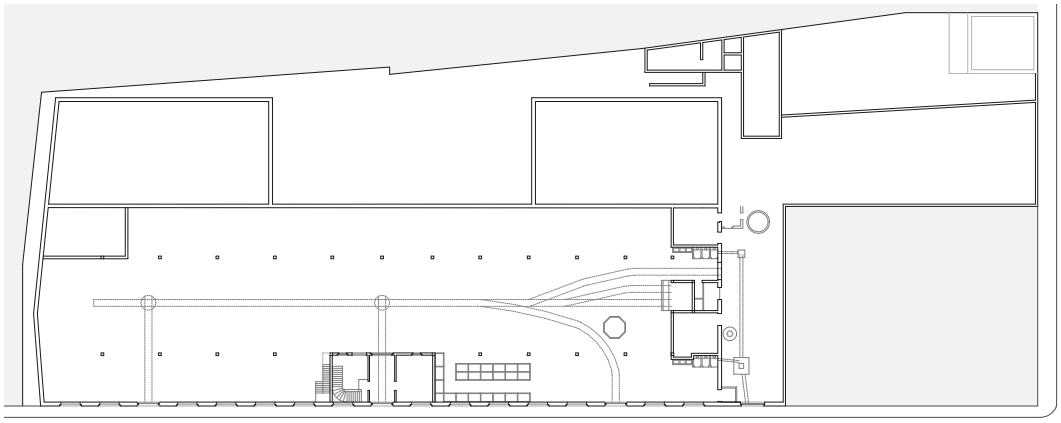
Em simultâneo, pretende-se criar um espaço para ser utilizado todos os dias, flexível e multidisciplinar, reconhecendo a pluralidade de ambientes e negócios nele dispostos, acompanhado de espaços semi-privados que auxiliem no decorrer da atividade laboral. Após pesquisas e ensaios acerca do conceito descrito, ou semelhante, foi desenvolvido um **programa**:

		condições ambientais obrigatórias							
		acesso ao exterior	AVAC	iluminação natural	caixilhos com abertura	**quantidade**	área útil (m^2)	área total por tipologia (m^2)	área total por espaço (m^2)
A	COMPARTIMENTOS GERAIS								1150
A.1	Entrada do público	●	●	●	●	1		60	
A.2	Entradas secundárias que permitam o atravessamento do edifício	●	●	●	●	2	40	80	
A.3	Espaços de circulação e distribuição (cerca de 25% da área total útil do edifício)							800	
A.4	Sanitários mulheres: 5-6 sanitas e 3-6 lavatórios | homens: 1-3 sanitas, 4 urinóis e 4 lavatórios | m.reduzida: 1 sanita e 1 lavatório					3	70	210	
A.5	Acessos verticais escadas: 3 | elevadores: 2					1			
B	ESPAÇO COMUNITÁRIO MULTIFUNCIONAL em contiguidade com a entrada								410
B.1	Espaço flexível e polivalente com acesso direto às lojas			●	●	1		290	
B.2	Arrumos/Área técnica					2	60	120	
C	INCUBADORA em contiguidade com o espaço comunitário multifuncional								1459
C.1	Lojas tipo A		●	●	●	14	40	560	
C.2	Lojas tipo B		●	●	●	7	47	329	
C.3	Escritórios		●	●	●	6	60	360	
C.4	Sala de coworking		●	●	●	1		210	
D	ESPAÇOS SEMI-PRIVADOS DE APOIO ÀS ATIVIDADES								475
D.1	Salas de reuniões		●	●	●	2	30	60	
D.2	Salas de apoio - Workshops e conferências		●	●	●	2	45	90	
D.3	Estúdios de fotografia		●	●	●	3	25	75	
D.4	Sala de convívio com kitchnette		●	●		1		100	
D.5	Oficina		●	●		1		150	
E	ADMINISTRAÇÃO								100
E.1	Secretaria		●	●		1		20	
E.2	Administração		●	●		1		25	
E.3	Gabinete da direção		●	●		1		10	
E.4	Sala de reuniões		●	●		1		10	
E.5	Arquivo administrativo e servidores		●	●		1		25	
E.6	Sanitários					1		10	
F	RESTAURANTE/BAR								280
F.1	Entrada	●	●	●	●	1		20	
F.2	Bar		●			1		15	
F.3	Sala de refeições		●	●	●	1		125	
F.4	Cozinha		●			1		75	
F.5	Instalações sanitárias para clientes (mulheres, homens e mobilidade reduzida)					1		20	
F.6	Instalações sanitárias e vestiários para funcionários					2	10	20	
F.7	Compartimento de lixos		●			1		5	
	ÁREA ÚTIL TOTAL								3 875
	ÁREA BRUTA TOTAL aproximada (área útil + 25%)								4 845



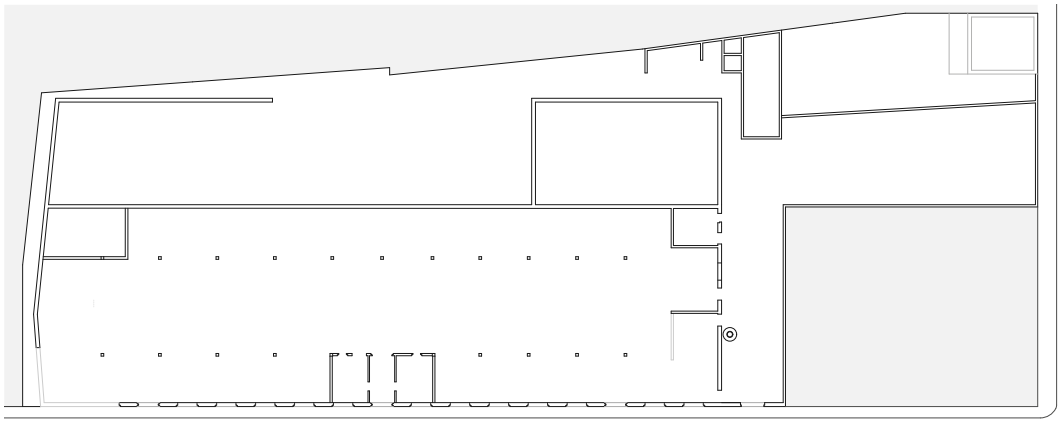
161 Desenho original do edifício - Planta original do Piso Térreo

Escala 1:1000



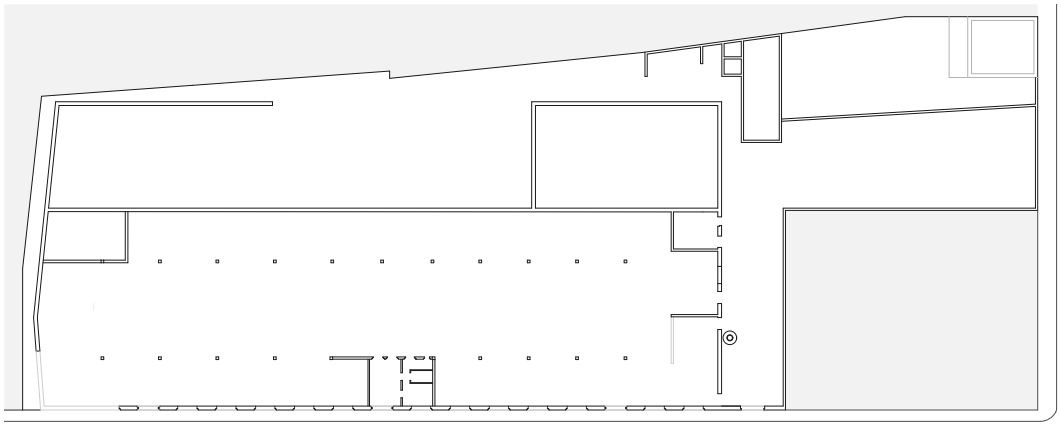
162 Estado do edifício no último período de laboração da Fábrica

Escala 1:1000



163 Estado atual do edifício - Piso Térreo

Escala 1:1000



164 Estado atual do edifício - Piso 1

Escala 1:1000

5.3. Estratégia de Intervenção - Metodologia e Intenções

O reconhecimento e valorização de estruturas industriais devolutas, enquanto edifícios representativos da memória de uma época é uma atitude cada vez mais atual. Consequentemente, a sua reabilitação e reconversão em equipamentos novos integrados na contemporaneidade é um tema igualmente pertinente.

Desta forma, o primeiro passo para esta reconversão foi a procura de um programa, etapa já desenvolvida no capítulo anterior, que responda a questões e premissas atuais e vocacionadas para o tema. Estas premissas abragem as mais generalizadas como a falta de financiamento em inícios de carreira e a falta de meios para desenvolvimento da mesma, bem como as necessidades inerentes ao local onde se insere, que já é dotado de inúmeros equipamentos culturais e sociais. É necessário pensar neste programa enquanto resposta às transformações da sociedade.

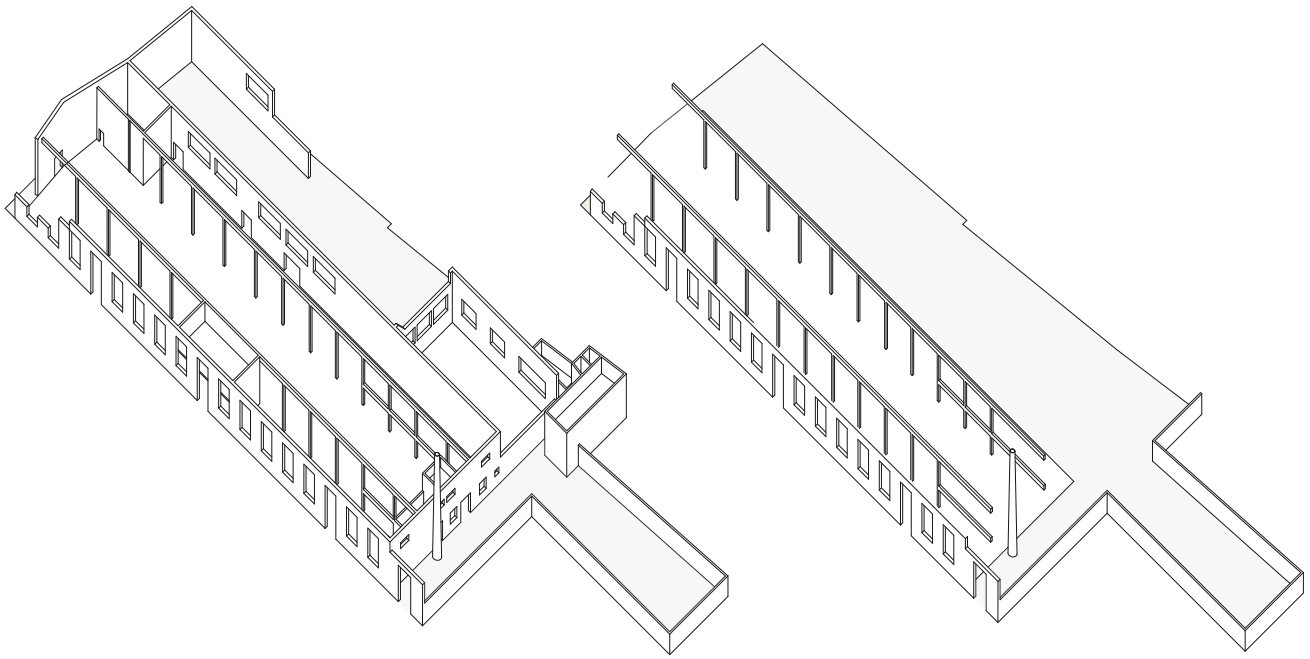
A consciência da valorização e preservação do património e da identidade do edifício é a condição inerente ao projeto de intervenção, sendo o mote para uma das principais decisões: o que importa preservar. A resposta surgirá da interpretação da história do edifício e da leitura do pré-existente, ponderando as questões programáticas, estruturais, materiais e metodológicas e reconhecendo a individualidade de cada intervenção.

Neste sentido, foram definidos à priori alguns princípios estratégicos de intervenção através dos elementos caracterizadores do edifício e o que eles simbolizam: a forma e composição do edifício; as fachadas e a chaminé; a divisão do corpo principal em três naves; e a existência de um espaço exterior anexo.

Como primeira e fundadora decisão projetual pretende manter-se a forma e a composição geral da fabrica, tanto quanto é possível face ao seu estado de degradação. Isto é, manter a mesma área de construção e as três naves, claramente marcadas pelos elementos estruturais sobreviventes, não obstante a cobertura em madeira ter já desaparecido. Pretende-se, do mesmo modo, estabelecer uma relação entre os espaços interiores e exteriores e destes com o logradouro, anteriormente desvalorizado e destinado a armazéns.

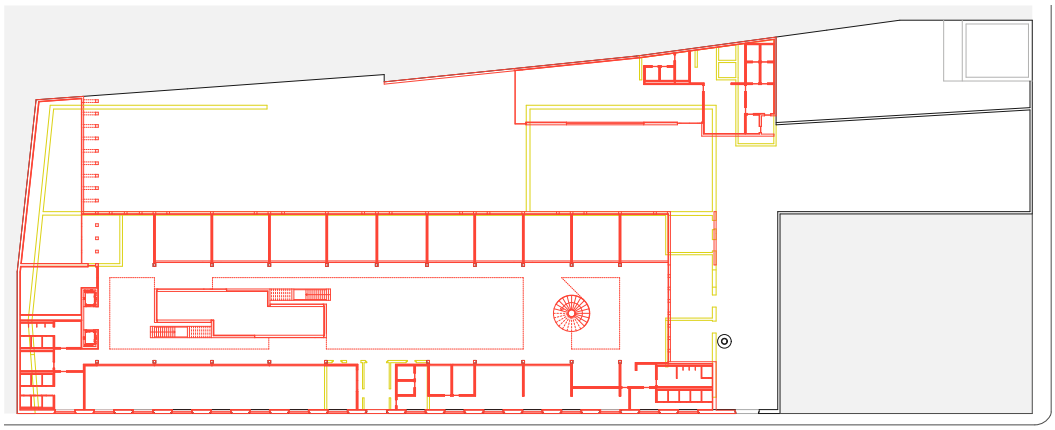
Dada a condição de ruína da estrutura fabril, marcada pela ausência de cobertura desde o incêndio da década de 90, o edifício foi invadido pela natureza e tomado pela passagem do tempo. O objetivo agora é manter o verde do espaço livre exterior, no entanto, mantê-lo enquanto espaço verde passível de usufruto pelos utentes do equipamento bem como pelos visitantes da cidade, associado ainda a um pequeno volume de restauração com espaço de esplanada.

Relativamente ao edifício em si, identificamos os elementos existentes que se manteriam ou demoliriam. Numa primeira fase, pareceu-nos clara a necessidade de preservação da fachada principal, voltada para a Rua Conselheiro Costa Braga, sendo este um dos elementos identitários deste edifício, bem como a chaminé em tijolo, que remete inegavelmente para a era industrial.



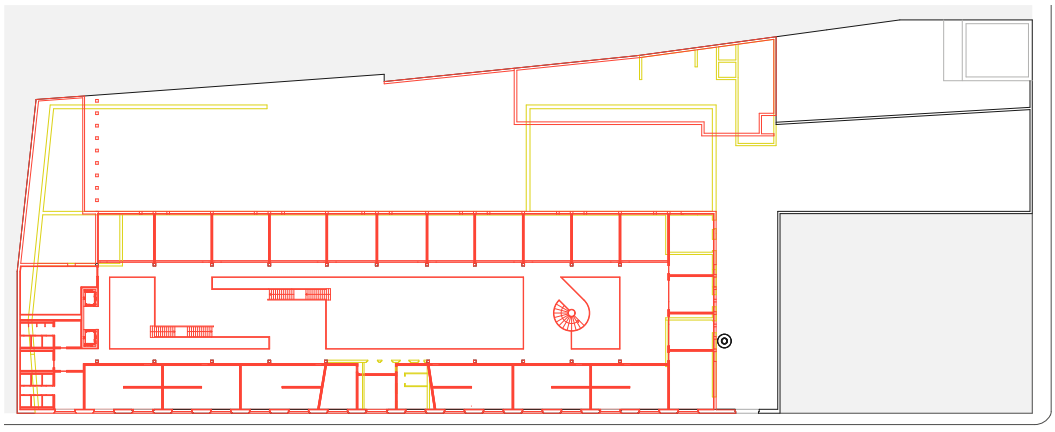
165 Axonometria representativa do estado atual da Fábrica

166 Axonometria representativa dos elementos que se pretendem conservar



167 Planta de vermelhos e amarelos - Piso Térreo

Escala 1:1000



168 Planta de vermelhos e amarelos - Piso 1

Escala 1:1000

Esta fachada, bem como a traseira, são elementos estruturais que, aliados ao sistema de pilar e viga em betão, compõem o esqueleto do edifício que se pretende conservar ou, pelo menos, conservar a sua memória e desenho. Esta reabilitação ou evocação assume a diferença entre a intervenção e o pré existente, o novo e o antigo, numa clara referência à distinção ao Restauro Clentífico de Camilo Boito, fazendo uso de novas cores e materiais, bem como de volumes e linguagens extraordinárias que, remetendo inegavelmente para a Intervenção Analógica, sugerem uma harmonia de épocas e de materiais.

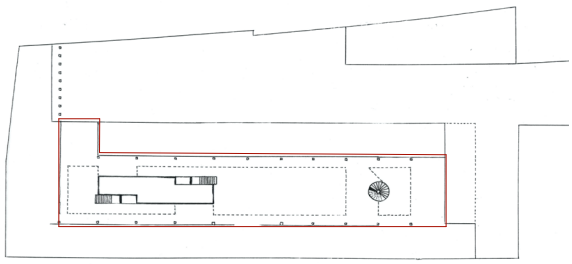
No que às paredes interiores diz respeito, nomeadamente as casas de banho, vestiários e escritórios, ou o pouco que delas resta, serão demolidas tendo em vista uma mais livre conceção do espaço e uma organização mais proveitosa e coerente, adaptando-se ao novo programa.

A decisão de preservação do alçado principal existente, e consequentemente a parede exterior, prende-se com a possibilidade de leitura praticamente original dos vãos da fachada, definindo todo o edifício e até a atmosfera transmitida para o interior, marcando um ritmo e um desenho para quem passa na rua. Pensar em demolir o alçado frontal seria destruir por completo a essência da construção e a sua identidade, não apenas enquanto edifício mas como elemento urbano, dado que a fachada é a ligação entre o mundo exterior e o interior. Inserido na fachada está o nome da Fábrica que, mesmo não tendo o mesmo propósito na contemporaneidade, se pretende manter, assumindo agora quase um caráter poético no projeto que se pretende desenvolver, transformando-o numa *boa nova*[59] para a cidade onde se insere.

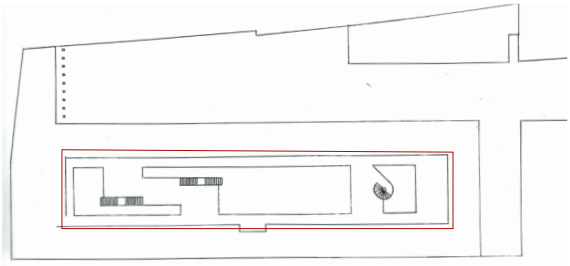
[59] Boa Nova significa, segundo o Dicionário *Priberam* da Língua Portuguesa, **boa notícia**, notícia feliz, notícia que causa alegria.

Os restantes alçados, que se pretendem demolir e reconstruir, mantém igualmente a leitura volumétrica original do edíficio, dado que as paredes se erguerão praticamente nas mesmas posições. A decisão sobre demolir estes alçados baseou-se no facto destes serem alheios a um desenho cuidado das suas aberturas, mas também por estarem num avançado estado de degração, notoriamente pior do que o alçado frontal. Contudo, existem alterações no caso da reconstrução da fachada traseira, que em nada comprometem a transversalidade com o contexto urbano, dado que lhe volta as costas. Aliado ao espaço exterior que se pretende reabilitar, com ligação direta entre o espaço empresarial e o mesmo, a fachada tardoz é aberta e redesenhada de forma ponderada e coerente com a sua função, mas simultaneamente criando um ritmo no desenho e um aspeto mais leve e transparente, ritmado e organizado.

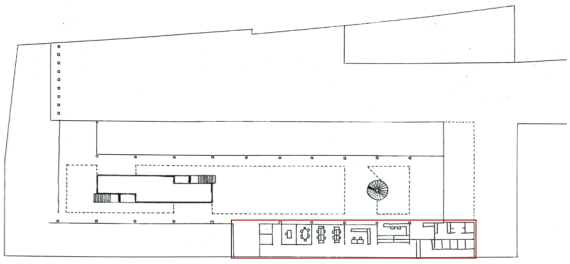
Por último, a questão da materialidade, que atualmente diz respeito única e exclusivamente ao betão, que se pretende manter, mas cuja articulação com materiais novos é fundamental. Desta forma, preserva-se o material predominante (o betão), reavivam-se materiais outrora empregues (o vidro e a madeira), mesmo que com novas funções, evocando algumas soluções construtivas próprias dos edifícios industriais, e acrescentam-se materiais novos, como o gesso cartonado, distinguindo a intervenção do pré-existente.



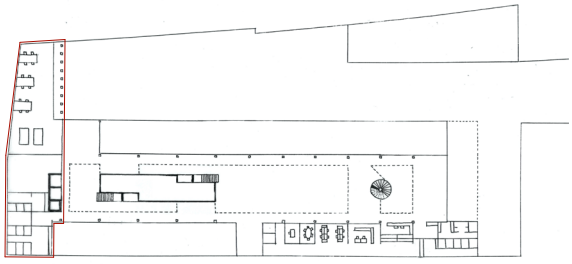
Piso Térreo - Nave Central



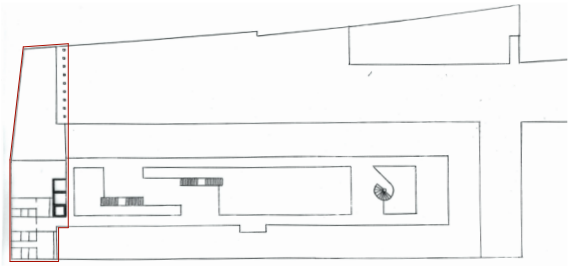
Piso 1 - Nave Central



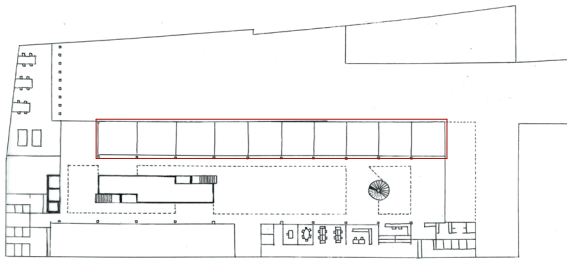
Piso Térreo - Administração



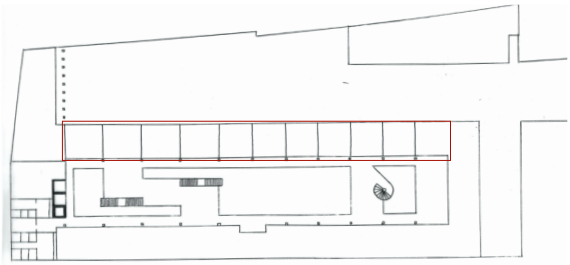
Piso Térreo - Topo Norte



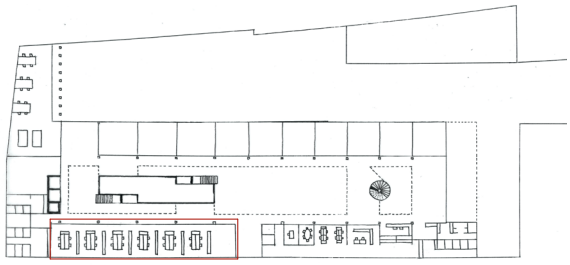
Piso 1 - Topo Norte



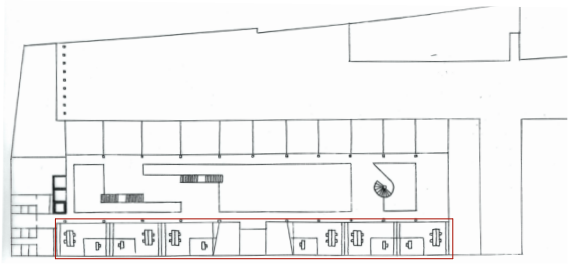
Piso Térreo - Nave Nascente



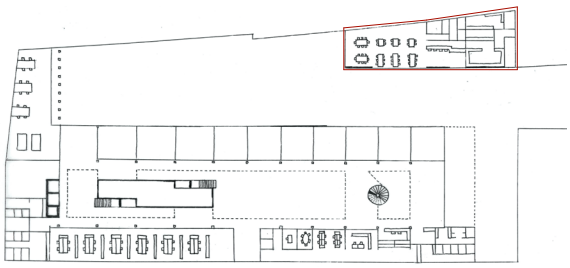
Piso 1 - Nave Nascente



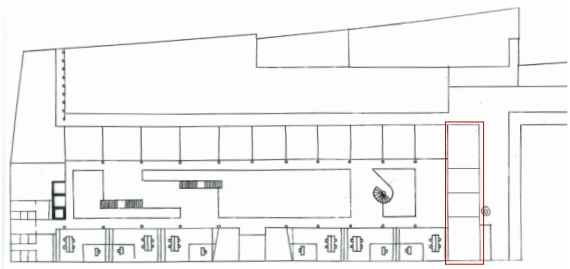
Piso Térreo - Nave Poente



Piso 1 - Nave Poente

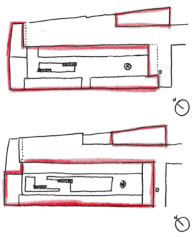


Piso Térreo - Restaurante/Bar

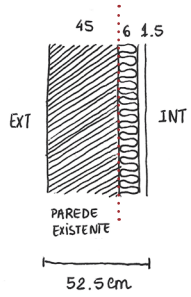


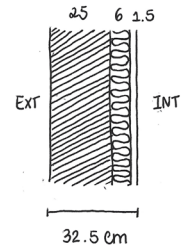
Piso 1 - Topo Sul

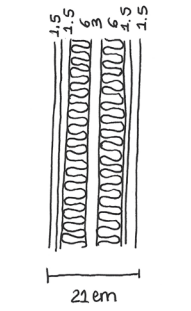
5.4. Projeto



170 Esquema das paredes a isolar no edifício - Piso Térreo e Piso 1, respetivamente







171 Esquema da tipologia de paredes pensadas para o edifício
1. Paredes existentes com isolamento novo
2. Paredes de betão construídas de raíz
3. Paredes interiores em gesso cartonado duplo

169 (página oposta) Esquemas da organização do edifício

O projeto de intervenção no edifício da Fábrica de Conservas *A Boa Nova* surge como propósito final do processo projetual e metodologia do mesmo, bem como o culminar deste trabalho, sustentado pela organização e distribuição do programa e simultaneamente pelos princípios de intervenção enunciados no capítulo "Património: Valores e Identidade".

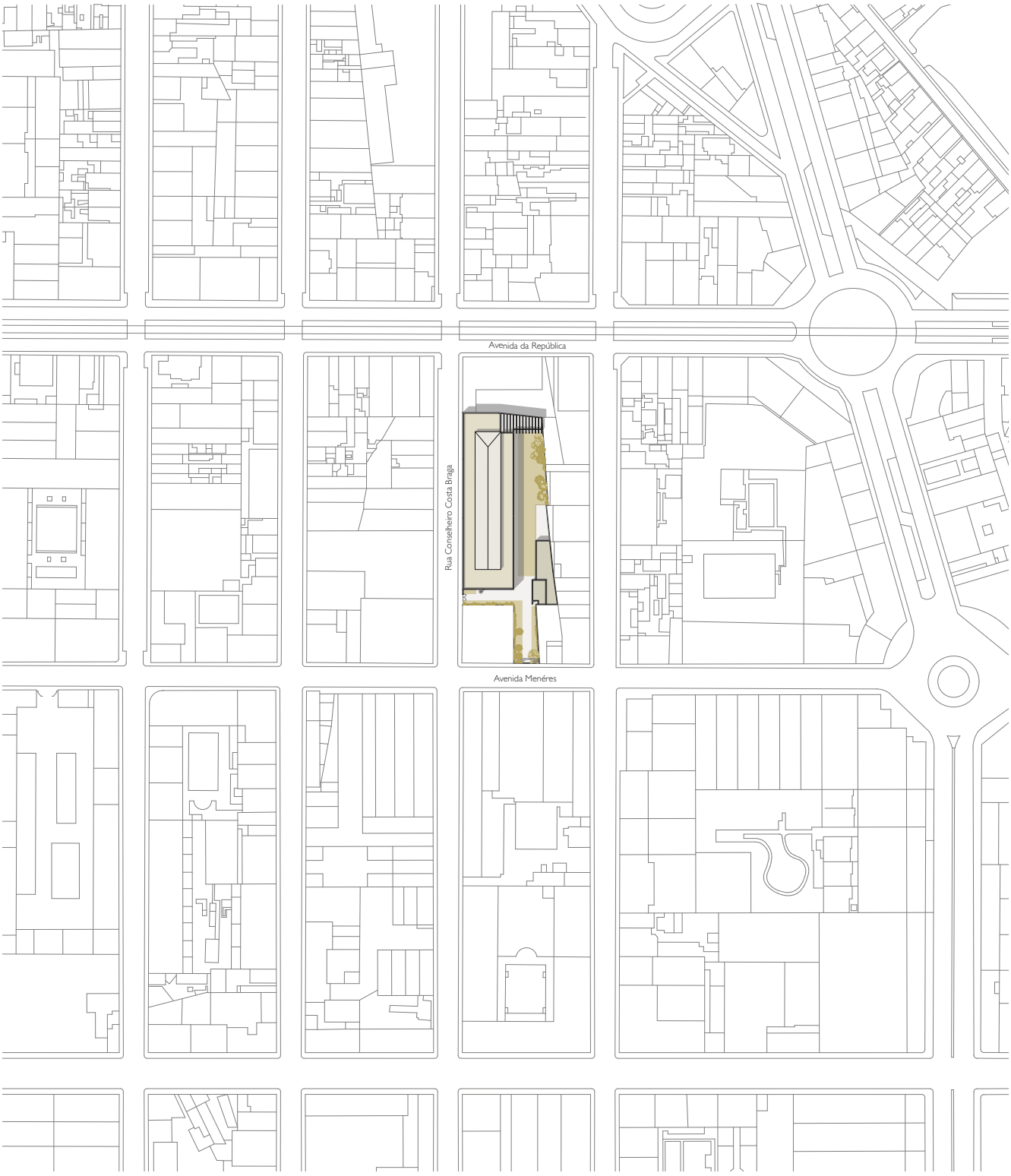
A inserção deste edifício num contexto urbano consolidado, como pudemos também constatar em capítulos anteriores, faz com que o olhar sobre o elemento "cidade" seja contemporâneo ao do projeto do edifício, fazendo com que se relacionem entre si e que comuniquem de forma harmoniosa e dinâmica. Desta forma, propõe-se a intervenção na rua Conselheiro Costa Braga, atualmente pouco cuidada, numa relação mais direta com a Avenida Menéres. Estas intenções passam por ações como a manutenção do passeio, funcionamento correto da iluminação na via, repavimentação e marcação de lugares de estacionamento, bem como a poda e manutenção das árvores presentes, dado que poucas são as vias em núcleos urbanos consolidados com a presença tão forte destes elementos, como é o caso.

A organização do projeto, de modo a facilitar a sua explicação e multifuncionalidade, divide-se em **oito** espaços: a **Nave Central,** pensada como um espaço polivalente que permite a multidisciplinaridade do programa e a entrada no edifício; a **Administração**; o **Topo Norte**, que integra a área técnica e serviços, nomeadamente a oficina e sanitários; a **Nave Nascente**, onde se localizam os postos de trabalho fechados; a **Nave Poente**, dedicada ao espaço de co-working e escritórios, sendo também a que estabelece ligação direta com a via; o **Topo Sul**, no primeiro piso, que contempla espaços de apoio aos negócios (salas de workshops e salas de reuniões); o **Restaurante/Bar,** já num espaço exterior ao edifício; e, por fim, o espaço que conecta estes dois volumes mas, simultaneamente, que funciona como o **espaço verde** de lazer e de descanso anexo a este equipamento.

Estabelecida, no capítulo anterior, a estratégia e metodologia de intervenção a adotar neste edifício, surgiram imediatamente questões de isolamento e ventilação. Tendo como ponto de partida a certeza de que seria necessário isolar todos os espaços, e de modo a garantir uma maior eficácia térmica, é proposto o isolamento pelo interior, destacando-se duas situações distintas. A primeira diz respeito às paredes já existentes e conservadas, nomeadamente a fachada principal, cuja espessura é de 45cm. A segunda tipologia de parede exterior é a proposta nos sítios onde atualmente não existe, contemplando betão de 25cm de espessura, como é possível observar na figura 171.

O plano da maioria das paredes interiores é constituído por gesso cartonado pintado a branco, deixando apenas em betão alguns elementos novos e a estrutura que se pretende destacar.

A construção de novas coberturas, dado que atualmente a cobertura é inexistente, bem como a reconstrução das lajes de piso, permitem a continuidade do isolamento, para além da instalação de nova caixilharia com vidros duplos e possibilidade de abertura das janelas, permitindo a ventilação natural dos espaços.



172 Implantação
Escala 1:4000

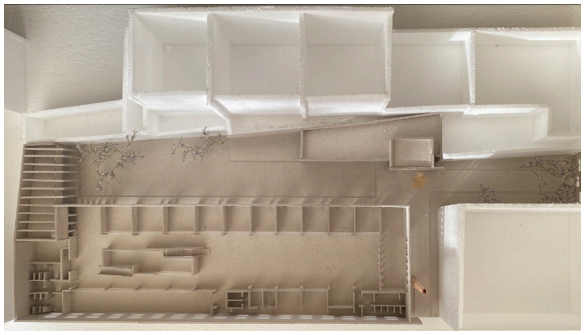
Os alçados propostos são bastante distintos entre si, atentos ao programa a eles anexo, bem como à vista assegurada.

O alçado principal, constituindo um dos mais importantes testemunhos da antiga fábrica, pretende manter-se quase na totalidade, encerrando apenas duas das portas e mantendo o vão das janelas, de modo a permitir a maior entrada de luz para o espaço interior. O redesenho do caixilho das janelas é então uma reinterpretação das originais, fazendo uso do vão atualmente nu e aproveitando a possibilidade de o reestruturar para cumprir as funções atuais, mantendo a semelhança com o desenho original. Neste alçado, os caixilhos são desenhados em ferro, à semelhança dos originais, mas com vidro duplo, reforçando a coerência estilística e preservando o valor patrimonial do mesmo, que se sobrepõe às questões de eficiência energética. É ainda integrado um novo portão com grades metálicas no seu extremo sul, que permite a ligação ao espaço exterior privado, que se prolonga até uma parede suspensa, gerando alguma curiosidade pelo espaço e, por isso, cativando a sua visita e o redirecionamento das pessoas para aquela entrada, que é a principal. Anexa a esta entrada encontra-se ainda a empena do edifício vizinho que será um jardim vertical que serve de pano de fundo para o elemento da chaminé e, como um todo, aliados à parede suspensa e ao portão, clarificam a ideia de momento de entrada.

O alçado norte é mantido totalmente encerrado, dada a proximidade à empena lateral e à ausência de necessidade de abertura de vãos para iluminar as divisões no seu interior. Este alçado é, face ao desenho original, movido cerca de três metros para norte, até ao limite do lote, de forma a aproveitar um pequeno troço de terreno sem grande possibilidade de desenvolvimento e atualmente em desuso. Esta relocalização permitiu ainda a regularização do desenho do edifício.

O alçado tardoz, bem como o alçado sul, são os que sofreram maior intervenção. O alçado sul, anteriormente sem qualquer qualidade ou intencionalidade arquitetónica, passa a constituir um alçado de linhas simples com a única grande saliência no edifício: um vazio no piso térreo que cria um espaço de entrada exterior coberto. A marcação de janelas no piso superior mantém-se igual ao piso inferior, mesmo com a diferenciação de planos, permitindo a sua leitura como um todo. Nestes dois alçados, contrariamente ao que acontece na fachada, a caixilharia é em alumínio, destacando também a diferença entre os planos inteiramente novos e a reabilitação do existente.

O alçado tardoz é o que menos se relaciona com o edifício original. Este alçado, que permite a entrada quase total de luz, é homogéneo e coeso, estabelecendo uma relação com o espaço exterior verde. Desta forma, a dictomia entre o alçado proposto e o original, quase completamente cego, estabelecem a relação entre o propósito original, a fábrica voltada para si mesma, e a contemporaneidade, um equipamento comunitário e voltado para o exterior.



173 Fotografia da maquete
Piso Térreo



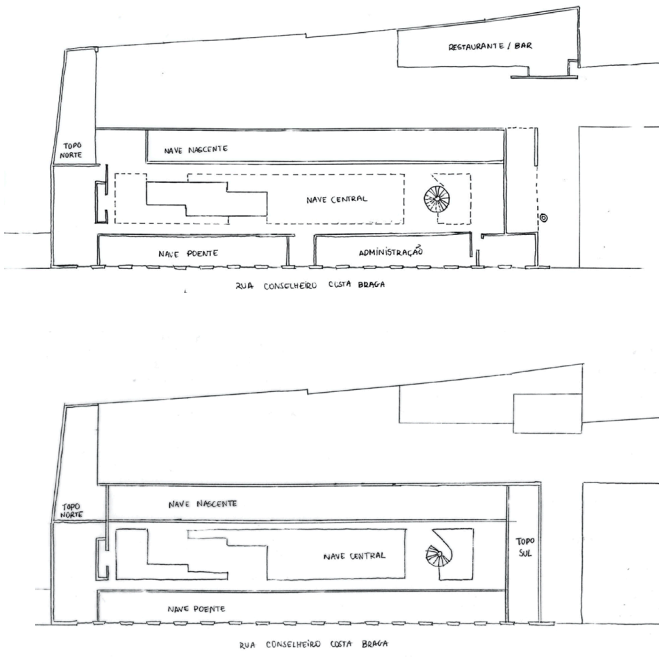
174 Fotografia da maquete
Piso 1



175 Fotografia da maquete
Cobertura plana



176 Fotografia da maquete
Cobertura de águas

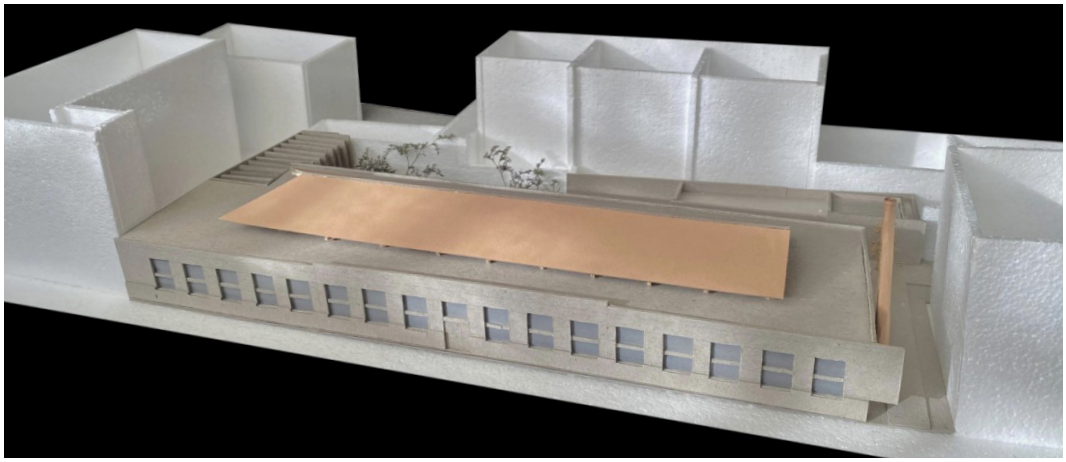


177 Esquemas em planta sobre a organização e distribuição do programa
Piso Térreo e Piso 1, respetivamente

É ainda proposto um volume completamente novo no topo norte do lote, rematando este limite, que atualmente se volta para as traseiras de um edifício da Avenida da República. O novo volume pretende manter alguma harmonia com o ritmo do alçado tardoz, porém, a presença de dois planos, contemplando um porticado de pilar e viga em betão, cria um espaço mais abrigado e íntimo, para onde se volta a oficina. Este volume permite ainda a inserção da maquinaria (UTAS e Chillers) na cobertura, alheios à vivência do edifício.

O volume do restaurante, também construído de raíz, apresenta um alçado que beneficia da diferença de materiais e volumetrias. O plano da entrada, alinhado com a entrada exterior coberta do edifício da incubadora, encontra-se quase fechado, apenas visível através de um movimento de suspensão da parede em frente a si, que oculta também a entrada de serviços. No seu comprimento destaca-se uma janela horizontal comprida, ao nível das mesas, que contribui para o ambiente na sala de refeições. A articulação com o topo, voltado para a esplanada, é feita por uma janela de canto que se estende para um envidraçado.

Por último, o alçado do lote voltado para a Avenida Menéres, que atualmente contempla um pórtico com uma entrada e duas janelas, é apenas restaurado e recebe um portão de grades metálicas, semelhante ao incorporado no alçado principal.



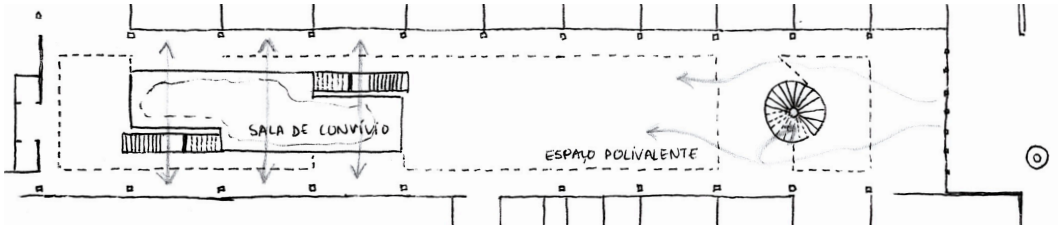
178 Fotografia da maquete



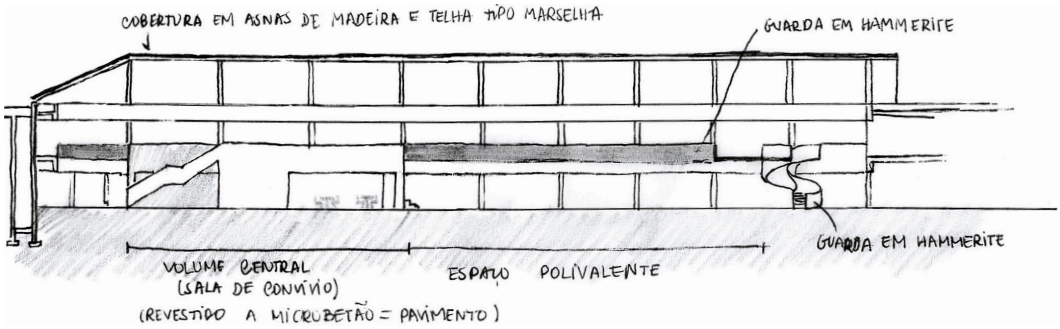
179 Modelo 3D do projeto



180 Modelo 3D do projeto



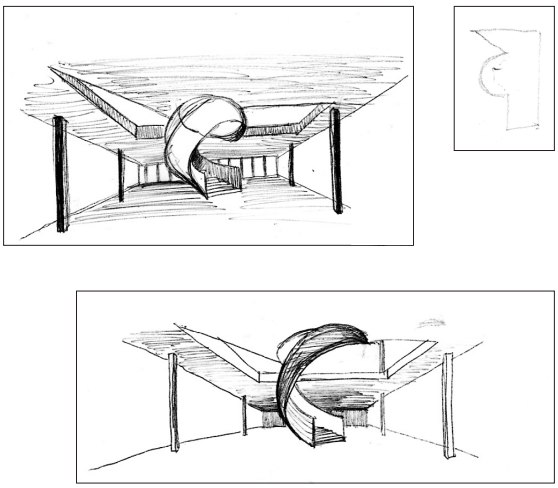
181 Esquema em planta
Piso Térreo



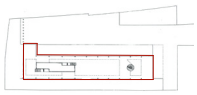
182 Corte longitudinal



183 Fotografia da maquete
Plataforma contígua às escadas em caracol



184 Esquissos de estudo das escadas em caracol





Esquema com identificação da **Nave Central**
Piso Térreo e Piso 1, respetivamente

NAVE CENTRAL Espaço polivalente e multifuncional

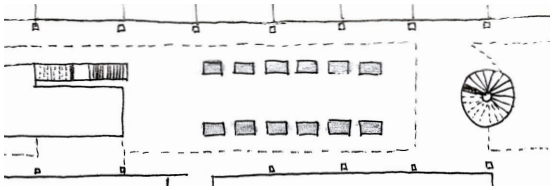
A zona central do edifício caracteriza-se fundamentalmente pela flexibilidade e polivalência dos espaços e pela ligação a todos os espaços circundantes, incluindo a relação com o piso superior, que funciona em galeria. Este é ainda o espaço com maior pé direito do edifício, que se pretende amplo e generoso, principalmente quando comparado com o momento de entrada nas lojas, com a galeria, e os espaços de trabalho em si.

Encostada ao extremo sul do edifício encontra-se a entrada, a eixo, permitindo uma ligação imediata interior-exterior devido aos envidraçados que cobrem a totalidade da parede, mesmo que divididos em vários vãos que conferem ritmo ao alçado e um jogo de sombras no interior do espaço.

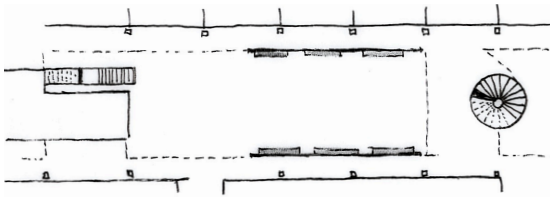
A partir do momento de entrada é contemplada uma escada em caracol, um elemento escultórico, que permite a ligação entre o espaço de entrada, mais controlado e baixo, e o espaço central, de pé direito significativamente mais alto, constituindo de modo simultâneo um filtro que conserva a privacidade desse mesmo espaço. Esta área é banhada pela luz que recebe de um vão incorporado na cobertura, irradiando luz natural para a ligação entre os dois lados da galeria, percetível em desenho, e iluminando toda a nave central.

Atravessando este objeto encontra-se o espaço central em si, com ligação ao programa circundante - espaço de *coworking* e espaços privados de trabalho/lojas - e à galeria superior. O acesso aos espaços de trabalho propriamente ditos, organiza-se segundo uma circulação periférica, com corredores no piso térreo anexos a estes espaços e, no piso superior, com uma galeria, libertando o espaço central que dispõe de aproximadamente 290m^2 livres. Este espaço é, como anteriormente referido, um espaço flexível, sendo possível a sua organização em pelo menos quatro disposições diferentes, dada a sua amplitude e desenho. Estas disposições dizem respeito ao formato de **mercado**, com bancas amovíveis divididas pelo espaço; de **exposição** ou **galeria**, fazendo uso de duas estruturas móveis que funcionam como paredes montadas no sentido transversal do volume; de **auditório**, servindo vários propósitos como conferências, pequenos concertos, apresentações, entre outros, utilizando um pequeno palco ou púlpito e dispondo cadeiras que beneficiem este formato; de **desfile**, associado ao tema artístico proposto inicialmente nesta incubadora, que permite que, não só, mas fundamentalmente, os empreendedores destes pequenos negócios possam apresentar as suas coleções e criações. No fundo, todas estas possibilidades permitem às *startups* fazerem uso das valências deste espaço em prol do crescimento e divulgação do seu trabalho, o que também constitui o intuito do seu desenho.

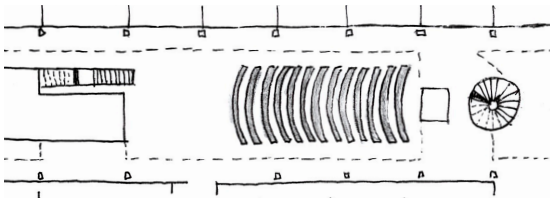
É possível notar, continuando a percorrer este espaço, o surgimento de um outro volume, de apenas um piso, ladeado por escadas de tiro com um patamar. Este volume, parcialmente encerrado, diz respeito à sala de convívio dos utilizadores da incubadora, com kitchenette, e, mesmo que se extenda longitudinalmente no edifício, portencia a sua transversalidade quer no piso térreo, entre o espaço de *coworking* e as lojas, através dos seus envidraçados, quer no piso superior, fazendo a ligação entre as galerias opostas, e ainda entre o piso superior e inferior, graças às escadas.



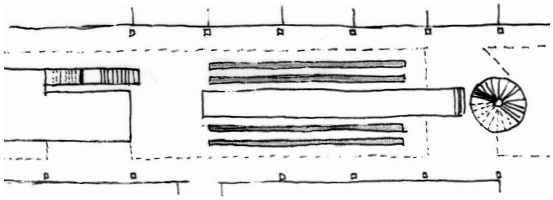
Mercado



Exposição

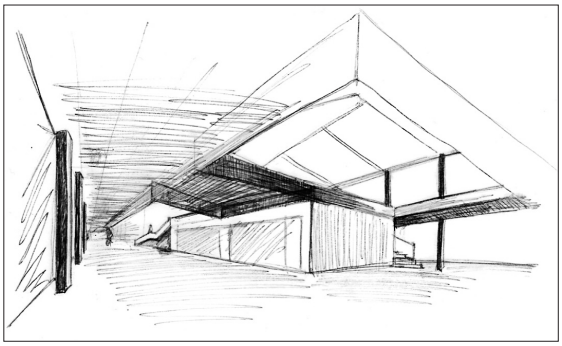


Auditório



Desfile

185 Esquema em planta acerca da polivalência do espaço central do edifício







186 (em cima) Esquisso do volume central - sala de convívio - e relação entre os dois pisos através da galeria

187 Fotografia da maquete
Volume central - Sala de convívio

188 Fotografia da maquete
Volume central - Sala de convívio - e relação entre os dois pisos através da galeria (sem cobertura)

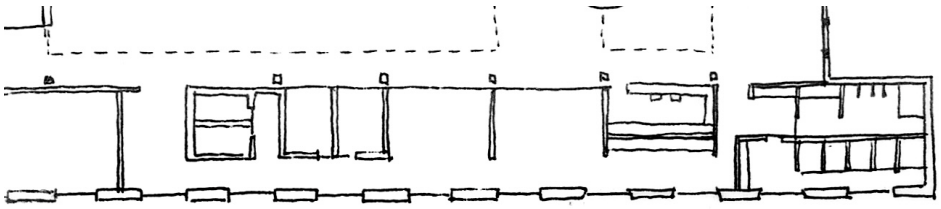
O espaço central culmina, ao fundo, à direita, na existência de uma ligação ao pátio exterior, de pé direito novamente mais baixo e controlado. Esta entrada secundária, menor do que a entrada principal já mencionada, quebra a simetria do edifício, facilmente percetível dada a origem e natureza do seu desenho, motivando a circulação pelo espaço e a sua visita num percurso natural e simbiótico.

Relativamente à materialidade, este espaço é feito de contrastes de texturas e materiais em si que sugerem uma maior riqueza de construção. O chão é pensado de forma homogénea, de fácil manutenção e limpeza, em microbetão autonivelante, para uma superfície lisa e com qualidade de espaço interior. Os pilares que rodeiam o espaço mantém-se em betão, sendo substituídos os pilares originais que não se encontrem em condições de sustentar o edifício mas mantendo o desenho original. Esta é uma decisão que pode assumir algumas pontes térmicas mas que, numa divisão desta dimensão, com circulação constante de pessoas e de ar, é aceitável e quase impercetível na vivência do espaço. As escadas em caracol são feitas em ferro, pintadas em hammerite semelhante à textura do microbetão, à semelhança de toda a galeria, com chapas de 10mm de espessura. Já as escadas de tiro são de betão à vista, sendo os últimos degraus em madeira, remetendo para a madeira da cobertura. O volume da sala de convívio é construído em betão e revestido ao mesmo material que o chão, microbetão, funcionando como um prolongamento em altura daquele plano. A caixilharia é em alumínio cinza antracite, à exceção da caixilharia da fachada principal, em ferro.

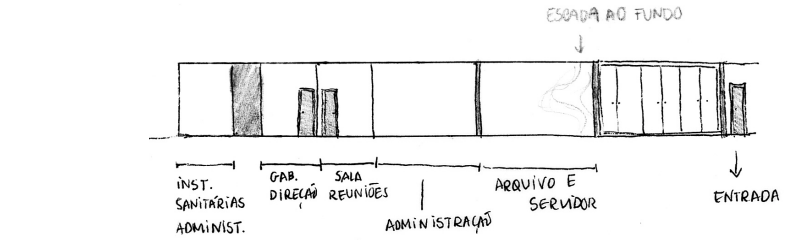
Por fim, a cobertura, atualmente inexistente, remete inegavelmente para a original, com algumas distinções. O volume central, com o espaço de pé direito duplo e vazios da galeria, como já mencionado, pretende-se amplo e generoso, fazendo uso de uma cobertura de três águas com asnas de madeira e telha marselha de cor original, acentuando o contraste de materiais descrito no parágrafo anterior. Entre o início das asnas de madeira e o plano inferior onde estas assentam insere-se uma grelha para ventilação natural, em cobre, e, no topo sul da cobertura, uma das águas, que totalizaria as quatro, transforma-se num plano vertical em vidro, já descrito, que ilumina toda a nave.

Nas naves laterais e, consequentemente, nos espaços de galeria e de circulação, a cobertura seria plana, reforçando a ideia dos elementos novos *versus* os do projeto original, e permitindo o controlo dos espaços, com um pé direito mais baixo e, por isso, mais reservado, quando comparado com o impactante espaço central.

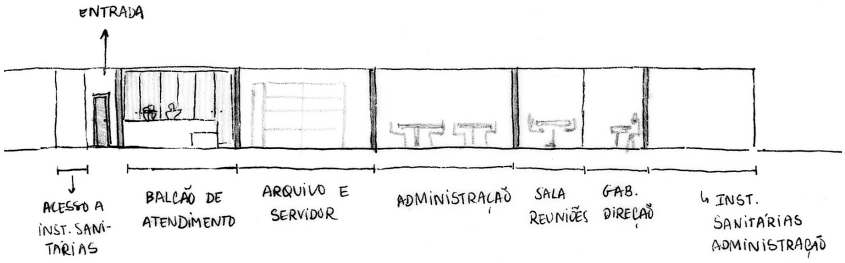
Em suma, este espaço é caracterizado pelo betão, vidro e metais, pela pluralidade de disposições da zona central e amplo pé direito e pelas asnas de madeira que compõem a cobertura e, consequentemente, o ambiente do espaço.



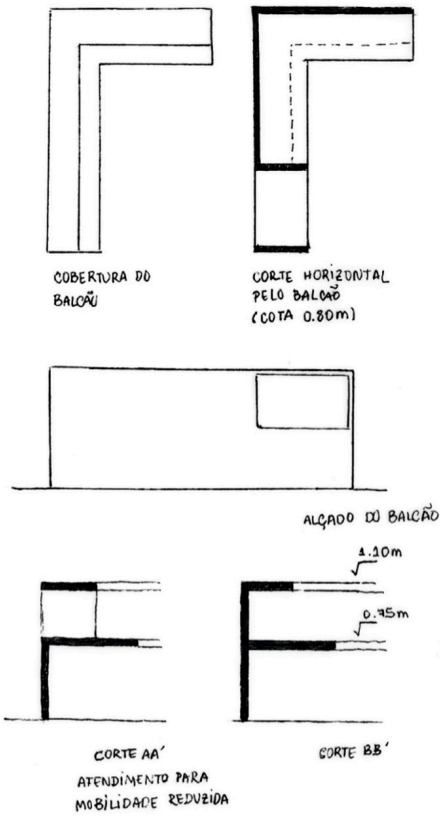
189 Esquema em planta
Piso Térreo



190 Alçado do corredor da administração



191 Alçado da Administração visto da Nave Central



192 Desenhos esquemáticos do balcão de atendimento



Esquema com identificação da **Administração**
Piso Térreo

ADMINISTRAÇÃO Piso Térreo

A nave poente, onde se inclui a administração, divide-se em dois pisos e duas áreas distintas.

A sua organização, que poderia ser facilmente ditada pela estrutura do edifício e pela fachada principal, elementos que se pretendem conservar, constituiu um obstáculo no desenho, dado que estas duas peças não se encontram alinhadas.

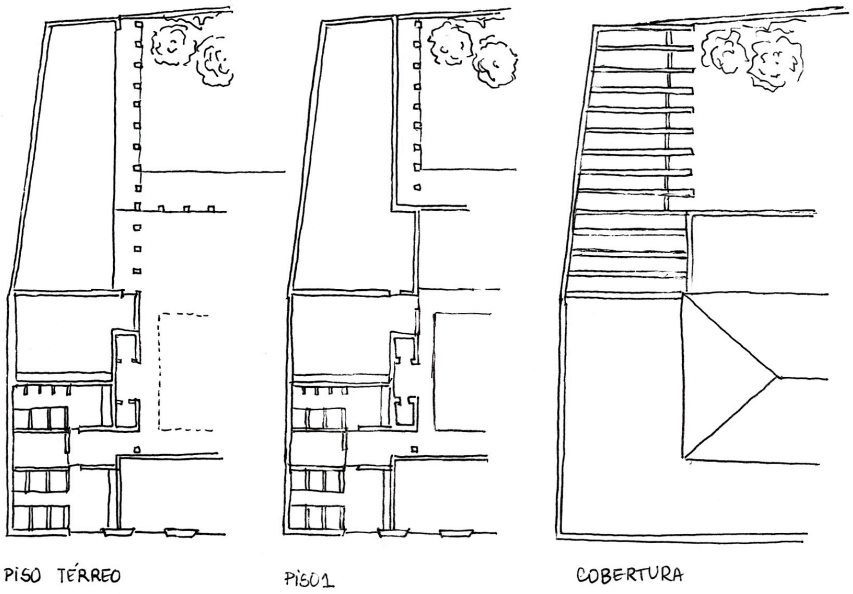
Por outro lado, esta discrepância permitiu uma composição de espaços diferentes, quebrando a monotonia e monofuncionalidade, criando um jogo entre vistas e abertura de vãos. A área central do piso térreo, contígua à fachada, funciona como entrada secundária e distribuição para outros espaços, que permite uma entrada também para a zona administrativa.

Este espaço é, contrariamente ao projeto inicial, o único espaço que contém, claramente, a porta de entrada do edifício. As outras duas portas existentes neste alçado foram convertidas em janelas, dado que, face ao caráter empresarial do edifício, o controlo de entradas seria mais facilmente realizado assim. A entrada principal localiza-se no topo sul como já foi descrito. A entrada secundária presente nesta nave pretende causar algum *desconforto* quando vista pelo exterior, dado que não é o objetivo que esta seja protagonista face à entrada do topo sul. Deste modo, no interior, é composta por uma passagem estreita que permite o acesso não só à nave central mas ao espaço de *coworking* e à zona administrativa..

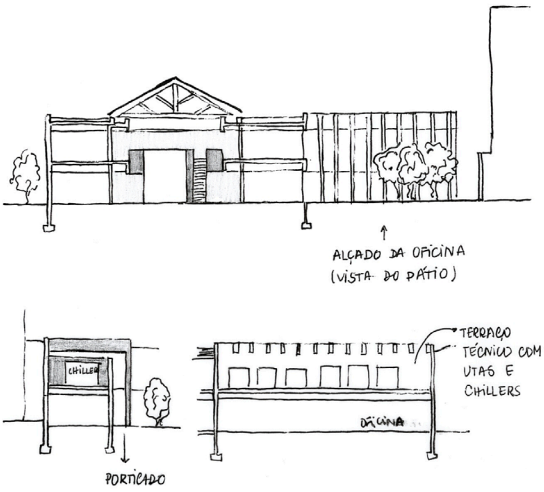
No piso térreo, no interior, é aberto um corredor junto à fachada, relacionado com o espaço de receção junto à entrada principal, que organiza os espaços administrativos voltados para a nave central. A decisão de voltar estes espaços para o interior diz respeito à já mencionada discrepância entre estrutura e vãos, bem como à necessidade de criação de espaços distintos com pontos de vista distintos, despertando mais interesse na vivência do edifício. Esta área divide-se no gabinete da direção, sala de reuniões, *open space* para funcionários administrativos, arquivo e servidor, sanitários e um espaço de receção e secretaria relacionado diretamente com o momento de entrada no edifício.

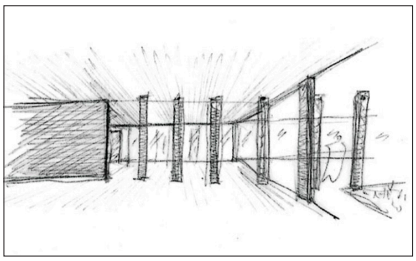
No topo desta fração do edifício, também contíguo à entrada devido à sua praticidade, encontra-se um dos núcleos de instalações sanitárias com divisão para mulheres e homens, encontrando-se o sanitário para mobilidade reduzida e o fraldário no outro núcleo de casas de banho.

O chão é feito de forma igual em todo o edifício, em microbetão autonivelante, pelos motivos já mencionados. Os gabinetes e as paredes das casas de banho são feitas em gesso cartonado e pintadas a branco, distinguindo esta área dos espaços em redor da nave central, nomeadamente do espaço de *coworking*, das lojas e da sala de convívio. De destacar ainda alguns pormenores em madeira como o mobiliário e as portas, tornando o espaço mais acolhedor e íntimo, dada a condição reservada do mesmo. A caixilharia no alçado é em ferro, e a interior em alumínio, cor cinza antracite.



193 Esquemas em planta dos diversos pisos





194 (em cima) Esquisso da entrada da oficina

195 Corte longitudinal
Volume central da sala de convívio e alçado da oficina

196 Corte transversal pelo terraço técnico

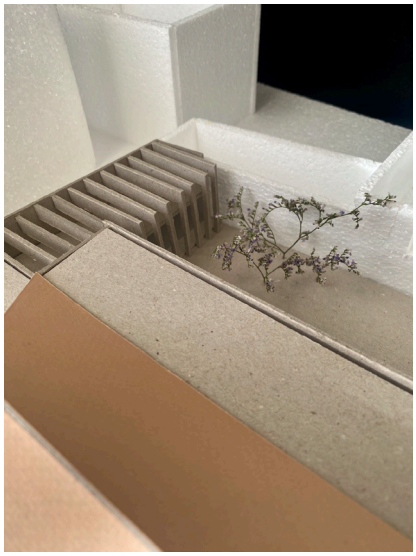
197 Corte longitudinal pelo terraço técnico



198 Fotografia da maquete

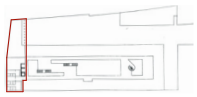


199 Fotografia da maquete
Vista do porticado e terraço



200 Fotografia da maquete
Relação do novo volume com o edificado existente





Esquema com identificação do **Topo Norte** Piso Térreo e Piso 1, respetivamente

TOPO NORTE Área Técnica e Serviços

O topo Norte do edifício é caracterizado por ser, no seu alçado, completamente cego. Esta característica original é mantida dado que o programa não exige ali aberturas para o exterior, abrindo-se para o interior do edifício e do lote sempre que necessário, e divide-se entre os dois pisos, com funções quase idênticas.

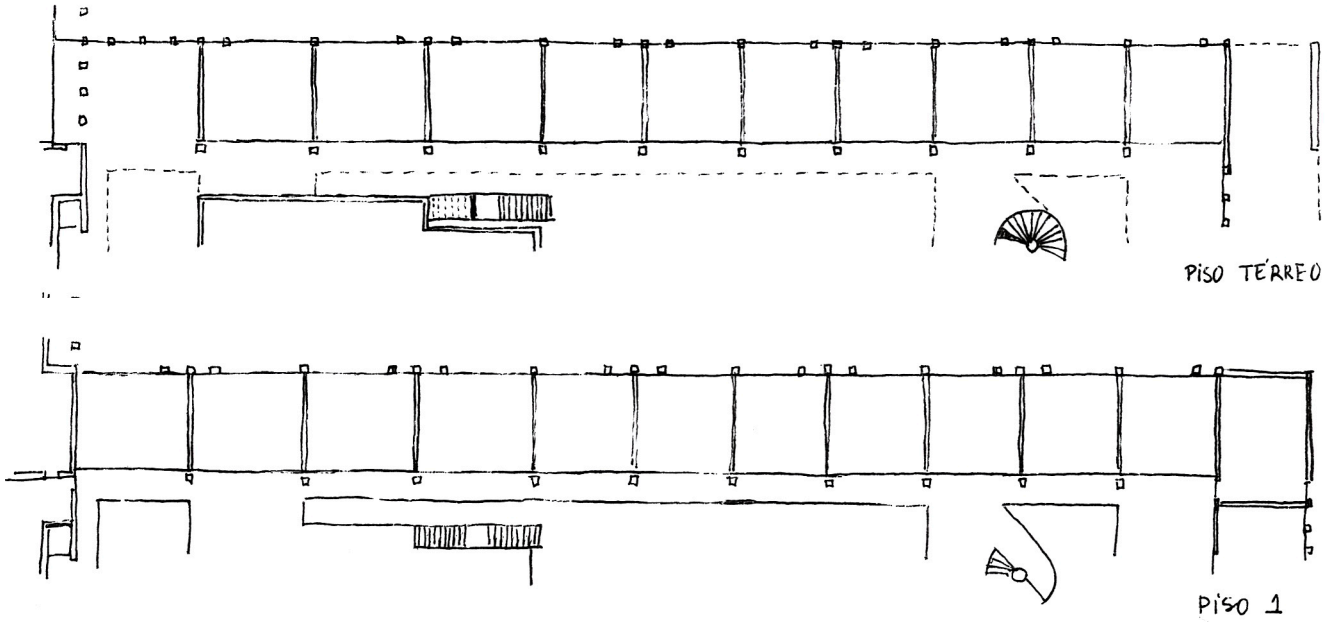
A partir da fachada principal e até ao limite tardoz do lote, esta ala do edifício é composta por serviços e áreas de apoio. Em primeiro lugar, as instalações sanitárias, divididas entre mulheres, homens, mobilidade reduzida e fraldário. De seguida, um espaço destinado a arrumos que dá apoio à nave central e às suas necessidades de armazenamento devido à multiplicidade de acessórios necessários, nomeadamente cadeiras, o palco, paredes amovíveis, bancas, entre outros. Entre estes dois espaços encontra-se um ducto vertical, que facilita a ligação entre a área técnica, no piso superior e o programa do piso inferior, quer em termos de logística do espaço como de manutenção.

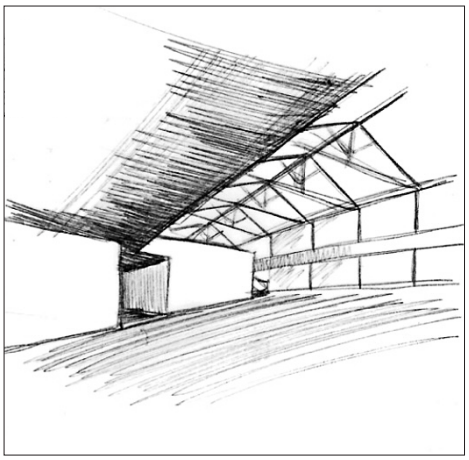
Anexo ao espaço de arrumos e voltado para a nave central encontra-se um dos acessos verticais, os elevadores, que cumprem a sua função de ligar os dois andares sem necessidade de subida de escadas, mesmo sendo apenas um piso de diferença. No desenho do edifício foi valorizado o percurso pelas diferentes escadas, tendo os elevadores sido desenhados para permitir o acesso ao piso superior a quem não consegue utilizar as mesmas e por questões práticas como mobilidade de cargas.

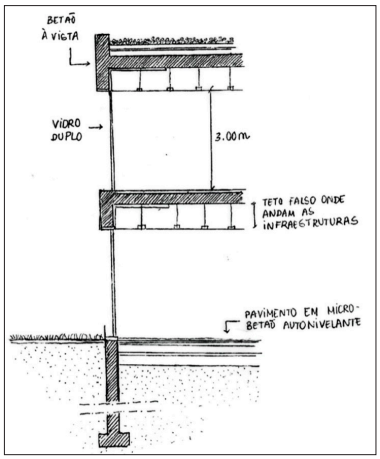
Ainda no piso térreo surge a divisão mais extraordinária desta fração do edifício: a oficina. Esta divisão tem entrada pelo interior, no entanto, relaciona-se inegavelmente com o pátio exterior, num volume novo proposto para colmatar o topo norte do lote. Este volume, como já foi referido, pretende ser coeso com o desenho do alçado tardoz. No entanto, a presença de dois planos, compostos por um pórtico de pilar e viga em betão e uma parede com vários envidraçados, cria um espaço mais abrigado para onde se volta a oficina, criando um jogo de cotas, sombras e materiais. Este desenho de alçado é transferido para o interior, como é possível ver nos desenhos ao lado apresentados. A oficina dispõe de várias máquinas de apoio aos negócios da incubadora, como impressoras 3D, plotters e digitalizadoras, bem como máquinas de corte ou outras, assim como a necessária zona de arrumação.

No piso superior, as instalações sanitárias mantém-se nos mesmos moldes e os arrumos transformam-se numa área técnica que se volta para um pátio, na cobertura da oficina. Este pátio, no piso superior do volume novo, permite a inserção da maquinaria (UTAS e Chillers), que não são percetíveis para a vivência do edifício e sem visibilidade a partir do piso térreo onde circulam as pessoas. A cobertura deste pátio, a mais contrastante, permite uma cobertura parcial dos equipamentos técnicos, mantendo-os a descoberto como necessário e relacionando-se com o alçado, preservando a coerência entre planos verticais e horizontais. As condutas atravessam então o ducto vertical, e ligam-se com o resto do edifício escondidas em tetos falsos.

Relativamente à materialidade, mantém-se o vidro, o chão em microbetão autonivelante e as paredes divisórias em gesso cartonado pintado a branco, exceto os elementos obrigatórios em betão, como nos elevadores, e o alçado da oficina.







201 (em cima) Esquema em planta do piso térreo e piso 1, respetivamente

202 Esquisso - Relação entre a Nave Nascente, o corpo central e as asnas de madeira da cobertura

203 Corte esquemático pela fachada



204 Fotografia da maquete

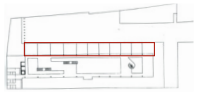


205 Fotografia da maquete
Relação dos dois pisos da nave nascente e a galeria



206 Fotografia da maquete - Piso Térreo
Relação da nave nascente com o espaço exterior





Esquema com identificação da **Nave Nascente**
Piso Térreo e Piso 1, respetivamente

NAVE NASCENTE Incubadora

A nave nascente do edifício é composta por dois pisos muito semelhantes e com um mesmo programa.

Tem 6,90 metros de largura e 75 metros de comprimento, acompanhando todo o alçado tardoz, num espaço total de cerca de 518 metros quadrados.

Este espaço é ocupado exclusivamente pelas áreas de trabalho isoladas com função simultânea de lojas, permitindo a visita de (possíveis) clientes. Nesta nave, cada *startup* tem o próprio espaço de trabalho e divulgação.

Num dos extremos é possível, no piso térreo, distinguir a passagem para o espaço exterior verde nas traseiras, como já mencionado na descrição da nave central.

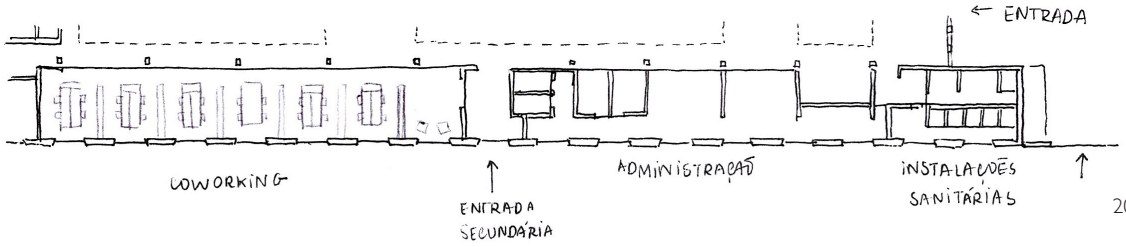
A tipologia de espaços nesta nave distingue-se em dois: catorze espaços de trabalho com 40m^2 e sete espaços com 47m^{2,} sendo essa a única diferença entre eles.

O alçado dos espaços destinados aos momentos de trabalho contemplam grandes envidraçados que realçam a ligação com o exterior e permitem uma maior abundância de luz, dada a sua orientação solar. Estes envidraçados dividem-se em dois vãos: um significativamente maior, fixo, mesmo que dividido em alguns vãos menores, que tem como principal função a entrada de luz, e um menor, com abertura basculante, que permite a ventilação natural do espaço.

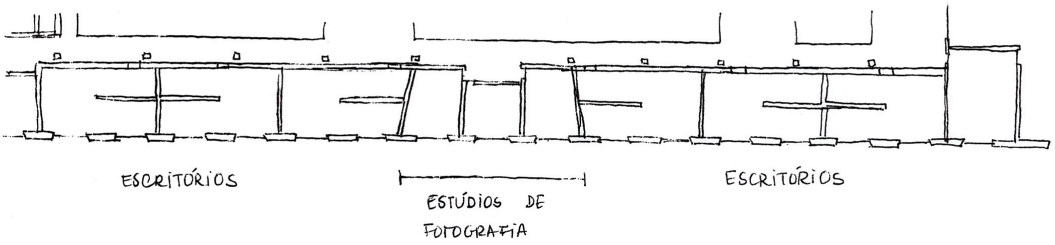
O alçado interior desta nave pretende deixar o vidro em primeiro plano, com caixilharia em alumínio cinza antracite e portas pivotantes em vidro também, demarcando ainda uma pequena distância entre os pilares de betão e este plano. A distância proposta, 15 cm, é suficiente para isolar a estrutura e valorizá-la. No entanto, é suficientemente desconfortável para impedir a passagem por esse espaço, completamente impossível. O destaque do plano do vidro relembra brevemente a fábrica Fagus de Walter Gropius, mencionada no primeiro capítulo, na medida em que também neste edifício a superfície de vidro surge em primeiro plano.

O pé direito útil destes espaços é considerado generoso comparativamente aos habitualmente visitados, tendo três metros de altura, mas é contrastante com o pé direito do espaço central, efeito que se pretende, quando confrontados um com o outro na passagem entre os mesmos.

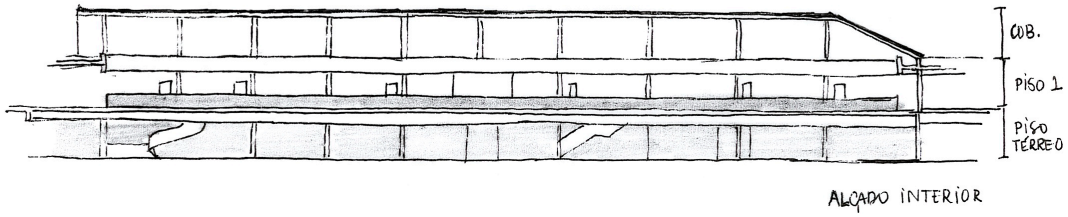
A materialidade desta nave é simples: microbetão autonivelante no chão, vidro e caixilharia em alumínio cinza antracite nas montras e nos vãos do alçado tardoz e gesso cartonado branco nas paredes divisórias entre espaços de trabalho.



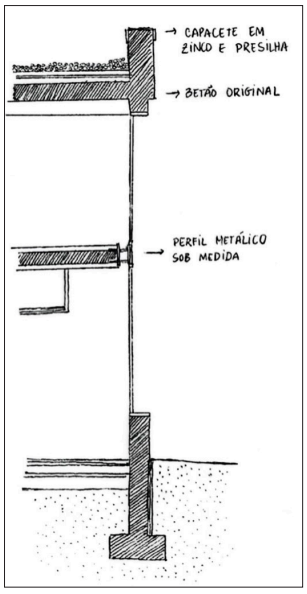
207 Esquema em planta
Piso Térreo



208 Esquema em planta
Piso 1



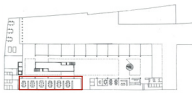
209 Corte longitudinal

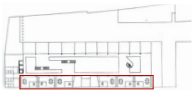


210 Corte esquemático pela fachada



211 Fotografia da maquete
Relação entre a Nave Poente, o Topo Norte e a Nave Central





Esquema com identificação da **Nave Poente** Piso Térreo e Piso 1, respetivamente

NAVE POENTE *Coworking* e escritórios

A nave poente divide-se em dois pisos: o térreo, onde se inclui a administração já abordada e o espaço de *coworking*; o piso superior, composto pelos escritórios e pelos estúdios de fotografia. Na sua forma geral, ambos com 6,50 metros de largura e quase a totalidade do comprimento do alçado, correspondente a 83 metros, numa área total de cerca de 540 metros quadrados.

Tal como já mencionado, a discrepância do desenho entre a estrutura do edifício e os vãos da fachada principal permitiu uma composição de espaços diferentes, quebrando a monotonia e monofuncionalidade, fazendo uso ainda de materiais distintos.

O espaço de *coworking* é uma área ampla destinada a vários postos de trabalho, permanentes ou temporários, para *freelancers* ou trabalhadores por conta própria e individuais que apenas necessitam de um computador e uma secretária para desenvolver o seu trabalho. O desenho deste espaço é banhado por luz natural das aberturas na fachada principal, sendo a atmosfera marcada pela relação com o exterior, a rua, mas fundamentalmente com a nave central do interior do edifício, em permanente diálogo.

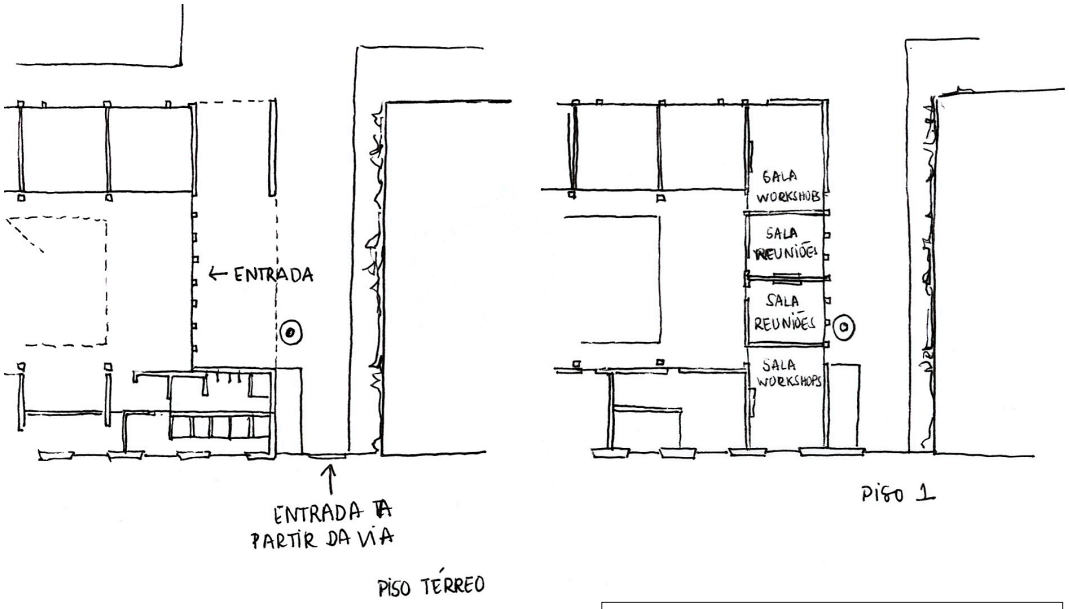
Este espaço, com chão em microbetão autonivelante e revestido a vidro, à semelhança dos espaços de trabalho individuais, é também pautado pela marcação e autonomia da estrutura em betão, suavemente destacada do plano do vidro. A sua entrada é feita pelo centro do edifício e relacionado diretamente com a entrada secundária do mesmo.

O desenho do mobiliário do espaço de trabalho é também executado em madeira permitindo a coerência do ambiente e a funcionalidade.

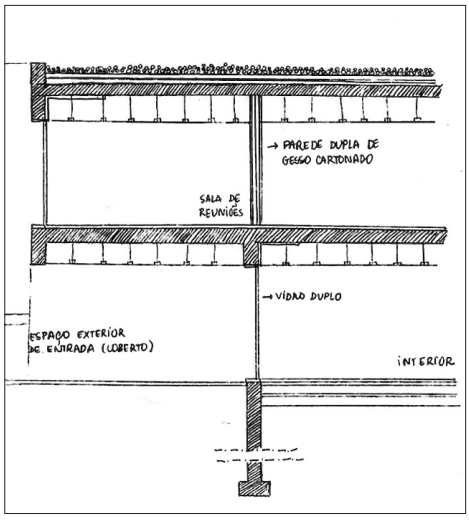
No piso superior inserem-se os escritórios, um programa mais voltado para o atendimento individual e por marcação, com menor necessidade de montra e exposição ao público. Os escritórios dividem-se numa pequena sala de espera, um espaço para até quatro funcionários e um gabinete individual. A distinção do seu programa é desde logo percetível pelo alçado interior, coberto por um ripado de madeira mais clara do que a das asnas da cobertura, em que se dissimulam as portas de acesso aos escritórios, construídas no mesmo material. Também neste piso é de destacar a estrutura em betão, separada do plano de entrada nas divisões. A única exceção neste plano diz respeito à entrada em três estúdios de fotografia, de apoio às *startups*, passíveis de aluguer para a sua utilização.

As janelas existentes no alçado principal, atualmente emparedadas, beneficiam ambos os pisos com luz natural. Devido à existência de dois pisos que recebem luz da mesma janela no alçado principal nota-se a presença de um elemento horizontal que os divide e, consequentemente, divide o vão, não deixando uma marca muito distintiva no alçado, dado que o objetivo é manter ao máximo a sua composição inicial. Esta intenção é também marcada pela reconstrução das janelas, que se adaptam à nova dinâmica numa reinterpretação das originais, também em ferro.

Assim, a fachada poente, que é a "cara" do edifício, mantém-se num desenho muito semelhante ao original, isolada pelo interior, porém com algumas pequenas diferenças que potenciam a vivência do espaço e a sua nova utilização. Também se pretende reabilitar a designação da fábrica, presente na fachada.



212 Esquema em planta
Piso Térreo e Piso 1, respetivamente



213 Corte esquemático pela fachada



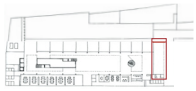
214 Fotografia da maquete

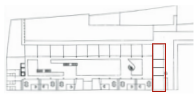


215 Fotografia da maquete
Relação do Topo Sul e entrada com a chaminé



216 Fotografia da maquete
Vista da rua pelo portão de acesso





Esquema com identificação do **Topo Sul** Piso Térreo e Piso 1, respetivamente

TOPO SUL Piso 1

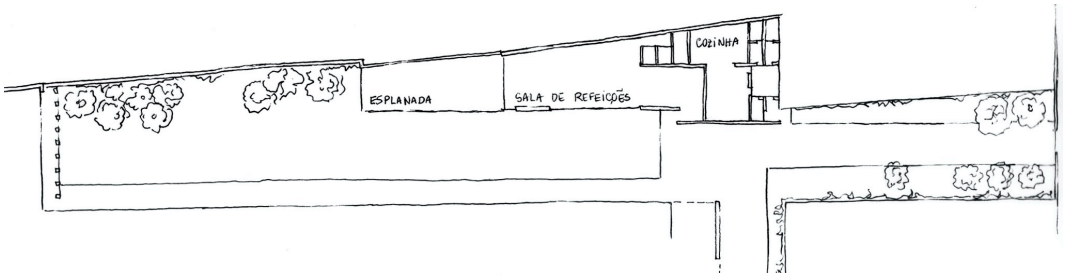
Uma das características do topo sul, dedicado no piso térreo à entrada do edifício, é o facto deste apenas ser propriamente a construção de um volume no piso superior, dado que no piso à cota da entrada corresponde a um espaço exterior coberto que cava um vazio no volume.

Desta forma, à semelhança do que já foi explicado, no piso térreo, entrando pelo topo, é desde logo estabelecido um contacto visual com o interior do edifício, mantendo o visitante numa zona controlada e resguardada que permite o vislumbre de um espaço maior ao centro. Este alçado e entrada são marcados pela presença da chaminé que permanece desde a construção da fábrica, mas que nos foi importante conservar para manter a identidade e a memória do programa original.

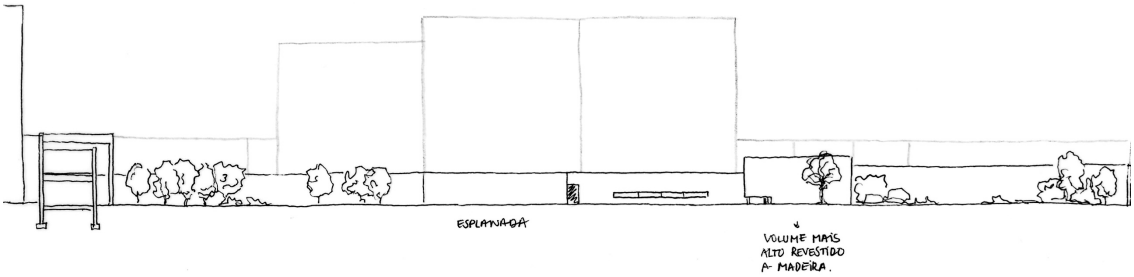
O piso superior diretamente acima do espaço exterior coberto é dedicado a duas salas de reuniões passíveis de reserva por parte dos utilizadores e a duas salas de *workshops* ou conferências que funcionam da mesma forma. O espaço interior destas divisões é mais controlado e menos abrangente, mesmo que rico em área, e o seu alçado remete para o piso inferior, com o mesmo desenho, mesmo que em planos diferentes. Optou-se por manter menos janelas nas salas de conferência e *workshops* devido ao facto de ser mais benéfico em caso de apresentações projetadas.

Este alçado, no projeto inicial sem qualquer tipo de desenho e organização, passa a constituir um alçado de linhas simples com a única grande saliência no edifício e marcando a entrada no mesmo.

A materialidade mantém-se coesa e homogénea com o resto do edifício: caixilharia com vidros duplos em aluminío em cor cinza antracite, à semelhança dos restantes alçados construídos de raíz, teto falso em gesso cartonado pintado a branco, bem como as paredes interiores e mobiliário em madeira à semelhança das restantes divisões. No entanto, a grande diferença diz respeito ao revestimento do chão, em soalho de madeira, conferindo maior conforto e distinção, dado que é um espaço pensado para receber potenciais colaboradores e investidores, bem como oradores, formadores e formandos.



217 Esquema em planta
Piso Térreo



218 Alçado frontal



219 Fotografia da maquete
Cobertura





220 Fotografia da maquete
Relação do restaurante com o espaço exterior e com o alçado tardoz da Incubadora

221 Fotografia da maquete
Janela do canto e parede suspensa da entrada



Esquema com identificação do **Restaurante** Piso Térreo

RESTAURANTE/BAR

No limite nascente do lote, ao fundo, num espaço anteriormente ocupado pelo anexo da creche do edifício fabril, surge a possibilidade de edificação de um restaurante que acrescente algum dinamismo ao espaço exterior verde e à visão comunitária deste equipamento.

O restaurante, destinado a servir refeições leves, divide-se em alguns espaços enunciados de seguida.

A entrada, feita no enfiamento do percurso desenhado pelo Topo Sul do volume principal, é feita através de uma porta dupla pivotante em vidro com acesso a uma zona de receção e bar. Esta entrada encontra-se parcialmente escondida por uma parede suspensa forrada a madeira que, por constituir um volume mais alto e com material diferenciado, dá destaque ao momento de entrada sem evidenciar a porta. Estende-se para uma ampla sala de refeições com diversas tipologias de mesas, em que as que estão encostadas à fachada beneficiam de um rasgo na horizontal ao nível da mesa, criando um ambiente intimista com o olhar direcionado para o jardim. No topo, um generoso envidraçado que compõe o canto e o alçado em questão, culminando numa esplanada. No recanto oposto, atrás do bar, localizam-se as instalações sanitárias para clientes.

A complexidade do desenho de um espaço como um restaurante é grande. Os seus serviços e zona de cozinha exigem o cumprimento de várias premissas que foram, neste trabalho, apenas levemente exploradas.

Deste modo, a entrada de serviço é feita através de um avanço na parede da cozinha que oculta a porta. Distinguindo percursos, enumeram-se três:

- O percurso dos funcionários, que entram, mudam de roupa no vestiário, que tem também instalação sanitária própria, e se dirigem ao posto de trabalho;

- O percurso dos limpos, como alimentos e bebidas, que entram pelo mesmo local e são arrumados na arca destinada à sua tipologia, passando quando necessário para a cozinha;

- O percurso dos sujos, que passam da cozinha para o compartimento de lixos e daí diretamente para o exterior, através de uma porta distinta.

A cozinha propriamente dita é dividida numa zona de preparação de alimentos, confeção de pratos frios, confeção de pratos quentes e empratamento, num percurso desde o ponto mais distante até ao ponto mais próximo da sala de refeições, de modo a tornar estas tarefas mais naturais.

A materialidade deste edifício é semelhante à do volume principal, com algumas exceções. A construção é em betão, com paredes interiores em gesso cartonado duplo, sendo o interior da sala de refeições pintado a branco. As paredes de todas as zonas de serviço e instalações sanitárias são revestidas a cerâmica.

O chão é em microbetão autonivelante em todo o volume, à exceção da esplanada em deck de madeira. O mobiliário é também em madeira, o que torna o ambiente mais quente e intimista, e se relaciona com o revestimento do volume de entrada.

A cobertura é feita a duas cotas distintas, porém, plana.



222 Fotografia da maquete
Entrada pela Avenida Menéres



223 Fotografia da maquete



224 Fotografia da maquete
Relação com o extremo norte do lote

ESPAÇO VERDE EXTERIOR

O espaço exterior deste edifício é agregador de dois volumes, duas vias importantes e dois lotes aparentemente distintos. No fundo, é agregador de uma comunidade, devido à raridade de espaços exteriores como este numa malha densa e consolidada. Acessível pela rua Conselheiro Costa Braga e pelo volume da incubadora, este espaço dispõe ainda de um acesso a partir da Avenida Menéres. Este acesso, que se encontra em ruína, pretende reabilitar-se, integrando nele um portão semelhante ao presente no alçado principal mas reavivando a memória da antiga fábrica, dado que é a única referência da mesma visível nesta avenida.

Este jardim, como pode ser denominado, é revestido na sua maioria a relvado natural, de onde se erguem árvores de porte pequeno e médio, vegetação rasteira e arbustos que se vão desenvolvendo em altura junto às paredes e muros. Os percursos de pavimento duro entre espaços e entradas são construídos em microcubo de granito com cinco por cinco centímetros.

O ambiente deste jardim é pensado enquanto (re)carregador de energia e baterias para quem está a trabalhar e precisa de um descanso, enquanto espaço de convívio e interação e enquanto local de passeio.



225 Modelo 3D
Nave Central - Vista do centro para o topo sul



227 Modelo 3D
Topo Norte - Vista para a sala de *coworking*



229 Modelo 3D
Entrada - Vista para a nave central



226 Modelo 3D
Nave Central - Vista do centro para o topo norte



228 Modelo 3D
Topo Norte - Vista da entrada da oficina e do acesso ao exterior



230 Modelo 3D
Entrada - Espaço exterior coberto voltado para o restaurante



Legenda

A Compartimentos gerais
A1 Entrada do público
A2 Entradas secundárias
A3 Espaços de circulação e distribuição
A4 Sanitários
A5 Acessos verticais

B Espaço comunitário multifuncional
B1 Espaço flexível polivalente
B2 Arrumos/Área técnica

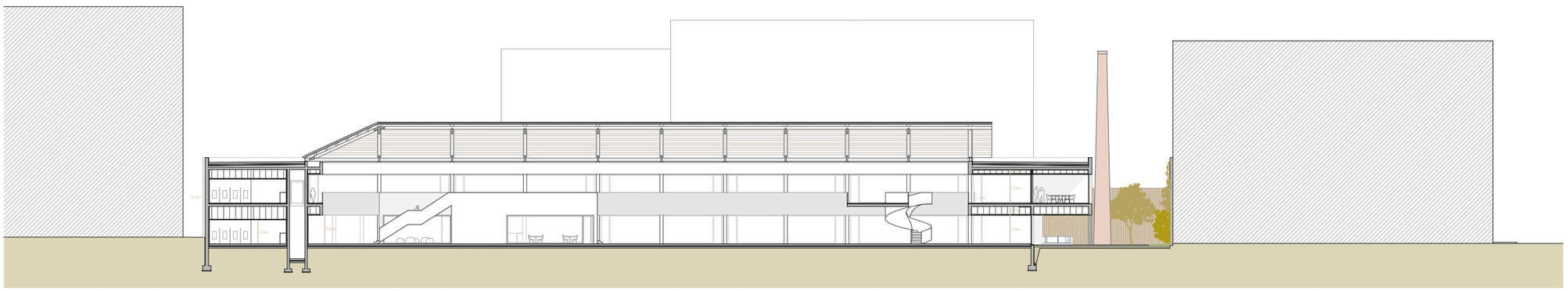
C Incubadora
C1 Lojas tipo A - 40m^2
C2 Lojas tipo B - 47m^2
C3 Escritórios
C4 Sala do coworking

D Espaços semi-privados de apoio às atividades
D1 Salas de reuniões
D2 Salas de apoio - Workshops e conferências
D3 Estúdios de fotografia
D4 Sala de convívio com kitchnette
D5 Oficina

E Administração
E1 Secretaria
E2 Administração
E3 Gabinete da direção
E4 Sala de reuniões
E5 Arquivo administrativo e servidores
E6 Sanitários

F Restaurante/Bar
F1 Entrada
F2 Bar
F3 Sala de refeições
F4 Cozinha
F5 Instalações sanitárias para clientes
F6 Instalações sanitárias e vestiários para funcionários
F7 Compartimento de lixos

Piso Térreo - Cota 1.20
Escala 1:500



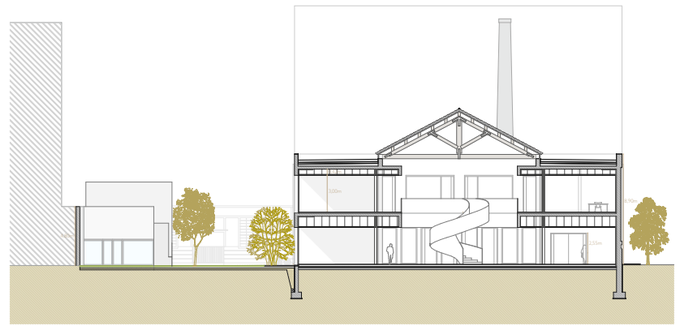
Corte AA'
Escala 1:500



Corte BB'
Escala 1:500



Corte CC'
Escala 1:500



Corte DD'
Escala 1:500

0 1 10 50m

Legenda

A Compartimentos gerais
A1 Entrada do público
A2 Entradas secundárias
A3 Espaços de circulação e distribuição
A4 Sanitários
A5 Acessos verticais

B Espaço comunitário multifuncional
B1 Espaço flexível polivalente
B2 Arrumos/Área técnica

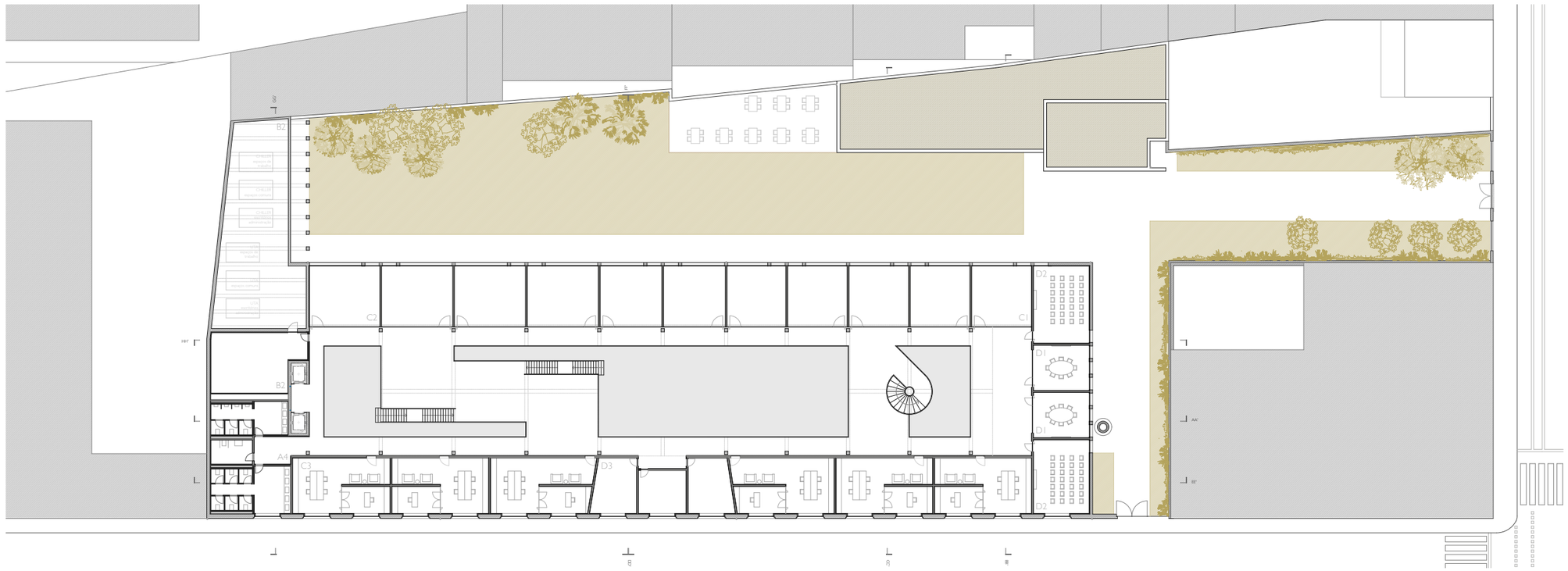
C Incubadora
C1 Lojas tipo A - 40m^2
C2 Lojas tipo B - 47m^2
C3 Escritórios
C4 Sala do coworking

D Espaços semi-privados de apoio às atividades
D1 Salas de reuniões
D2 Salas de apoio - Workshops e conferências
D3 Estúdios de fotografia
D4 Sala de convívio com kitchnette
D5 Oficina

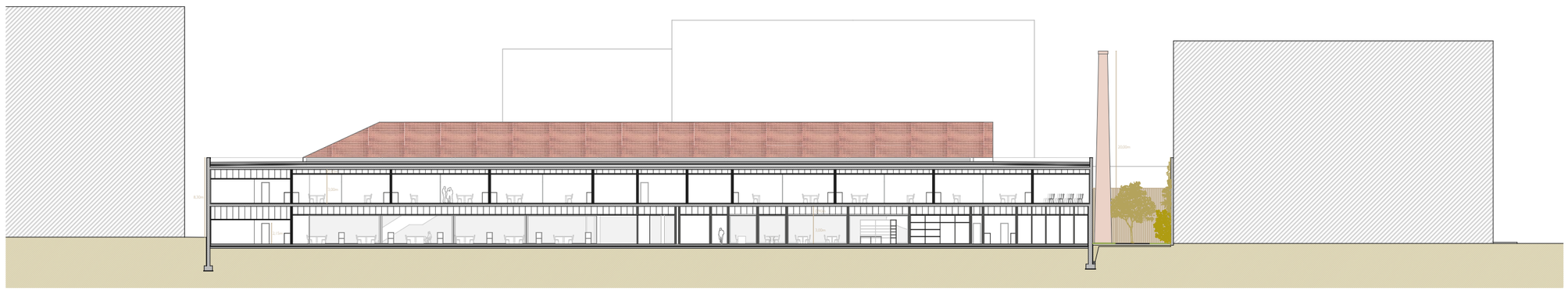
E Administração
E1 Secretaria
E2 Administração
E3 Gabinete da direção
E4 Sala de reuniões
E5 Arquivo administrativo e servidores
E6 Sanitários

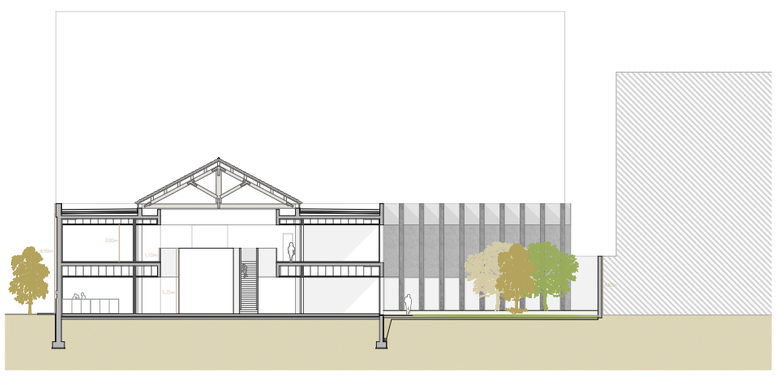
F Restaurante/Bar
F1 Entrada
F2 Bar
F3 Sala de refeições
F4 Cozinha
F5 Instalações sanitárias para clientes
F6 Instalações sanitárias e vestiários para funcionários
F7 Compartimento de lixos

Piso 1 Cota 5.20
Escala 1:500

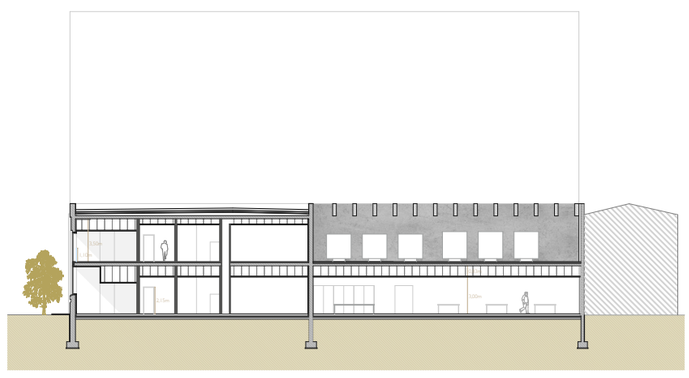


Corte EE''
Escala 1:500





Corte FF'
Escala 1:500

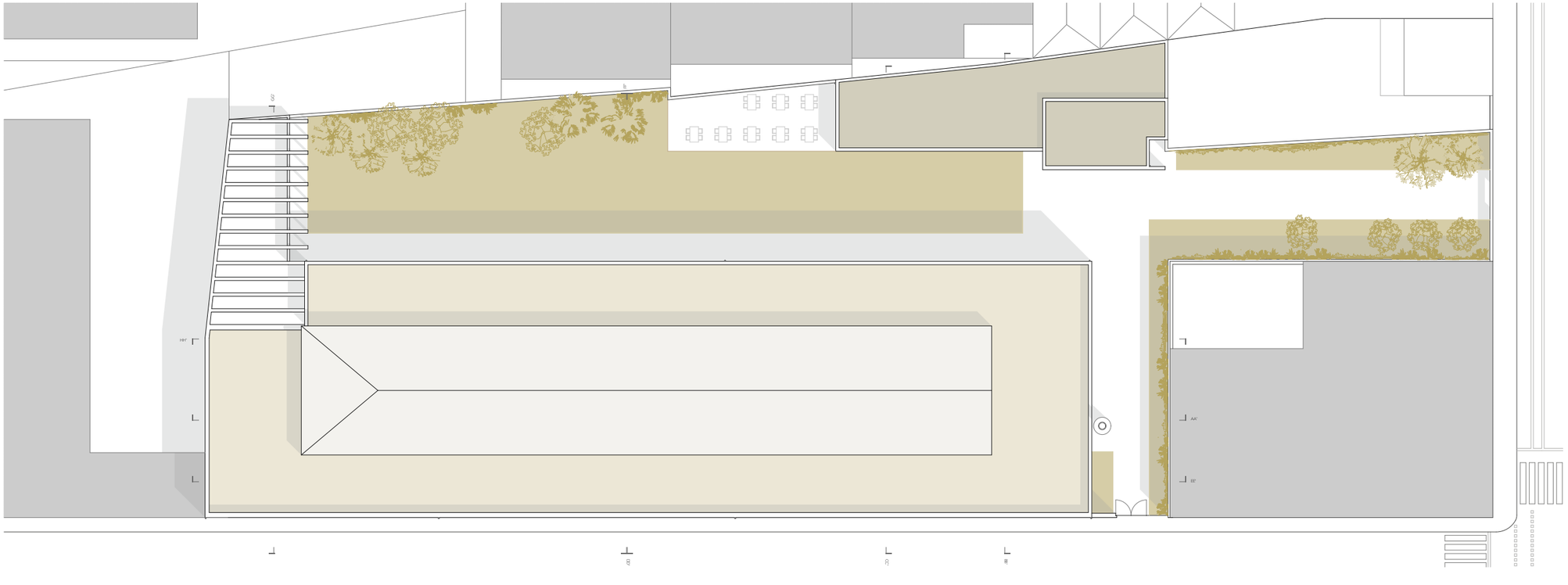


Corte GG'
Escala 1:500

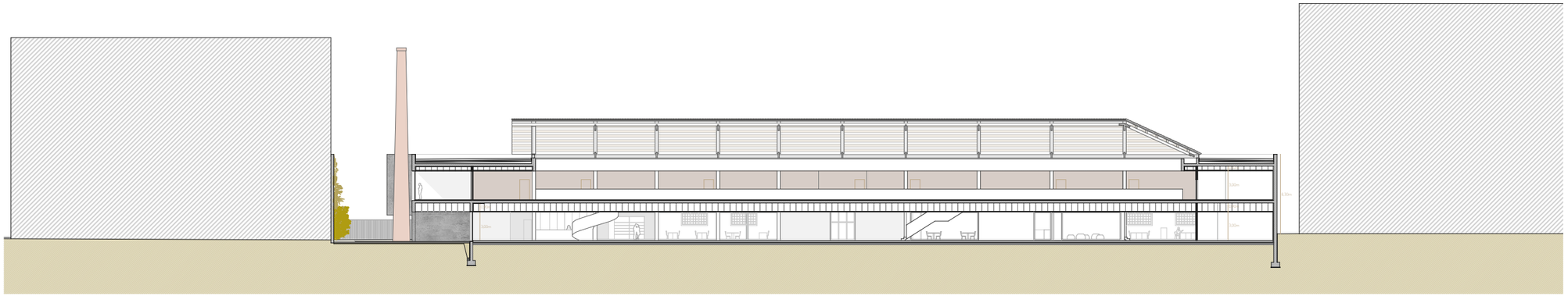


Alçado pela Avenida Menéres
Escala 1:500

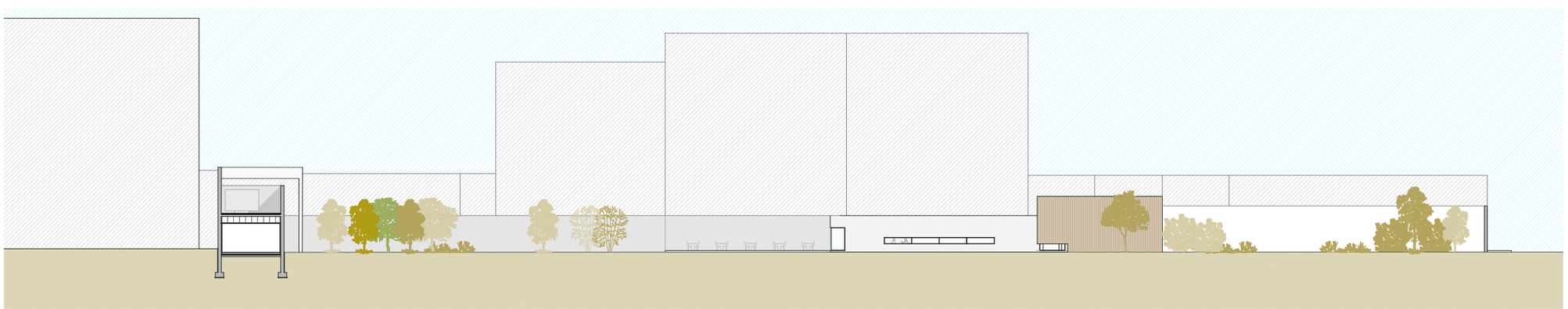
0 1 10 50m



Cobertura - Cota 20
Escala 1:500



Corte HH'
Escala 1:500



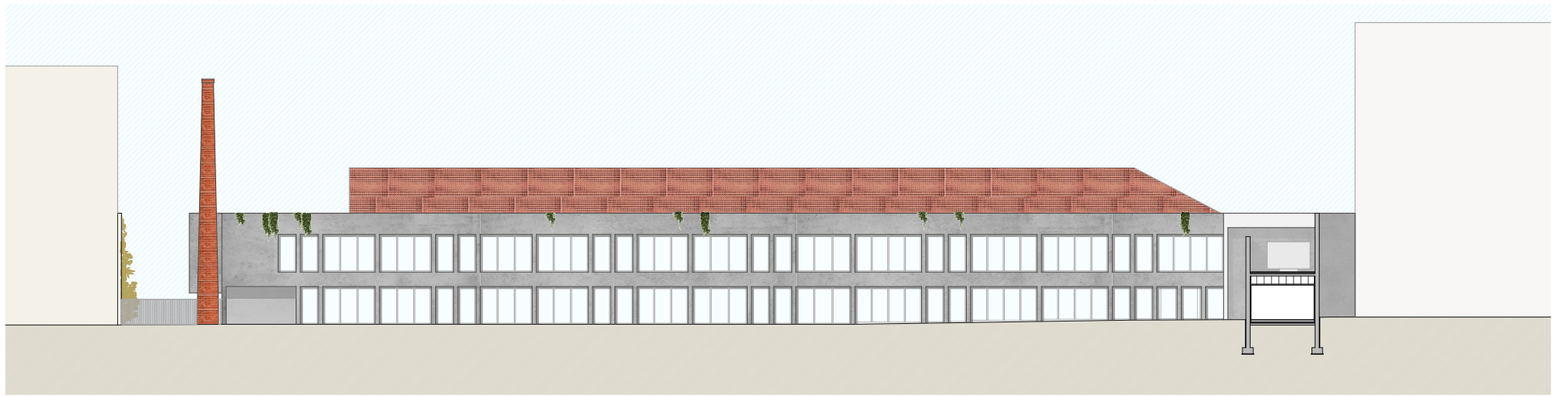
Alçado do restaurante e corte pela oficina e terraço técnico
Escala 1:500

0 1 10 50m

Alçado frontal
Orientado a **Poente**
Escala 1:500



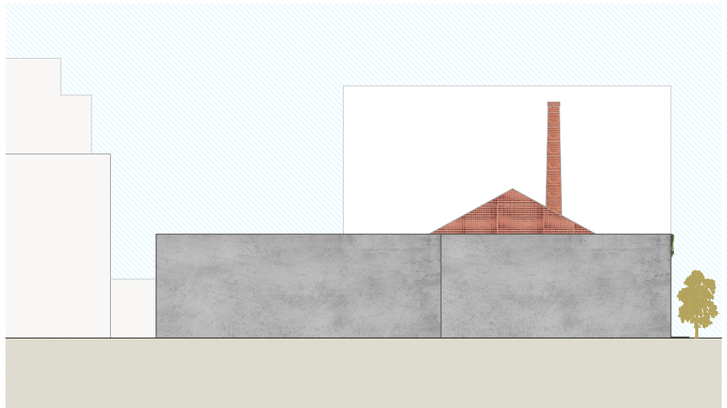
Alçado tardoz
Orientado a **Nascente**
Escala 1:500



Alçado do topo
Orientado a **Sul**
Escala 1:500



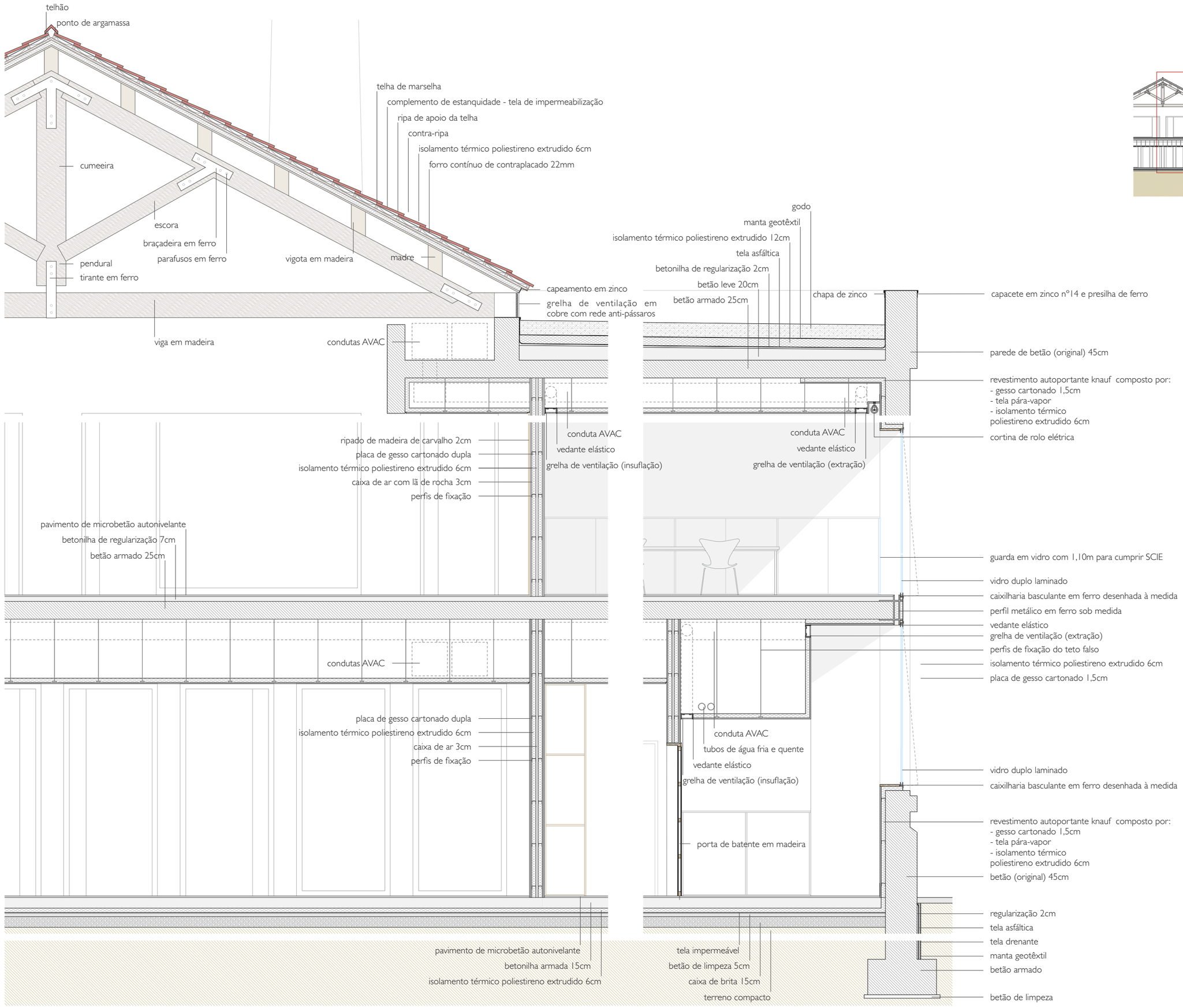
Alçado do topo
Orientado a **Norte**
Escala 1:500





Justaposição dos quatro alçados
Escala 1:1000




telhão
ponto de argamassa
telha de marselha
complemento de estanquidade - tela de impermeabilização
ripa de apoio da telha
contra-ripa
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
forro contínuo de contraplacado 22mm
cumeeira
escora
braçadeira em ferro
parafusos em ferro
vigota em madeira
madre
pendural
tirante em ferro
viga em madeira
capeamento em zinco
grelha de ventilação em cobre com rede anti-pássaros
condutas AVAC
godo
manta geotêxtil
isolamento térmico poliestireno extrudido 12cm
tela asfáltica
betonilha de regularização 2cm
betão leve 20cm
betão armado 25cm
chapa de zinco
capacete em zinco nº14 e presilha de ferro
parede de betão (original) 45cm
revestimento autoportante knauf composto por:
- gesso cartonado 1,5cm
- tela pára-vapor
- isolamento térmico
poliestireno extrudido 6cm
cortina de rolo elétrica
conduta AVAC
vedante elástico
grelha de ventilação (insuflação)
ripado de madeira de carvalho 2cm
placa de gesso cartonado dupla
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
caixa de ar com lã de rocha 3cm
perfis de fixação
conduta AVAC
vedante elástico
grelha de ventilação (extração)
pavimento de microbetão autonivelante
betonilha de regularização 7cm
betão armado 25cm
condutas AVAC
placa de gesso cartonado dupla
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
caixa de ar 3cm
perfis de fixação
guarda em vidro com 1,10m para cumprir SCIE
vidro duplo laminado
caixilharia basculante em ferro desenhada à medida
perfil metálico em ferro sob medida
vedante elástico
grelha de ventilação (extração)
perfis de fixação do teto falso
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
placa de gesso cartonado 1,5cm
conduta AVAC
tubos de água fria e quente
vedante elástico
grelha de ventilação (insuflação)
porta de batente em madeira
vidro duplo laminado
caixilharia basculante em ferro desenhada à medida
revestimento autoportante knauf composto por:
- gesso cartonado 1,5cm
- tela pára-vapor
- isolamento térmico
poliestireno extrudido 6cm
betão (original) 45cm
regularização 2cm
tela asfáltica
tela drenante
manta geotêxtil
betão armado
betão de limpeza
pavimento de microbetão autonivelante
betonilha armada 15cm
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
tela impermeável
betão de limpeza 5cm
caixa de brita 15cm
terreno compacto

6.1. Notas Finais

"(…) Qualquer problema de intervenção é sempre um problema de interpretação de uma obra de arquitetura existente, porque as possíveis formas de intervenção que surgem são sempre formas de interpretar o novo discurso que o edifício pode produzir. Uma intervenção é tanto quanto tentar fazer o edifício dizer algo novamente e dizê-lo numa determinada direção."[60]

[60] SOLA-MORALES, Ignasi, - "Teorías de la intervención arquitectónica" in Revista PH. Espanha, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2001, p.13

A concretização deste trabalho é o culminar de um percurso formativo que é o meu. Repleto, à semelhança desta dissertação, de vontades e inquietações em permanente transformação e pensamento.

Caracterizo esta intervenção como uma proposta para o *futuro*, com recurso a elementos arquitetónicos do *presente* e partindo de teorias e exemplos do *passado*, que a alicerçam.

Na prática, o estudo da Arquitetura Industrial em Portugal e a influência internacional balizou o tema e sustentou as bases e o conhecimento para o abordar com propriedade; o olhar sobre as Teorias do Restauro orientou o trabalho consoante as várias possibilidades de intervenção e as mais valias e interpretações de cada uma; a valorização do papel do arquiteto incentivou à compreensão do funcionamento das estruturas fabris e a persistência no desenvolvimento desta profissão que almejo; o estudo do lugar a intervir, Matosinhos, e o seu percurso histórico e industrial revelou-se imprescindível para a consciência de uma comunidade em função da qual se constrói.

O resultado, o culminar da interpretação e problematização de todos os elementos teóricos apresentados, situa-se entre essa mesma teoria e a prática, sob a forma de uma intervenção e requalificação na Fábrica de Conservas *A Boa Nova*, transformando-a a pensar no futuro e no surgimento de vários pequenos negócios e projetos, que poderão crescer com o apoio devido.

Espera-se que o edifício que outrora pertenceu à Fábrica de Conservas seja agora palco de um projeto ambicioso e dinâmico, proposto sob premissas por nós colocadas e respondidas. O resultado deve ser lido no tempo e no espaço através das suas ideologias e materialidades, alusões à indústria conserveira e visões de futuro, para que a história e a memória do edifício possam continuar a integrar e a contribuir para o património da cidade de Matosinhos.

A intervenção no pré-existente engloba estudar o passado e questionar a identidade e memória dos seus vestígios, por forma a desenhar um programa e um equipamento idealizado sob a perspetiva de uma visão ainda imatura, que não deve retirar o fundamento do trabalho desenvolvido.

Contemplando em pouco mais de cem páginas os ramos deste tema que se decidiram priorizar, fica a vontade de desenvolver no futuro o Universo de hipóteses patentes nesta dissertação.

6.2. Referências Bibliográficas

LIVROS

AGUIAR, José, *Cor e Cidade Histórica - Estudos Cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP, 2005

BARBOSA, A. M. Pinto - *Sobre a Indústria de Conservas em Portugal*. Lisboa: Editorial Império, 1941

BASÍLICO, Gabriele - *Arquitectura em Portugal: um roteiro fotográfico.* Porto: Dafne, 2006

CAPITEL, Antón - *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, 2ª edição 2009

CHOAY, Françoise, *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2010 (1ª edição 1982)

CORDEIRO, José M. Lopes - *A indústria conserveira: Exposição de Arqueologia Industrial*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1989

FELGUEIRAS, Guilherme - *Monografia de Matosinhos*. Lisboa: Edição de autor, 1958

FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: Secil, 2003

FOLGADO, Deolinda - *A nova ordem Industrial do Estado Novo - Da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968*. Lisboa: Livros Horizonte, 2012

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge - *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999

GROPIUS, Walter, *The New Architecture and the Bauhaus*. Londres: MIT Press Ltd,1965

GUIA de Leixões - *Leixões*: (s.n.), 1934

LE DUC, Viollet - *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe ou XVIe siècle*. Éd. Bance et Morel, 1854 à 1868, Volume 8

MACHADO VAZ, Guilherme - *Real Vinícola: Uma reconversão.* Matosinhos: Bluebook, 2018

RUSKIN, John - *The Crown of Wild Olive.* Londres: Edit G. Allen, 1866 in *https://archive.org/stream/in.ernet.dli.2015.272761/2015.272761.The-Crown_djvu.txt*

RUSKIN, John - *The Seven Lamps of Architecture.* Nova Iorque: John Wiley, 1849

SALGADO, José - *Alguns aspetos da evolução urbana de Matosinhos*. Matosinhos: Boletim da Biblioteca Pública Municipal, 1986\

WEBGRAFIA

http://afamiliaserrano.blogspot.com/2012/
https://conservasserrano.es/
https://inmatosinhos.blogspot.com/2013/04/1920-boa-nova-lda.html
https://ceramicatorreense.pt
https://www.youtube.com/watch?v=Xa4F9YPjB8U

ARTIGOS

DUARTE, Carlos S. - "Arquitectura em Portugal no século XX do Modernismo ao Tempo Presente" in *Panorama da Arte Portuguesa do século XX*, coord. Fernando Pernes. Porto: Fundação de Serralves, 1999

LOSA, Arménio - "A Arquitectura e as novas fábricas" in *1º Congresso Nacional de Arquitectura*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1948

PERALTA DA SILVA, Elsa - "Património e Identidade: Os desafios do turismo cultural" in *Antropológicas*. Lisboa: no4, I.S.C.S.P, 2000

SOLA-MORALES, Ignasi, - "Teorías de la intervención arquitectónica" in Revista PH. Espanha, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 2001

"O lugar da Indústria no território" in *Arquitetura da Indústria 1925-1965*. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005

"Guia para projeto e aplicação de telhas cerâmicas" pelo Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro. Coimbra: Associação Portuguesa das Indústrias de Cerâmica e Cristalaria (APICER), 2018

TRABALHOS ACADÉMICOS

A nova ordem industrial: da fábrica ao território de Lisboa: 1933-1968 / Deolinda Folgado; Tese de doutoramento, História (Arte Património e Restauro), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2010

Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: FAUP, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

A Tabaqueira: reabilitação da antiga fábrica de tabaco em Marvila / Beatriz Lage Caro Quintiliano; prof. responsável João Pedro Alves de Guimarães Serôdio - Porto: FAUP, 2020. - 3 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2019/2020

Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX - Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal / Joaquim José Lopes Teixeira; Provas de Aptidão pedagógica e capacidade científica expressamente elaboradas para efeitos de acesso à categoria de assistente de acordo com o artigo 53 do estatuto da carreira docente universitária; Porto: FAUP, 2004

ATAS DE CONGRESSOS OU ENCONTROS

GAAC, Coimbra, Abril 1998. FORTUNA, Carlos - *Património Cultural em Análise,* Actas do encontro nacional

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Direção Nacional dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Porto, Outubro 2005 - *Práticas de Intervenção e Recuperação*, 2º Seminário d´A Intervenção no Património

6.3. Referências Iconográficas

001 https://ocio.dn.pt/memoria/portugal-tem-lata-o-passado-e-presente-da-industria-das-conservas/25360/

002 https://designpeterbehrens.wixsite.com/blog/single-post/2017/11/28/peter-behrens-e-sua-contribuição-na-aeg

003 https://docplayer.com.br/80172760-Peter-behrens-para-a-aeg-desenho-moderno-e-industria-na-alemanha.html

004 https://br.pinterest.com/pin/317151998750598546/

005 https://en.wikipedia.org/wiki/Bauhaus

006 The Mies Van der Rohe Archive, Gaarland, via https://core.ac.uk/reader/41797540

007 https://www.moma.org/collection/works/87423

008 https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cada_da_Moeda_maqueta_Jorge_Segurado.jpg

009 https://www.incm.pt/portal/noticias.jsp?nid=1190

010 https://conservasdeportugal.com/algarve-exportador-matosinhos-fabrica-no-6/

011 https://conservasdeportugal.com/algarve-exportador-matosinhos-fabrica-no-6/

012 https://www.pedroalarcao.com/projects/ruinas-de-conimbriga

013 https://www.pedroalarcao.com/projects/ruinas-de-conimbriga

014 https://divisare.com/projects/371458-david-chipperfield-architects-davide-apicella-neues-museum-museumsinsel-berlin

015 https://archello.com/pt/project/neues-museum

016 https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Notre_Dame_de_Paris_en_1840.jpg

017 https://aegis-education.com/viollet-le-duc-eugene/

018 https://commonedge.org/the-restoration-argument-respecting-viollet-le-duc-at-notre-dame/

019 https://bussoladetempo.blogspot.com/2019/05/pacos-do-duque-de-braganca-como-nunca.htmL

020 https://pacodosduques.gov.pt/monumentos/paco-dos-duques/?lang=en

021 https://www.meisterdrucke.pt/artista/John-Ruskin.html

022 https://www.meisterdrucke.pt/artista/John-Ruskin.html

023 https://pt.wikipedia.org/wiki/Arco_de_Tito

024 https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.043/3154

025 https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g227871-d4506039-Reviews-Anfiteatro_Romano_de_Merida-Merida_Province_of_Badajoz_Extremadura.html

026 https://www.annarosamatttei.com/?m=201606 via *A Tabaqueira: reabiblitação da antiga fábrica de tabaco em Marvila* / Beatriz Lage Caro Quintiliano

027 https://teggelaar.com/rome/images/imagesub/imrome/R278.jpg via *A Tabaqueira: reabiblitação da antiga fábrica de tabaco em Marvila* / Beatriz Lage Caro Quintiliano

028 https://docplayer.it/docs-images/63/50156489/images/49-0.jpg via *A Tabaqueira: reabiblitação da antiga fábrica de tabaco em Marvila* / Beatriz Lage Caro Quintiliano

029https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa/53a-10487c07a8079c500018f-classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa-foto?next_project=no

030https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa/53a-10487c07a8079c500018f-classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa-foto?next_project=no

031https://www.archdaily.com.br/br/872695/classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa/53a-10487c07a8079c500018f-classicos-da-arquitetura-restauro-do-museu-de-castelvecchio-em-verona-carlo-scarpa-foto?next_project=no

032 https://divisare.com/projects/338032-giorgio-grassi-biblioteca-pubblica-a-groningen-1989

033 https://divisare.com/projects/338032-giorgio-grassi-biblioteca-pubblica-a-groningen-1989

034 Fotografia da autora

035 Fotografia da autora

036 https://sergiobragadacruz.files.wordpress.com/2018/05/20160923-0501-pub-termas-desenhos-axonometria.jpg

037 https://www.diarioaveiro.pt/api/assets/download/news/2021/07/f0e08836-4f9d-4838-9768-88307af963d.jpg

038 Fotografia da autora

039 Fotografia da autora

040 Google Earth

041 Pág. 23 - Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: Faup, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

042 Pág. 23 - Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: Faup, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

043 Pág. 23 - Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: Faup, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

044 Pág. 23 - Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: Faup, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

045 Pág. 23 - Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: Faup, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

046 https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/17613520855

047 https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/20642112616

048 LOUREIRO, Adolpho e SANTOS VIEGAS, António dos - Porto de Leixões, Projecto do melhoramento do porto de abrigo e criação de um porto commercial anexo. Conselho de Administração das Docas do Porto e Caminhos de Ferro Peninsulares. Imprensa Nacional. Lisboa. 1908

049 https://www.facebook.com/PortoDesaparecido/posts/1834382589950268/

050 Pág. 16 - Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: Faup, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

051 Fotografia da autora

052 Fotografia da autora

053 Arquivo Municipal

054 Arquivo Municipal

055 Arquivo Municipal

056 Arquivo Municipal

057 http://portoarc.blogspot.com/2013/09/divertimentos-dos-portuenses-ii.html

058 Pág. 37 - Arquitectura industrial em Matosinhos sul / Adriana Miranda; prof. responsável José Salgado - Porto: Faup, 2004. - 2 vol. - Autorizada reprodução - Ano letivo 2003/2004

059 http://visitasaoarquivo.blogspot.com/2015/10/uma-fabrica-de-conservas.html

060 http://visitasaoarquivo.blogspot.com/2015/10/uma-fabrica-de-conservas.html

061 https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/20482230339

062 Luís Ferreira Alves

063 Luís Ferreira Alves

064 Luís Ferreira Alves

065 https://conservasdeportugal.com/fotografias-in-1934-guia-de-leixoes/

066 https://conservasdeportugal.com/fotografias-photographs/

067 https://aviagemdosargonautas.net/2018/04/19/uma-carta-do-porto-por-jose-magalhaes-230/

068 Esquema à mão da autora

069 Esquema à mão da autora

070 Fotografia da autora

071 Fotografia da autora

072 Fotografia da autora

073 Fotografia da autora

074 Fotografia da autora

075 Fotografia da autora

076 Planta do Arquivo Municipal com desenho da autora

077 Planta do Arquivo Municipal com desenho da autora

078 Setor de planta do Arquivo Municipal

079 Setor de planta do Arquivo Municipal

080 Setor de planta do Arquivo Municipal

081 Setor de planta do Arquivo Municipal

082 Sobreposição da planta atual de Matosinhos fornecida pelo Arquivo Municipal com a planta do plano urbano de Licínio Guimarães

083 Planta do Arquivo Municipal com desenho da autora

084 Google Earth

085 https://www.youtube.com/watch?v=Xa4F9YPjB8U

086 https://www.youtube.com/watch?v=Xa4F9YPjB8U

087 Arquivo Municipal

088 https://conservasdeportugal.com/fotografias-photographs/

089 Arquivo Municipal

090 Arquivo Municipal

091 Arquivo Municipal

092 Setor de planta do Arquivo Municipal com desenho da autora no quarteirão em estudo

093 Planta desenhada a computador pela autora com base na planta original consultado no Arquivo Municipal

094 Esquema da autora

095 Esquema da autora

096 Esquema da autora

097 Esquema da autora

098 Esquema da autora

099 Esquema da autora

100 Alçado desenhado a computador pela autora com base no alçado original consultado no Arquivo Municipal

101 Alçado e corte do vão desenhados a computador pela autora com base no desenho original consultado no Arquivo Municipal

102 Corte desenhado a computador pela autora com base no corte original consultado no Arquivo Municipal

103 Alçado desenhado a computador pela autora com base no alçado original consultado no Arquivo Municipal

104 Corte desenhado a computador pela autora com base no corte original consultado no Arquivo Municipal

105 https://www.youtube.com/watch?v=Xa4F9YPjB8U

106 https://www.youtube.com/watch?v=Xa4F9YPjB8U

107 https://www.youtube.com/watch?v=Xa4F9YPjB8U

108 https://www.youtube.com/watch?v=Xa4F9YPjB8U

109 Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal de Matosinhos

110 Fotografia da autora

111 Fotografia da autora

112 Fotografia da autora

113 Fotografia da autora

114 Fotografia da autora

115 Fotografia da autora

116 Fotografia da autora

117 Fotografia da autora

118 Fotografia da autora

119 Fotografia da autora

120 Fotografia da autora

121 Fotografia da autora

122 Fotografia da autora

123 Fotografia da autora

124 Fotografia da autora

125 Fotografia da autora

126 Fotografia de drone - Tiago Eusébio

127 Fotografia de drone - Tiago Eusébio

128 Fotografia de drone - Tiago Eusébio

129 Planta do Arquivo Municipal com desenho da autora

130 Planta do Arquivo Municipal com desenho da autora

131 Fotografia da autora

132 Fotografia da autora

133 Câmara Municipal de Matosinhos

134 Fotografia da autora

135 Fotografia da autora

136 Planta do Arquivo Municipal com desenho da autora

137 https://www.spain.info/pt_BR/lugares-interesse/matadero-madrid/

138 https://arquitecturaviva.com/obras/centro-de-creacion-matadero

139 https://arquitecturaviva.com/obras/centro-de-creacion-matadero

140 https://arquitecturaviva.com/obras/centro-de-creacion-matadero

141 https://arquitecturaviva.com/obras/centro-de-creacion-matadero

142 https://www.archdaily.com.br/br/874682/sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi/58b33634e58ece4cd10004bb-sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi-photo

143 https://www.archdaily.com.br/br/874682/sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi/58b33634e58ece4cd10004bb-sinergia-cowork-palermo-emilio-magnone-plus-marcos-guiponi-photo

144 https://www.archdaily.com.br/br/760336/escritorios-revigres-carlos-castanheira

145 https://www.archdaily.com.br/br/760336/escritorios-revigres-carlos-castanheira

146 https://www.archdaily.com.br/br/760336/escritorios-revigres-carlos-castanheira

147 https://www.archdaily.com.br/br/905542/escritorios-vieira-de-almeida-and-associados-pmc-arquitectos-plus-openbook-arquitectura

148 https://www.archdaily.com.br/br/905542/escritorios-vieira-de-almeida-and-associados-pmc-arquitectos-plus-openbook-arquitectura

149 https://www.archdaily.com.br/br/905542/escritorios-vieira-de-almeida-and-associados-pmc-arquitectos-plus-openbook-arquitectura

150 https://www.archdaily.com.br/br/939678/typographia-cowork-alexandre-loureiro-architecture-studio

151 https://www.archdaily.com.br/br/939678/typographia-cowork-alexandre-loureiro-architecture-studio

152 https://www.archdaily.com.br/br/939678/typographia-cowork-alexandre-loureiro-architecture-studio

153 https://www.archdaily.com.br/br/939678/typographia-cowork-alexandre-loureiro-architecture-studio

154 https://www.ipn.pt

155 https://www.ipn.pt

156 https://www.ipn.pt

157 Fotografia da autora

158 Fotografia da autora

159 Fotografia da autora

160 Esquema da autora

161 Planta desenhada a computador pela autora com base na planta original consultada no Arquivo Municipal

162 Planta do estado do edifício no último período de laboração da Fábrica desenhada a computador pela autora com base na planta original consultada no Arquivo Municipal e nos pedidos de licenciamento de aumentos

163 Planta desenhada a computador pela autora com base no estado atual do edifício

164 Planta desenhada a computador pela autora com base no estado atual do edifício

165 Esquema da autora

166 Esquema da autora

167 Planta da autora

168 Planta da autora

169 Esquemas à mão da autora

170 Esquemas à mão da autora

171 Esquemas à mão da autora

172 Planta desenhada a computador pela autora com base na planta do território consultada no Arquivo Municipal

173 Fotografia da autora - Maquete

174 Fotografia da autora - Maquete

175 Fotografia da autora - Maquete

176 Fotografia da autora - Maquete

177 Desenhos à mão da autora

178 Fotografia da autora - Maquete

179 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora

180 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora

181 Desenhos à mão da autora

182 Desenhos à mão da autora

183 Fotografia da autora - Maquete

184 Desenhos à mão da autora

185 Desenhos à mão da autora

186 Desenhos à mão da autora

187 Fotografia da autora - Maquete

188 Fotografia da autora - Maquete

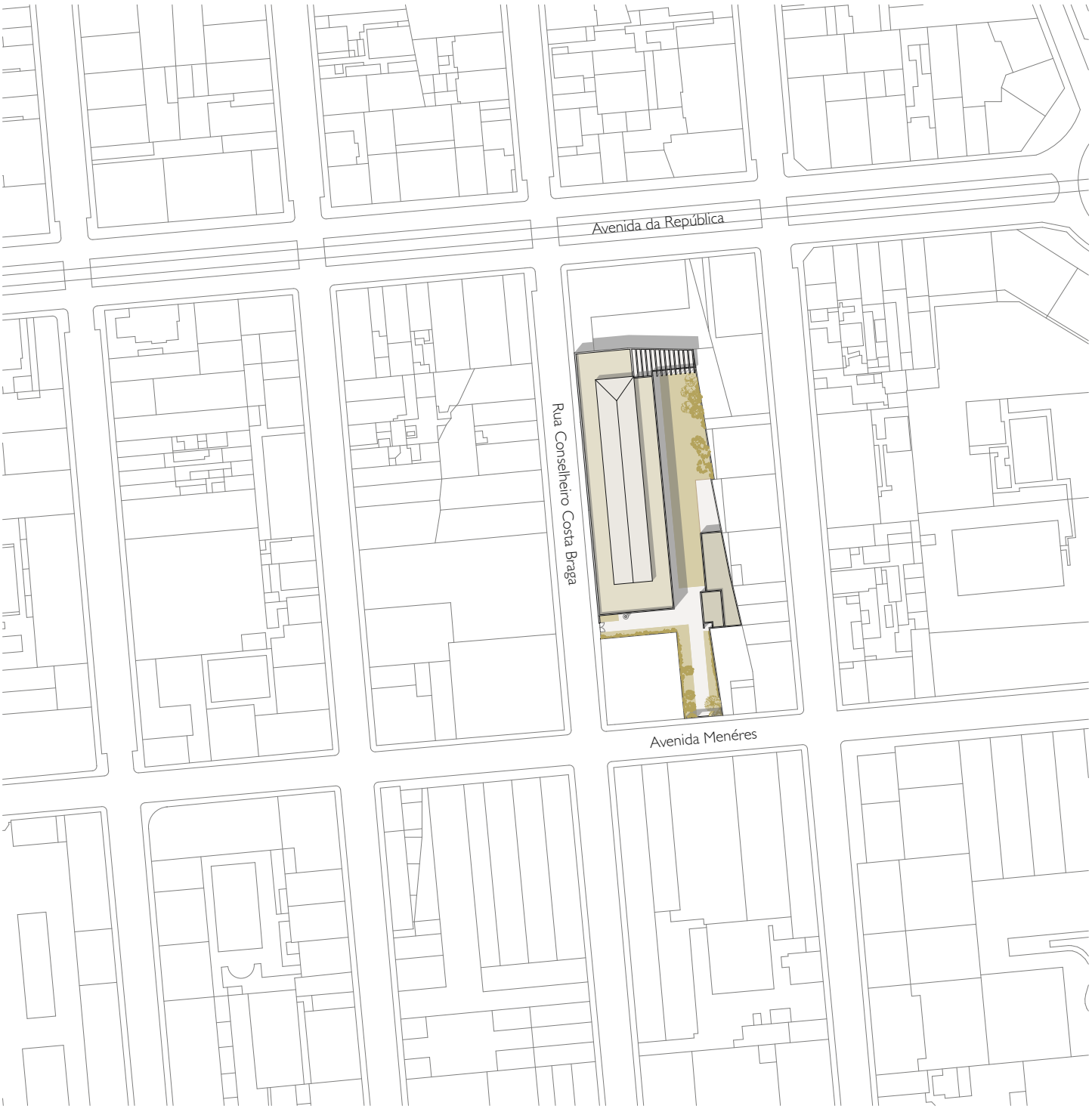
189 Desenhos à mão da autora

190 Desenhos à mão da autora
191 Desenhos à mão da autora
192 Desenhos à mão da autora
193 Desenhos à mão da autora
194 Desenhos à mão da autora
195 Desenhos à mão da autora
196 Desenhos à mão da autora
197 Desenhos à mão da autora
198 Fotografia da autora - Maquete
199 Fotografia da autora - Maquete
200 Fotografia da autora - Maquete
201 Desenhos à mão da autora
202 Desenhos à mão da autora
203 Desenhos à mão da autora
204 Fotografia da autora - Maquete
205 Fotografia da autora - Maquete
206 Fotografia da autora - Maquete
207 Desenhos à mão da autora
208 Desenhos à mão da autora
209 Desenhos à mão da autora
210 Desenhos à mão da autora
211 Fotografia da autora - Maquete
212 Desenhos à mão da autora
213 Desenhos à mão da autora
214 Fotografia da autora - Maquete
215 Fotografia da autora - Maquete
216 Fotografia da autora - Maquete
217 Desenhos à mão da autora
218 Desenhos à mão da autora
219 Fotografia da autora - Maquete
220 Fotografia da autora - Maquete
221 Fotografia da autora - Maquete
222 Fotografia da autora - Maquete
223 Fotografia da autora - Maquete
224 Fotografia da autora - Maquete
225 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora
226 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora
227 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora
228 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora
229 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora
230 Modelo 3D do projeto elaborado pela autora

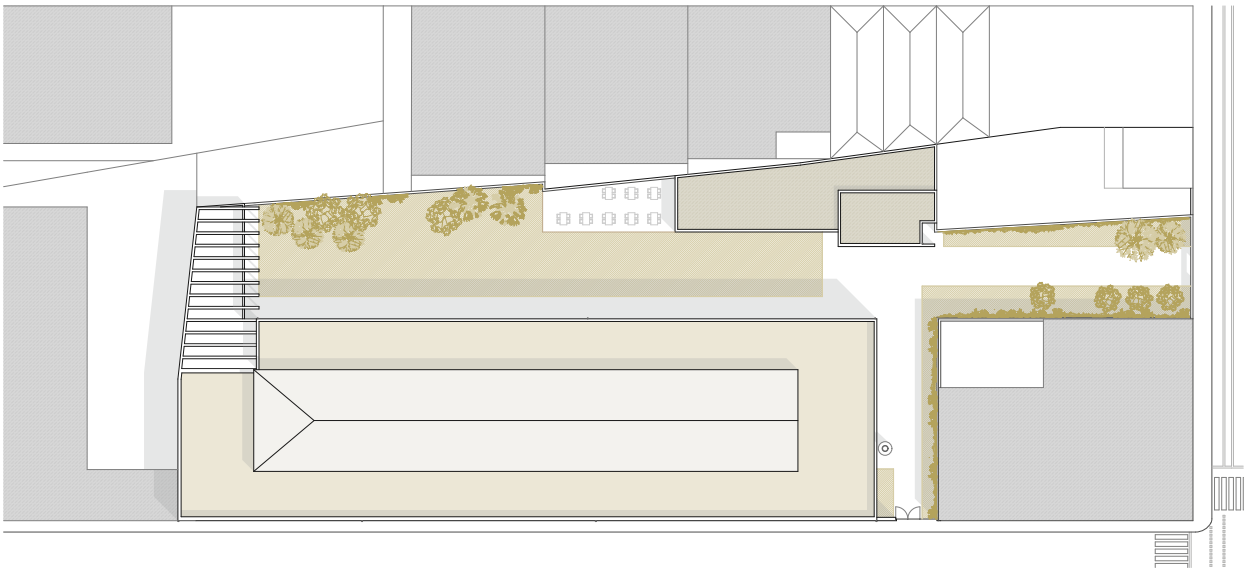
Os desenhos rigorosos apresentados no corpo da tese após a imagem 230 foram realizados pela autora.

Todos os anexos contém a fonte na sua legenda, à exceção dos desenhos rigorosos que foram realizados pela autora.

ANEXOS



Implantação
Escala 1:2000



Cobertura
Cota 20
Escala 1:1000



Legenda

A Compartimentos gerais
A1 Entrada do público
A2 Entradas secundárias
A3 Espaços de circulação e distribuição
A4 Sanitários
A5 Acessos verticais

B Espaço comunitário multifuncional
B1 Espaço flexível polivalente
B2 Arrumos/Área técnica

C Incubadora
C1 Lojas tipo A - 40m²
C2 Lojas tipo B - 47m²
C3 Escritórios
C4 Sala do coworking

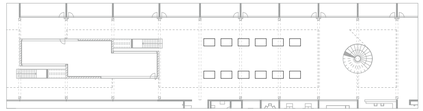
D Espaços semi-privados de apoio às atividades
D1 Salas de reuniões
D2 Salas de apoio - Workshops e conferências
D3 Estúdios de fotografia
D4 Sala de convívio com kitchnette
D5 Oficina

E Administração
E1 Secretaria
E2 Administração
E3 Gabinete da direção
E4 Sala de reuniões
E5 Arquivo administrativo e servidores
E6 Sanitários

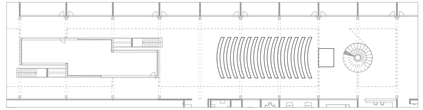
F Restaurante/Bar
F1 Entrada
F2 Bar
F3 Sala de refeições
F4 Cozinha
F5 Instalações sanitárias para clientes
F6 Instalações sanitárias e vestiários para funcionários
F7 Compartimento de lixos

0 1 10 50m

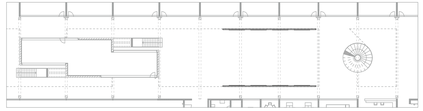
Piso Térreo - Cota 1.20
Escala 1:200 *aproximadamente*



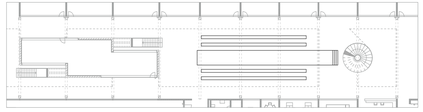
Mercado



Conferência / Showcase / Apresentação



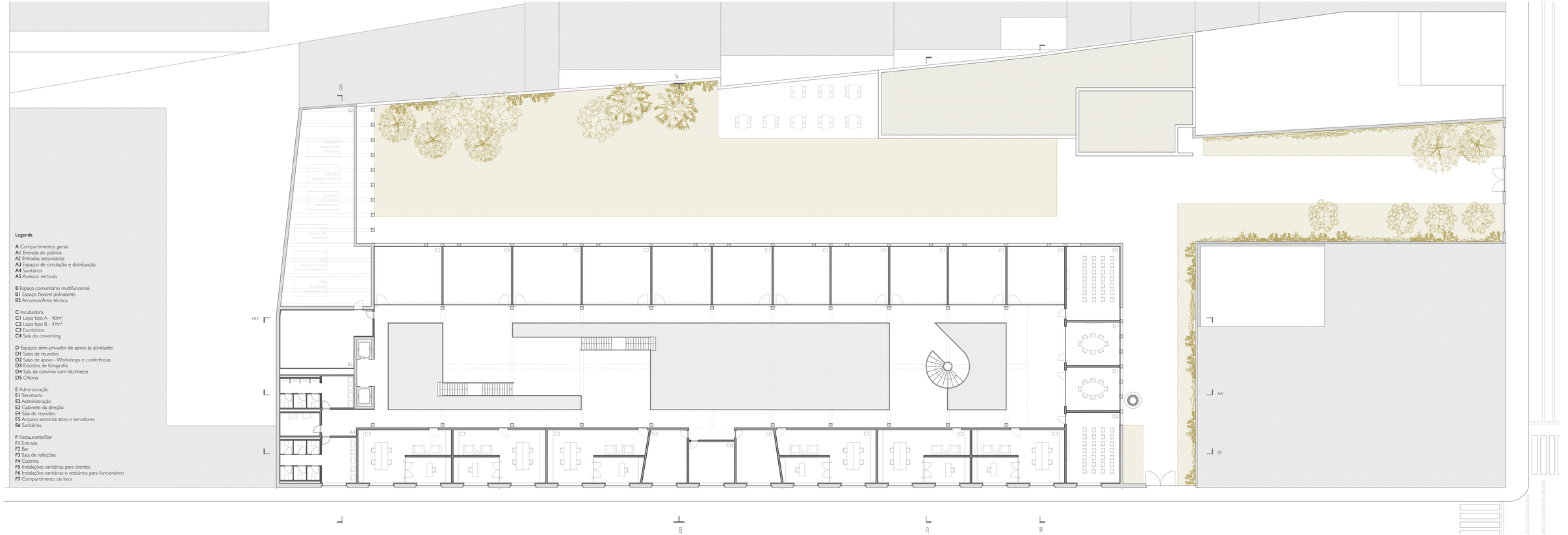
Exposição



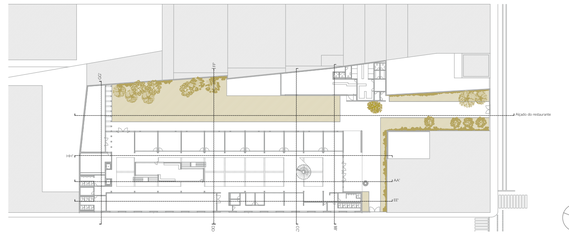
Desfile

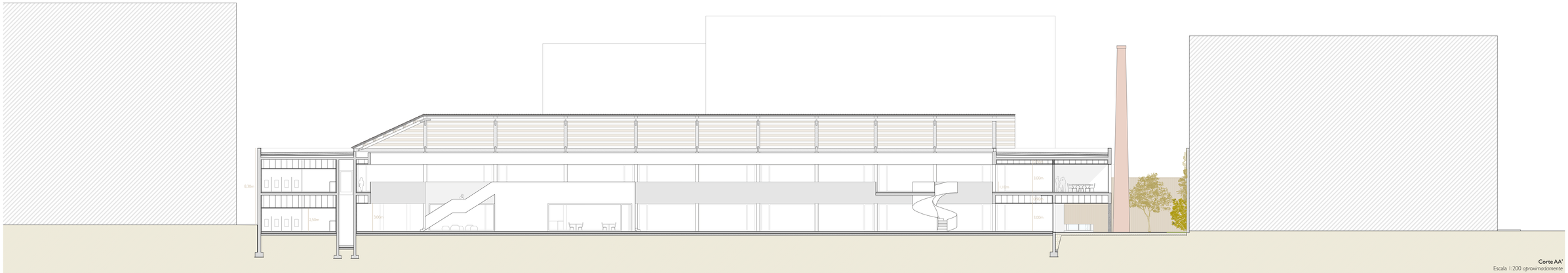


Esquemas da polivalência do espaço central
Escala 1:500



Piso 1 - Cota 5.20
Escala 1:200 *aproximadamente*


Nível do restaurante
Nível 0,00
Nível +3,00
Nível +6,00
Nível +9,00
Nível +12,00
Nível +15,00
Nível +18,00
Nível +21,00
Nível +24,00
Nível +27,00
Nível +30,00
Nível +33,00
Nível +36,00
Nível +39,00
Nível +42,00
Nível +45,00
Nível +48,00
Nível +51,00
Nível +54,00
Nível +57,00
Nível +60,00
Nível



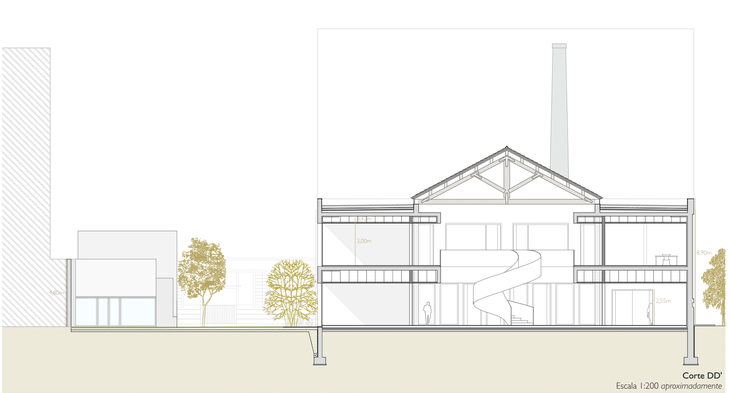
Corte AA'
Escala 1:200 *aproximadamente*



Corte BB'
Escala 1:200 *aproximadamente*

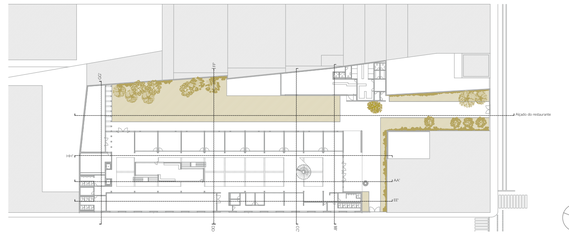


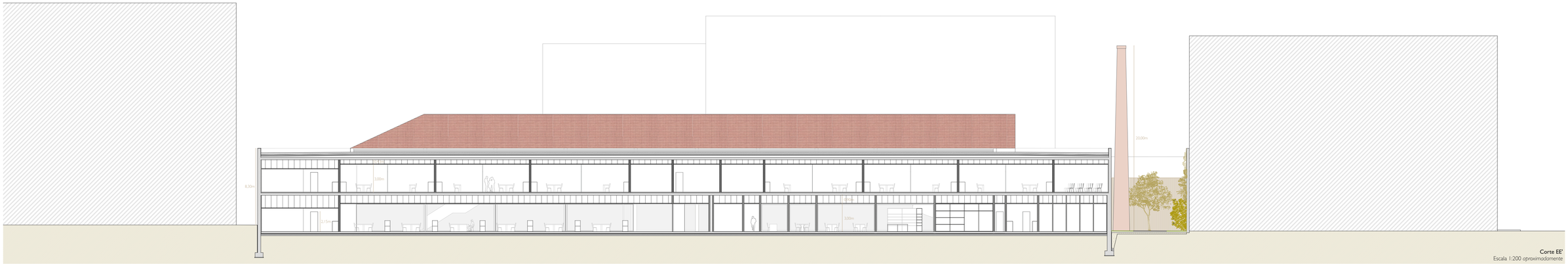
Corte CC'
Escala 1:200 *aproximadamente*



Corte DD'
Escala 1:200 *aproximadamente*

0 1 10 50m

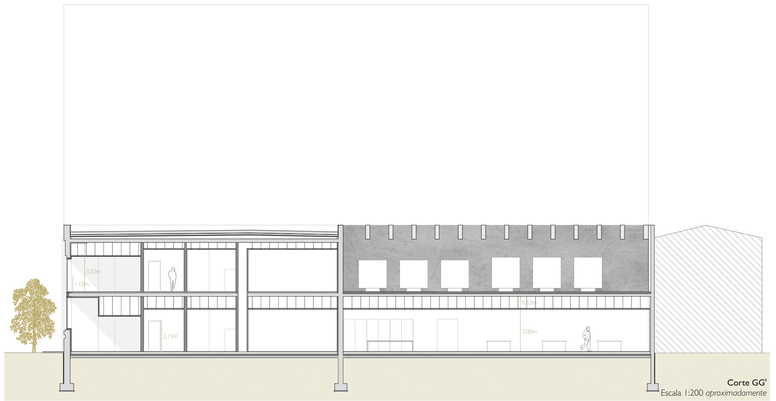

Nível do restaurante
Nível 0,00
Nível +3,00
Nível +6,00
Nível +9,00
Nível +12,00
Nível +15,00
Nível +18,00
Nível +21,00
Nível +24,00
Nível +27,00
Nível +30,00
Nível +33,00
Nível +36,00
Nível +39,00
Nível +42,00
Nível +45,00
Nível +48,00
Nível +51,00
Nível +54,00
Nível +57,00
Nível +60,00
Nível



Corte EE'
Escala 1:200 *aproximadamente*



Corte FF'
Escala 1:200 *aproximadamente*

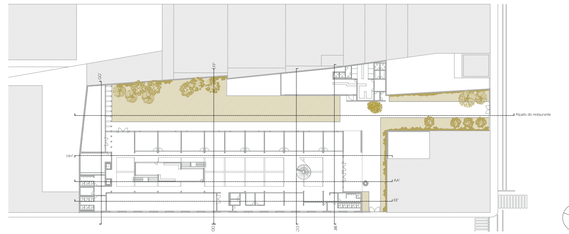


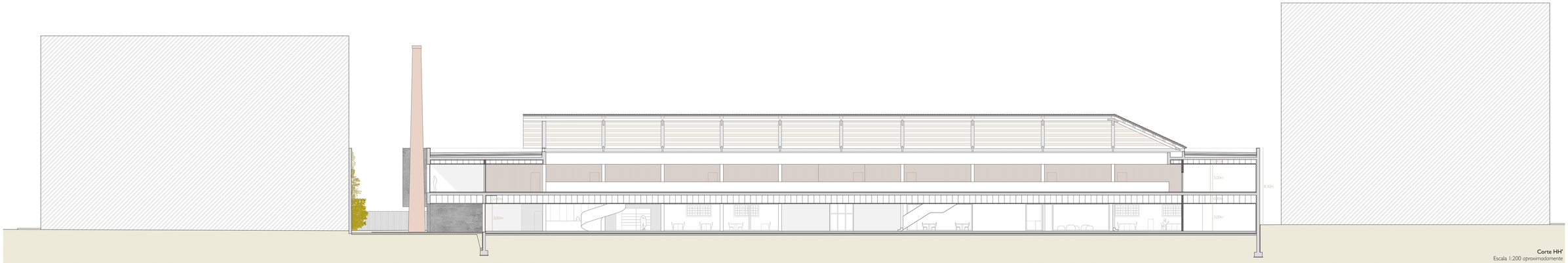
Corte GG'
Escala 1:200 *aproximadamente*



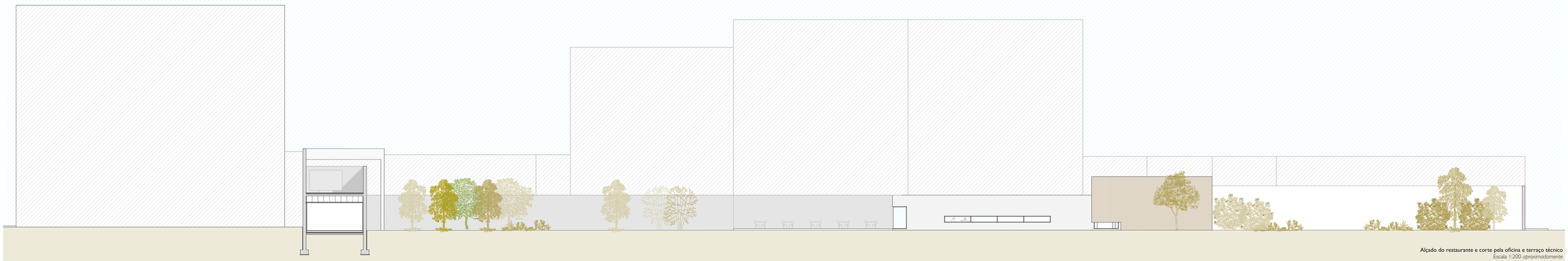
Alçado pela Avenida Menéres
Escala 1:200 *aproximadamente*

0 1 10 50m


Nível do restaurante
+0.15
+0.30
+0.45
+0.60
+0.75
+0.90
+1.05
+1.20
+1.35
+1.50
+1.65
+1.80
+1.95
+2.10
+2.25
+2.40
+2.55
+2.70
+2.85
+3.00
+3.15
+3.30
+3.45
+3.60
+3.75
+3.90
+4.05
+4.20
+4.35
+4.50
+4.65
+4.80
+4.95
+5.10
+5.25
+5.40
+5.55
+5.70
+5.85
+6.00

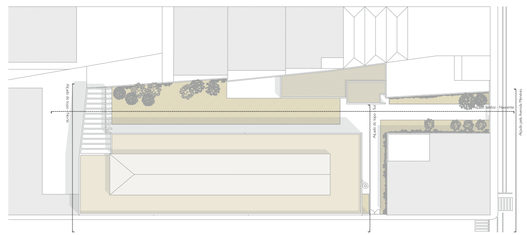


Corte HH'
Escala 1:200 *aproximadamente*



Alçado do restaurante e corte pela oficina e terraço técnico
Escala 1:200 *aproximadamente*

0 1 10 50m



Cobertura
Identificação dos alçados
Escala 1:1000



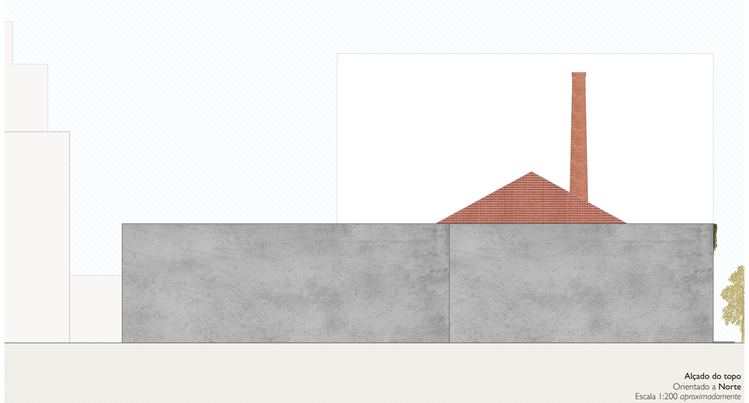
Alçado frontal
Orientado a **Poente**
Escala 1:200 *aproximadamente*



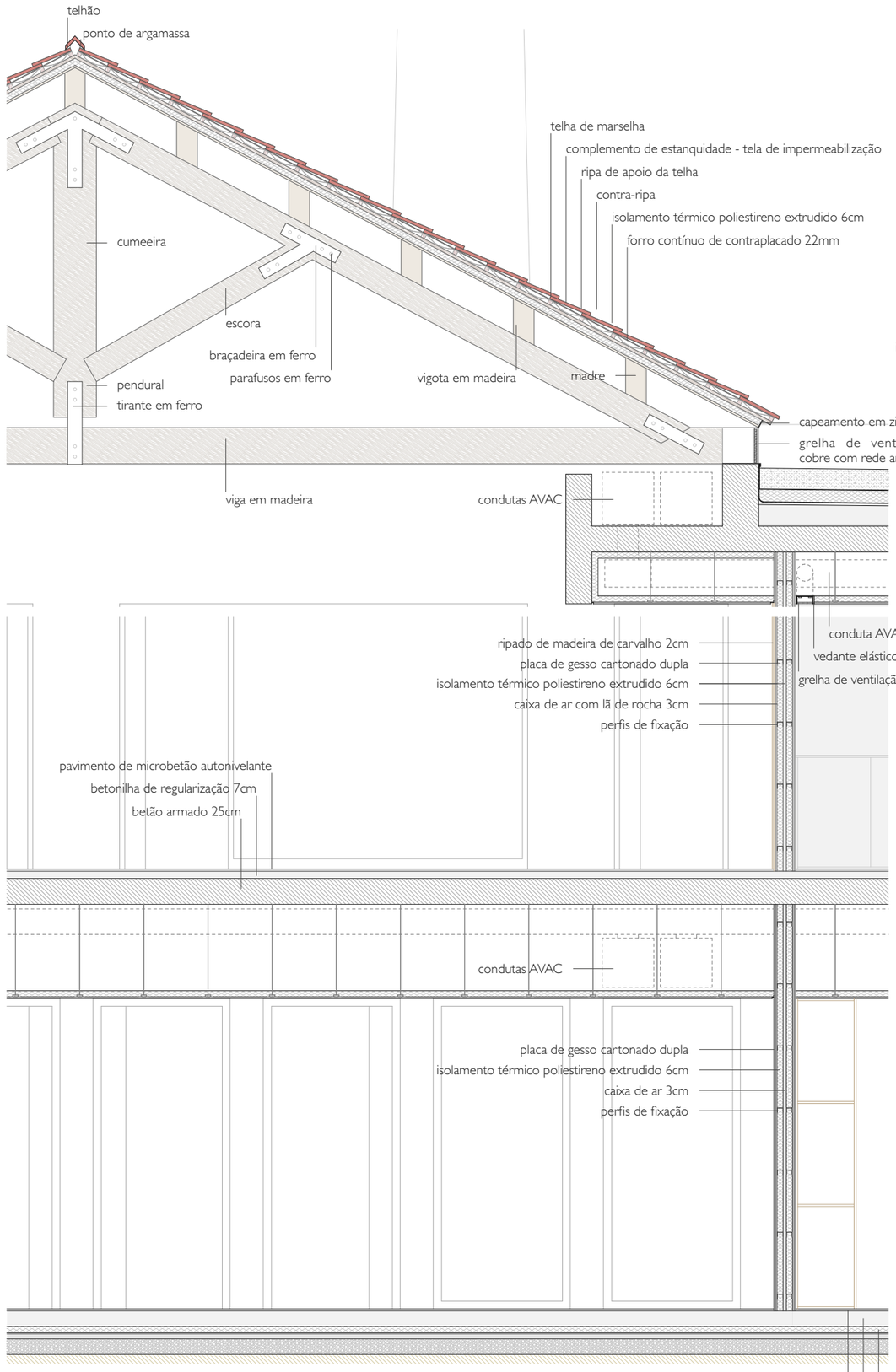
Alçado do topo
Orientado a **Sul**
Escala 1:200 *aproximadamente*

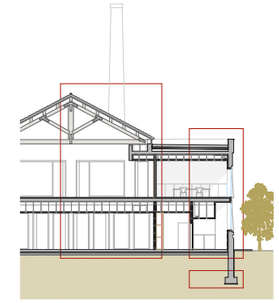


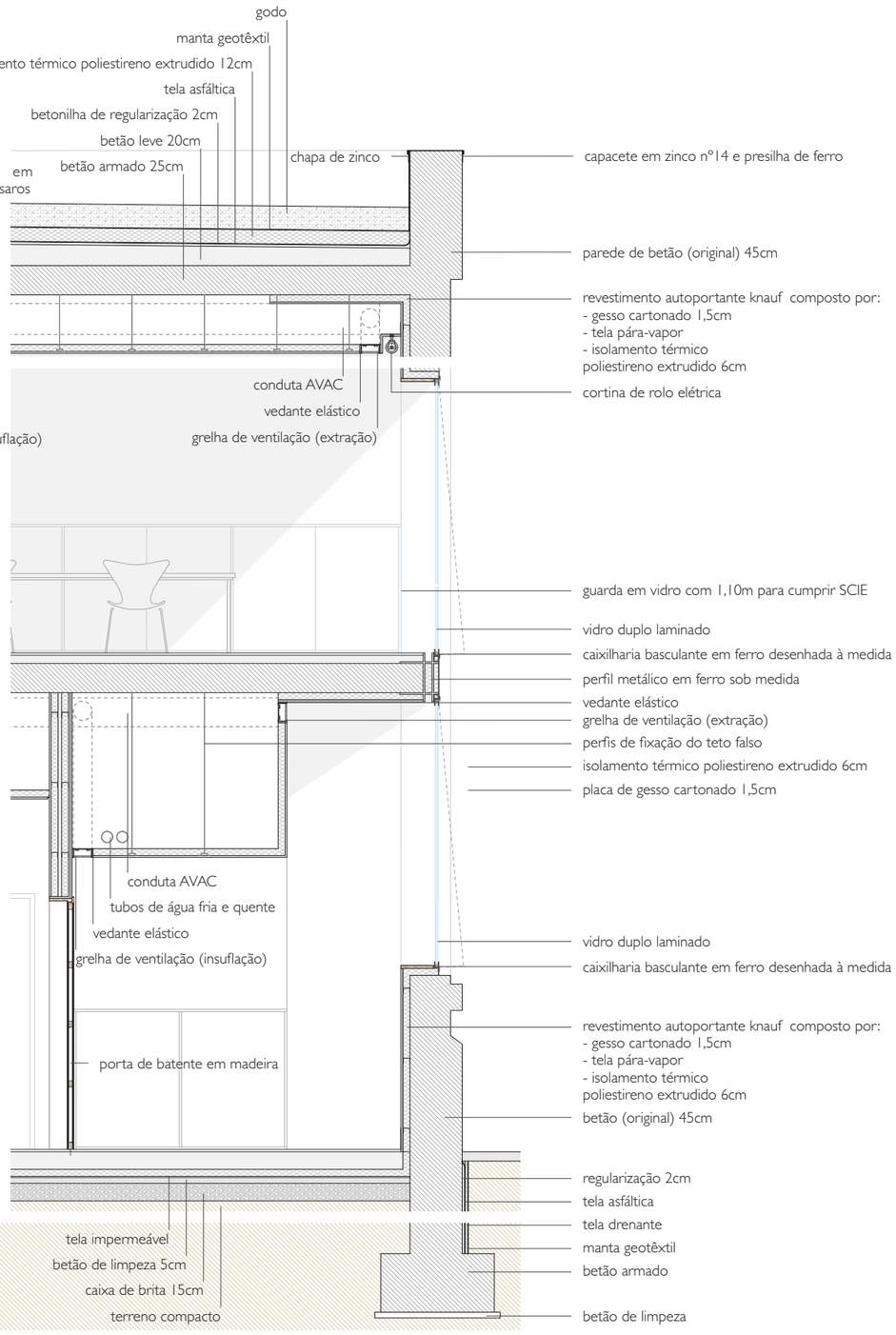
Alçado tardoz
Orientado a **Nascente**
Escala 1:200 *aproximadamente*

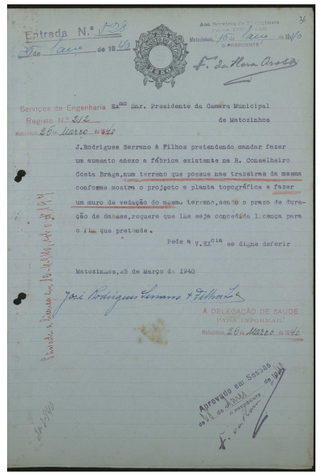


Alçado do topo
Orientado a **Norte**
Escala 1:200 *aproximadamente*


telhão
ponto de argamassa
telha de marselha
complemento de estanquidade - tela de impermeabilização
ripa de apoio da telha
contra-ripa
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
forro contínuo de contraplacado 22mm
cumeeira
escora
braçadeira em ferro
parafusos em ferro
vigota em madeira
madre
pendural
tirante em ferro
viga em madeira
capeamento em zinco
grelha de ventilação em cobre com rede anti-pássaros
condutas AVAC
ripado de madeira de carvalho 2cm
placa de gesso cartonado dupla
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
caixa de ar com lã de rocha 3cm
perfis de fixação
conduta AVAC
vedante elástico
grelha de ventilação (insuflação)
pavimento de microbetão autonivelante
betonilha de regularização 7cm
betão armado 25cm
condutas AVAC
placa de gesso cartonado dupla
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
caixa de ar 3cm
perfis de fixação
pavimento de microbetão autonivelante
betonilha armada 15cm
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm




godo
manta geotêxtil
isolamento térmico poliestireno extrudido 12cm
tela asfáltica
betonilha de regularização 2cm
betão leve 20cm
betão armado 25cm
chapa de zinco
capacete em zinco nº14 e presilha de ferro
parede de betão (original) 45cm
revestimento autoportante knauf composto por:
- gesso cartonado 1,5cm
- tela pára-vapor
- isolamento térmico
poliestireno extrudido 6cm
cortina de rolo elétrica
conduta AVAC
vedante elástico
grelha de ventilação (extração)
guarda em vidro com 1,10m para cumprir SCIE
vidro duplo laminado
caixilharia basculante em ferro desenhada à medida
perfil metálico em ferro sob medida
vedante elástico
grelha de ventilação (extração)
perfis de fixação do teto falso
isolamento térmico poliestireno extrudido 6cm
placa de gesso cartonado 1,5cm
conduta AVAC
tubos de água fria e quente
vedante elástico
grelha de ventilação (insuflação)
vidro duplo laminado
caixilharia basculante em ferro desenhada à medida
porta de batente em madeira
revestimento autoportante knauf composto por:
- gesso cartonado 1,5cm
- tela pára-vapor
- isolamento térmico
poliestireno extrudido 6cm
betão (original) 45cm
regularização 2cm
tela asfáltica
tela drenante
manta geotêxtil
betão armado
tela impermeável
betão de limpeza 5cm
caixa de brita 15cm
terreno compacto
betão de limpeza


Entrada N.º 1073
7 de Julho de 1945

Exmo Snr. Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos.

A firma J.Rodrigues Serrano, da Fábrica de Conservas, "A Bôa-Nova", com séde na rua Conselheiro Costa Braga, desta Vila, desejando construir um armazem novo, com frente para a Avenida Menéres, conforme mostra o projecto e a planta topográfica, sendo o prazo de carução de cêrca de 90 dias, requere que lhe seja concedida a respectiva licença para o fim que pretende.

Pede deferimento.

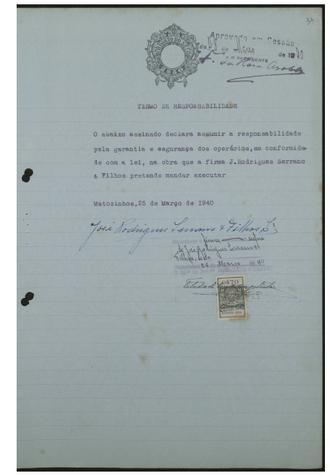
Matosinhos, 5 de Julho de 1945

Pelo requerente

A DELEGAÇÃO DE SAUDE PARA INFORMAR

Serviços de Engenharia Registo N.º 273 7 de Julho de 1945

Aprovado em Sessão da C. M. de 8 de Julho de 1945

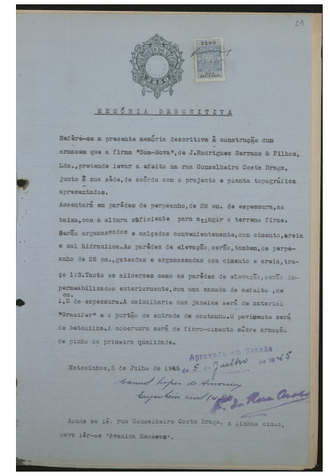

TERMO DE RESPONSABILIDADE

O abaixo assinado declara assumir a responsabilidade pela garantia e segurança dos operários, em conformidade com a lei, na obra que a firma J.Rodrigues Serrano & Filhos pretende mandar executar

Matosinhos, 25 de Março de 1940

José Rodrigues Serrano & Filhos

Aprovado em Sessão da C. M. de 14 de Março de 1940


MEMÓRIA DESCRITIVA

Memória descritiva à construção dum armazem que a firma "Boa-Nova", de J.Rodrigues Serrano & Filhos, Lda., pretende levar a efeito na rua Conselheiro Costa Braga, junto à sua séde, de acôrdo com o projecto e planta topográfica apresentados.

Assentará em paredes de perpeanho, de 25 cm. de espessura, ao baixo, com a altura suficiente para assegurar o terreno firme. Serão argamassados e caiados convenientemente, com cimento, areia e cal hidraulica. As paredes de elevação serão, tambem, de perpeanho de 25 cm., assentes e argamassadas com cimento e areia, traço 1:3. Tanto os alicerces como as paredes de elevação, serão impermeabilizados exteriormente, com uma camada de asfalto, de cm. 1,5 de espessura. A caixilharia das janelas será de material "Crittall" e o portão de entrada de canteiro. O pavimento será de betonilha. A cobertura será de fibro-cimento sôbre armação de pinho de primeira qualidade.

Aprovado em Sessão

Matosinhos, 5 de Julho de 1945

Aonde se lê: rua Conselheiro Costa Braga, a minha casa, deve ler-se "Avenida Menéres".

Entrada N.º 1075
7 de Julho de 1945

Exmo Snr. Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos.

A firma J.Rodrigues Serrano, da Fábrica de Conservas, "A Bôa-Nova", com séde na rua Conselheiro Costa Braga, desta Vila, desejando construir um armazem novo, com frente para a Avenida Menéres, conforme mostra o projecto e a planta topográfica, sendo o prazo de carução de cêrca de 90 dias, requere que lhe seja concedida a respectiva licença para o fim que pretende.

Pede deferimento.

Matosinhos, 5 de Julho de 1945

Pelo requerente

A DELEGAÇÃO DE SAUDE PARA INFORMAR

Serviços de Engenharia Registo N.º 273 7 de Julho de 1945

Entrada N.º 410
11 de Março de 1947

Exmo. Snr. Presidente da Camara Municipal de Matosinhos.

Jaime Rodrigues Serrano, co-proprietario da Fabrica de Conservas a Bôa Nova, com sede na Rua Conselheiro Costa Nvara, desta Vila, tendo concedida licença para a construção de uma ampliação de referida Fabrica para instalação de uma Oficina, cuja licença lhe foi concedida pelo alvará de licença nº 610, de 1946, a qual devia ser requerida em nome de Rodrigues Jaime, Serrano e outros, por lapso foi requerida em nome de Fabrica de Conserva A Bôa Nova.

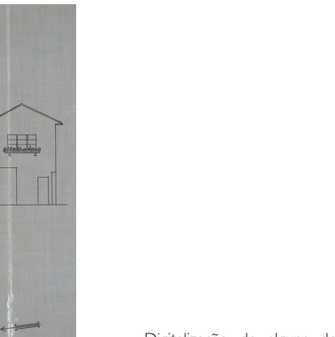
Muito respeitosamente, requere a V.Exª. se digne autorisar que a referida licença seja retificada para o nome de Jaime Rodrigues Serrano e outros, da Rua Conselheiro Costa Nvara, desta Vila.

"Mui reliabel Rodrigues"

Pede deferimento

Matosinhos, 7 de Março de 1947

Serviços de Engenharia Registo N.º 267 11 de Março de 1947


Entrada N.º 411
11 de Março de 1947

Exmo. Snr. Presidente da Camara Municipal do concelho de Matosinhos

Jaime Rodrigues Serrano, proprietario, residente na Rua de Santo Cajado, desta Vila, tendo recebido licença para a construção de um armazem na Avenida Menéres, desta Vila, a qual lhe foi concedida pelo alvará nº 606, de 1946, a qual por lapso foi requerida em nome J.Rodrigues Serrano quando o de via ser em nome de Jaime Rodrigues Serrano e outros.

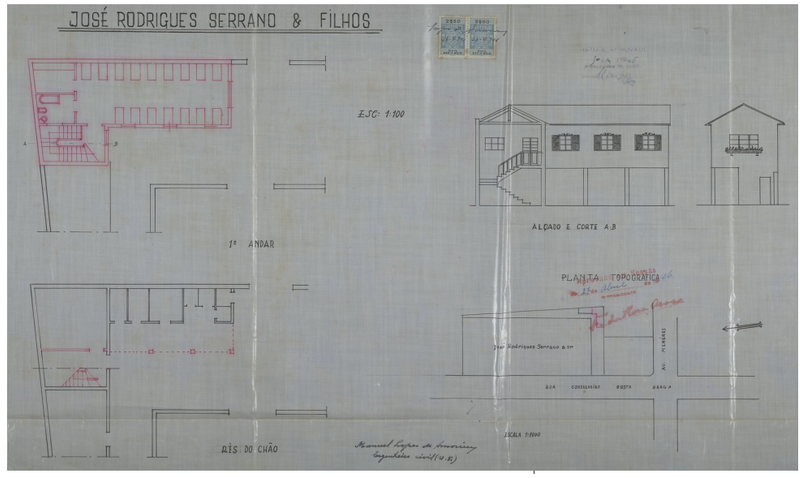
Muito respeitosamente requere a V.Exª se digne autorisar que a referida licença seja retificada para o nome de Jaime Rodrigues Serrano e outros, da Rua Conselheiro Costa Braga, desta Vila.

Pede deferimento

Matosinhos, 7 de Março de 1947

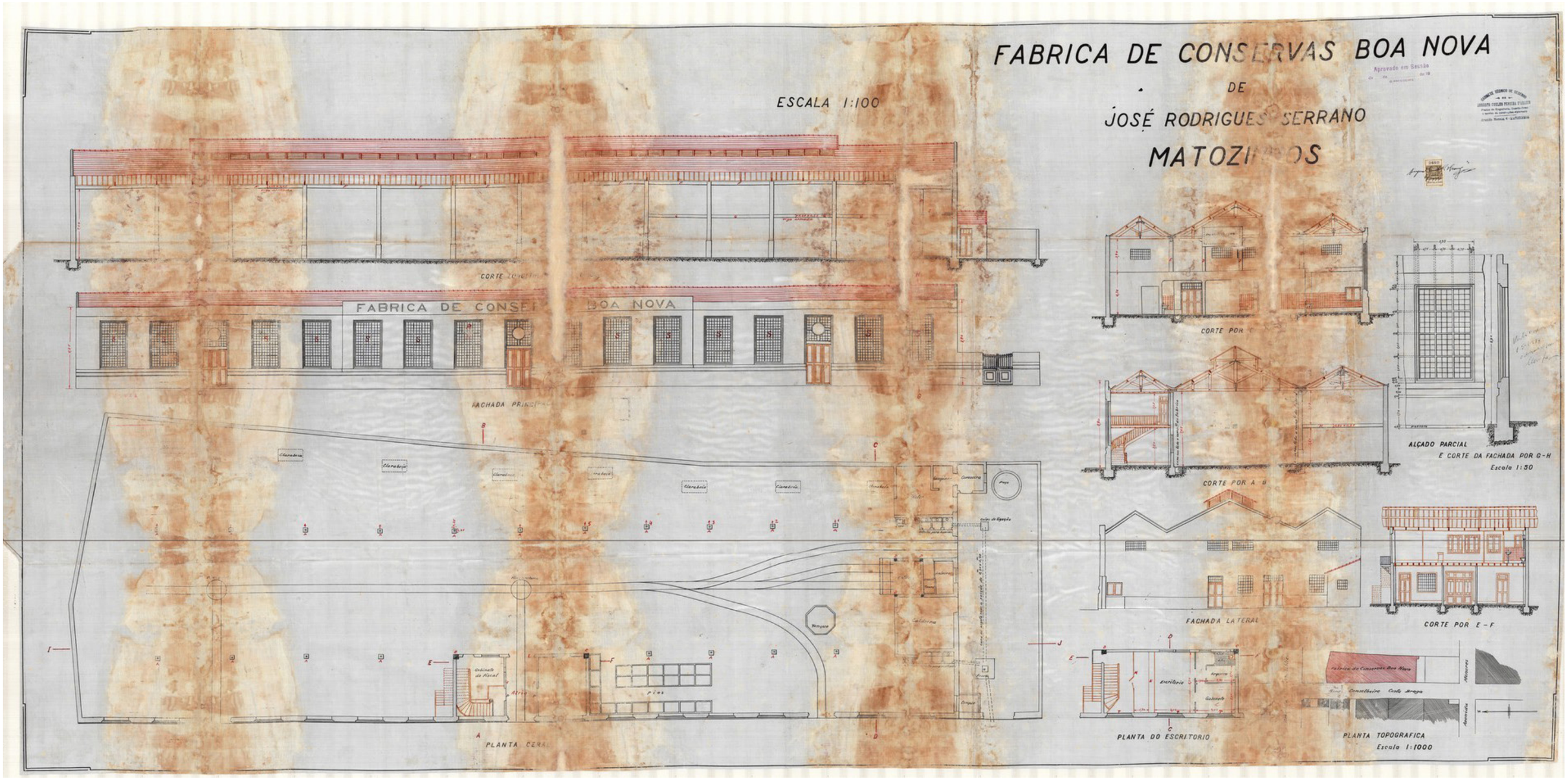
Pelo requerente

Serviços de Engenharia Registo N.º 268 11 de Março de 1947



Digitalização de alguns documentos do processo da Fábrica de Conservas *A Boa Nova*. (aprovados entre 1940 e 1947)

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Matosinhos



Digitalização redimensionada dos desenhos originais da construção da fábrica
(sem data, aproximadamente da década de 1920)

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Matosinhos









Fotografias tiradas a 16 de junho de 2021









Fotografias tiradas a 16 de junho de 2021









Fotografias tiradas por drone a
2 de agosto de 2022









Fotografias tiradas a 27 de julho de 2022